

ENTRE NÓS, OS POBRES, ELES, OS NEGROS

Suely Kofes

SUELY KOFES

ORIENTACAO: VERENA STOLKE

DISSERTACAO DE MESTRADO

MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL, DCS, IFCH, UNICAMP, 1976

SUMARIO

Prefácio	05
Introdução	08
Capítulo I	15
Capítulo II	43
Capítulo III	70
Capítulo IV	98
Conclusão.....	128
Notas	126
Bibliografia	147
Anexos	159

Este trabalho é oferecido ao Lúcio, Natália e Juliana, e aos moradores da Vila "31 de Março". Pela força dada pelo Lúcio, pela existência da Natália e da Juliana, pelo carinho e receptividade dos moradores da Vila "31 de Março".

AGRADECIMENTOS

À Verena, que foi uma orientadora como se deve ser: sugerindo idéias, mas respeitando as minhas próprias; à FAPESP, que me concedeu uma bolsa para a realização da pesquisa; a COHAB-Campinas, que me forneceu dados importantes para este trabalho; aos moradores da Vila "31 de Março", pela convivência tão amiga, particularmente à Cleonice, que insistia em ver seu nome no "livro" e sugeria que o título deveria ser "A Vila Maluca"; aos meus pais, pelo estímulo e carinho.

PREFÁCIO

Praticamente todos os trabalhos realizados no Brasil a respeito de “Branços e Pretos” observam que é na “classe baixa”, como denominam alguns, ou no “proletariado”, como dizem outros, que está concentrada a “população de cor” e que, portanto, lá existe maior convívio entre ela e os “brancos”.

Feita a constatação, não fica muito claro como, nessa “camada”, se manifestam - e com qual sentido - as representações a respeito do “negro”. No trabalho “Cor e Mobilidade Social em Florianópolis”, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni sugerem que na “classe baixa” é menor o preconceito racial, ao passo que, quanto mais se sobe na escala social, mais ele aumenta. Em “Branços e Negros em São Paulo”, Roger Bastide e Florestan Fernandes observam que aquele preconceito pode prevalecer sobre a classe e que no proletariado, fora da situação de trabalho, ele se faria presente nas relações entre “brancos” e “pretos”. Entretanto, em nenhum dos trabalhos é dedicada uma atenção particular e específica a esses aspectos.

Essa ausência e meu interesse particular pela compreensão do vivido e do pensado daquele grupo social sugeriram-me a pesquisa da qual resultou este trabalho. Em 1973, apresentei um projeto de pesquisa a FAPESP, intitulado “Preconceito e Discriminação Racial em uma Vila Popular do B.N.H.”. Se este projeto tem muito a ver com o modo como encaminhei o trabalho de campo, isso não ocorre entre as propostas analíticas lá expostas e as que efetivamente guiaram o tratamento teórico do meu material. Por exemplo, não me preocupei nem em diagnosticar nem em medir o grau seja do preconceito, seja da discriminação. Preocupei-me em caracterizar um “corpus” de representações onde está construído o “negro” e em sugerir o sentido da sua existência nas relações internas do grupo estudado.

O modo como apresento este trabalho possibilita que o material obtido se preste a abordagens diferentes. Acredito que um mesmo material empírico seja passível de receber diferentes tratamentos analíticos. Para me restringir aos exemplos, a Antropologia oferece-nos várias amostras de reinterpretações: Uberoi reinterpretando os dados de Malinowski, Gluckman, os de Evans-Pritchard, etc..

A uma coisa este trabalho não se presta: à análise da “cultura negra”. Este não é um trabalho, nem apresenta material, sobre o “negro no Brasil”, naquela perspectiva que fazia abstração de um conjunto de relações sociais e buscava, na “cultura brasileira”, a “cultura africana”.

Na Introdução, apresento um relato do meu trabalho de campo. Não no sentido de contar minhas peripécias de antropóloga, mas para tornar compreensível o material que apresento, pois, em estudos como o que realizei, o tipo de material que se consegue vincula-se ao modo como se dá o trabalho de campo.

No primeiro capítulo, falo de Campinas, cidade onde o trabalho foi realizado. Apontadas algumas das características gerais da cidade, passo à descrição da Vila “31 de Março”. Como se trata de uma vila planejada, ela apresenta certas particularidades com relação aos bairros “espontâneos” ou mesmo às favelas. Por isso fiz uma caracterização mais minuciosa, salientando como ela é vista e como nela vivem os que nela habitam.

No segundo capítulo, apresento os moradores da vila. Em suas características sócio-estruturais e também como eles se classificam internamente. Um traço saliente nesta classificação é a ênfase na desigualdade interna. Como a COHAB-Campinas, financiadora da construção da vila, entrega aos moradores um conjunto de casas iguais, uma das marcas dessa desigualdade interna será a reforma da casa. Daí a pergunta-título – “Casas iguais para pessoas iguais?” – enquanto no capítulo anterior o título estava no afirmativo – “Casas iguais para pessoas iguais”.

Mostrados esses aspectos, sugiro que na situação da vila, não devido ao local em si, mas por fatores contraditórios que nela se articulam, manifesta-se um aguçamento da necessidade de se marcar desigualdade. Sinais diacríticos pessoais, pelo que eles significam, são também lembrados para diferenciarem internamente os moradores, inclusive sinais diacríticos que, neste trabalho, estou chamando “sinais diacríticos étnicos”. Denomino-os assim porque, nas representações das pessoas, há associação entre alguns sinais diacríticos (cor da pele, cor e tipo de cabelo, etc.) e uma “raça”, uma “origem”, uma “cultura”. Além disso, essa denominação serve para particularizar esses sinais frente a outros sinais diacríticos pessoais, como roupa, sujeira, etc.

No terceiro e no quarto capítulos, portanto, procuro apresentar um conjunto de representações em torno desses sinais diacríticos étnicos, são mesmo tempo em que

procuro mostrar como eles se prestam a serem utilizados como marcas de desigualdade entre os moradores da vila.

Na Conclusão, refiro-me às abordagens que certos autores fizeram sobre alguns aspectos importantes das “relações raciais” no Brasil (1). E termino propondo sugestões sobre o assunto, esmerando contribuir para a continuidade dessa reflexão ameaçada de se tornar “demodée”.

Estou consciente de que as representações que pude reconstruir neste trabalho não foram criadas na e pela situação da vila. Elas são parte de um universo ideológico mais amplo, de cujo repertório esses moradores retiram determinadas categorias e suas respectivas significações, às vezes reelaborando umas e outras. Se a desigualdade permeia o conjunto das relações sociais, a vila oferece-nos uma situação específica em que se aguça a necessidade de marcá-la.

Que os aspectos desigualizadores dessas representações se mostrem tão incisivos poderia ser explicado pelo fato de que são justamente eles - e não seus contrários - que têm a ver mais diretamente com o meu objeto de estudo. Tratava-se de saber como eles se manifestavam nas representações de um grupo social específico. Considerá-los os únicos elementos constitutivos do universo ideológico das classes populares seria, portanto, ignorar que não estudei a ideologia das classes populares. Seria, em suma, tomar, num duplo sentido, a parte pelo todo.

Entretanto, essas considerações não devem induzir-nos a, por outro lado, ignorar que o aguçamento da manifestação daqueles aspectos, longe de ser fruto de uma ilusão de ótica do pesquisador, é real.

E, para terminar, também estou consciente de que este aguçamento se explica não apenas por aqueles fatores combinados na situação de moradia do grupo que estudei, mas também, e principalmente, por fatores políticos, em alguns dos quais possivelmente se localizariam certas determinações dessa “situação de moradia”. Um estudo desses fatores políticos implicaria, necessariamente, numa análise das forças sociais presentes na cena política brasileira e do estado atual da correlação entre elas.

Introdução

A história do meu trabalho de campo - porque ele tem uma história - começou no segundo semestre de 1972. Eu estava cursando o Programa de Mestrado em Antropologia Social desde abril do mesmo ano e fazia, entre outros cursos, dois que teriam influência decisiva na elaboração do meu projeto de pesquisa: o curso de Métodos, com o prof. Peter Fry, e o curso de Relações Raciais, com a profa. Verena Martinez-Alier. O primeiro construía-se na discussão de procedimentos metodológicos de trabalho de campo, concretizando-se nas discussões em torno de nossas preocupações de pesquisa. Quando ingressei no Mestrado, eu já tencionava fazer uma pesquisa entre “proletários”. Passei então a concretizar mais meu objeto de estudo e para isso contribuíram as discussões que fazíamos em torno de “raça e classe” no curso da profa. Verena.

Foi aí que escolhi uma vila popular planejada, talvez motivada pelo fato de que via uma delas quase diariamente, ao ir para a UNICAMP. Aquelas casas tão juntas, tão aparentemente iguais, despertavam-me para a vida dentro delas. Seria urna vida também tão igual?

Naquele segundo semestre de 72, visitei as várias vilas populares planejadas de Campinas e escolhi a menor e a que propalavam, ser a mais “homogênea”. Era a Vila “31 de Março”, onde eu já fizera alguns trabalhos, com vistas ao curso de Métodos: observação de situações sociais, levantamento de história de vida. Concomitantemente, redigia meu projeto de pesquisa, onde insistia na necessidade de morar na vila para poder apreender, de dentro, a vida dos seus moradores. Passei, então, de dezembro de 72 a julho de 73 tentando conseguir casa na vila. Primeiro, sem revelar minha condição de pesquisadora, candidatei-me a uma casa na COHAB. Fiz minha inscrição por meio de uma amiga que conhecia uma das assistentes sociais daquela instituição. Mas, para a Divisão Social da COHAB, eu era gritantemente uma não moradora da vila. Apresentava marcas que me excluía, sob vários aspectos, do padrão de seus moradores.

Porém, enquanto aguardava, tentava, na própria vila, alugar uma casa. Mas logo descobri que isso tinha que ser falado em voz baixa, a menos que a casa já

tivesse sido quitada com a COHAB. Apesar de minhas tentativas, nem a COHAB me “dava” a casa, nem eu encontrava uma para alugar.

Em março de 73, apresentei-me como pesquisadora à COHAB, com uma carta oficial da UNICAMP, na qual solicitava-se uma casa e explicitava-se com qual finalidade eu moraria nela. Em junho, fui chamada a conversar com o presidente da COHAB, que me explicou ser impossível conseguir-me uma casa “porque tem muita gente necessitada precisando dela”. Mas apresentava-me uma solução. Como as freiras que atuam na vila utilizam uma sede comunitária, que é uma casa como as outras, eu poderia usar um dos cômodos da casa para o meu trabalho. Fui, então, levada até a vila e apresentada às freiras pela chefe da Divisão Social da COHAB. E foram-me também abertos os arquivos da COHAB, onde, a partir dos dados constantes das fichas de inscrição dos moradores, eu poderia fazer um levantamento sócio-econômico da população da vila (modelos da ficha de inscrição e da ficha que confeccionei para anotar os dados que me interessavam estão, respectivamente, nos Anexos I e II).

Assim, em agosto de 73, comecei a pesquisa propriamente dita. Nos dias de semana, nos arquivos da COHAB, onde, além das informações sobre os moradores, obtinha dos funcionários com os quais convivi, informações de ordem mais geral. Informações que me forneceriam dados para o primeiro capítulo.

Nos fins de semana, ia à vila. Para minimizar os efeitos da entrada “por cima”, comecei a estabelecer outros tipos de contato, além dos que fazia por intermédio das freiras. Foi assim até outubro, quando terminei o levantamento na COHAB e passei a ir todos os dias - e lá ficar o dia todo - à vila.

Procurei inicialmente as pessoas que conhecera quando fizera aqueles trabalhos para o curso de Métodos e as quais eu me apresentara depois como alguém que “queria morar na vila”. Passei a ser para elas “a moça que queria casa”. E era geralmente nesse sentido que dirigiam suas informações sobre a vila: onde havia casa desocupada por abandono ou despejo, onde havia pessoas com pagamento atrasado, o que poderia ser aproveitado para tentar conseguir casa junto à COHAB, coisas desse tipo.

Nessas conversas com elas, fiquei sabendo da existência de um pastor protestante que tinha sido membro da diretoria da “Sociedade Amigos de Bairro” local. Fui então procurá-lo. Apresentei-me a ele e, como eu disse que conhecera as freiras, ele observou:

“se você está do lado das freiras, tá bem, porque elas tem gente que trabalha pra elas em cada rua”. Ao identificar-me com as freiras, mostrou-me que havia “o lado das freiras”, que não era exatamente o seu. Por meio dele, cheguei até Claudete* que foi uma informante valiosa sobre a vila. Claudete e sua família introduziram-me tanto na “Sociedade Amigos de Bairro” como em grupos de relações, de jovens ou não, opostos aos das freiras.

Fui apresentada por uma das freiras a D. Berenice, um dos membros mais ativos do “grupo das irmãs”. D. Berenice levou-me a várias casas e apresentou-me a muitas pessoas, cuja escolha eu deixava por conta dela. Assim, se Claudete me levava a momentos institucionais (MOBRAL, visitas ao médico que dava atendimento na vila) e apresentava-me pessoas envolvidas nessas situações, D. Berenice apresentava-me, de preferência, a pessoas do “grupo das irmãs” ou de famílias “boas” da vila.

A partir dessas três bases, a primeira coincidentemente não vinculada nem ao “grupo das irmãs” nem à “Sociedade Amigos de Bairro” - tive acesso a diferentes pessoas na vila. Os conhecidos apresentavam-me outros e a minha rede de relações na vila foi estendida.

De fins de setembro a fins de dezembro de 73, eu visitava pessoas na vila (às vezes passava tardes inteiras na casa de alguém) , sedimentando relações ou fazendo novas. As conversas eram as que se puxavam e eu não dirigia nenhuma, nem fazia entrevistas. Depois escrevia tudo em cadernos, nos intervalos entre as visitas (no cômodo que me foi permitido usar na vila) ou em casa, à noite.

A maioria dos moradores identificava-me, à primeira vista, como assistente social da COHAB e, como tal, ou se dirigiam a mim com desconfiança ou falando em assuntos referentes a problemas das casas. Essa identificação fazia-se principalmente porque, para eles, alguém com minha aparência pessoal, sendo vista todos os dias andando pela vila, só poderia ser uma assistente social da COHAB. Essa imagem era feita principalmente quando eu era apresentada pela Claudete, que é vista como alguém “muita ligada lá na COHAB”.

* Os nomes e endereços de moradores da vila que constam neste trabalho são fictícios.

Dessa forma, algumas pessoas, no início do contato, procuravam experimentar-me. No meio da conversa, falavam: “ ... você, que mexe lá com a COHAB...”. Só depois de maior intimidade com elas é que isso deixava de ser feito.

Um aspecto foi constante em todo o trabalho de campo. Eu era considerada “superior” a eles. E todos os sinais eram comentados: a roupa com que eu aparecia, a forma de falar, minha ocupação, o que eu comia, como e onde vivia e o que fazia na vila. Por exemplo, ao se referirem aos meus hábitos alimentares, diziam: “rico não janta”. Como, na classificação deles, rico está fora- da vila, ser considerada rica indicava-me que eu não era, para eles, “de dentro”.

Desde o primeiro momento e para todas as pessoas, eu dizia o que estava fazendo na vila, na forma muito antropológica de explicar que estava ali para escrever um livro, contar a vida deles. Isso era reinterpretado e eu aparecia também como “a moça que faz reportagem”. Também, como eu “ia escrever um livro”, pensava-se que eu deveria saber tudo sobre a vila. Eu era convidada para visitas a doentes, levada para assistir aos atendimentos médicos no ambulatório da vila, às inscrições de pessoas no MOBREAL, e ouvia os casos “escandalosos” ou as tragédias que ocorriam com as famílias.

Algumas das minhas características pessoais foram importantes em todo o trabalho de campo: ser mulher e ser jovem, casada e sem filhos.

Ser mulher, além do fato de que os homens quase não ficam na vila, contribuiu para que minha interação fosse principalmente com mulheres. Casada, podia participar de assuntos “proibidos” para as solteiras. Em várias conversas, quando não se sabia meu estado civil. e o assunto enveredava por certos caminhos proibidos, logo vinha a pergunta prevenida: “cê é casada, né?” Ser jovem e sem filhos compensava o estado civil e abria contato com os solteiros. Minha entrada, por exemplo, na reunião do grupo de jovens da “Comunidade Cristã” da vila foi permitida após o seguinte diálogo:

Márcia> A gente reúne todo domingo.

Suely: Posso participar da reunião de vocês?

Márcia: Você é casada?

Suely: Sou.

Márcia: Tem filhos?

Suely: Não.

Márcia: Ah, então não tem problema.

Eu controlava meu comportamento em relação aos moradores, tanto para confirmar uma imagem considerada salutar para o trabalho de campo, como para tentar mudar qualquer uma que fosse prejudicial ao seu desenrolar. Eu, como todo pesquisador de campo, manipulava impressões (1) . Por exemplo, evitava ser vista apenas com certas pessoas, o que poderia prejudicar minhas relações com outras, assim como evitava ser identificado com as instituições públicas ou privadas que atuavam na vila.

A manipulação da minha identidade era bilateral. Ser “de fora” era valorado positivamente por eles e eu tinha acesso a informações que um “de dentro” não teria. Por exemplo, uma mulher, em conversas, informais, falou-me as suas “posses” (uma poupança relativamente respeitável e um terreno fora do município de Campinas) além de uma série de aspirações. Isso não seria dito para um “de dentro” pois, conforme a pessoa explicitou, “ninguém da vila pode saber disso, senão cria inveja e dá tudo pra trás”. Essas informações para um “de dentro” prejudicariam a sua imagem e as suas relações na vila. As mesmas informações dadas a mim - ela acreditava - melhorariam a sua imagem. Que ela tenha dado essas informações a uma das freiras (“porque alguém de fora da família tem que saber em caso de alguma necessidade”) mostrou-me que as freiras eram consideradas “de fora”, o que se confirmou durante todo o trabalho de campo. Por isso, embora elas morem lá, não as incluí em minha agenda de entrevistas. Visitava-as, colhia informações sobre a vila, ficamos amigas, mas não as tomei como “moradoras da vila” no sentido estrito.

Só depois de uma intensa interação com as pessoas, de ter sido aceita na intimidade delas e de ter compreendido a sua linguagem, comecei as entrevistas gravadas. Isso me permitiu perguntar a respeito de aspectos que já observara na vida deles como também elaborar as perguntas de modo a lhes fazerem sentido. Basicamente, todo o material de

discurso contido neste trabalho foi retirado de fitas gravadas, sendo portanto fiel às expressões, ao modo de falar dos próprios moradores.

De fevereiro a junho de 1974, fiz as entrevistas, que eram realizadas ou nas próprias casas das pessoas, se elas o preferiam, ou na sede comunitária. Em ambos os casos, havia, antes ou depois destas entrevistas gravadas, conversas que eu anotava mais tarde.

Os roteiros de entrevistas (Anexo III) eram estritamente roteiros para mim e não limitavam a conversa das pessoas. Como eu já tivera um longo convívio com estas pessoas, não havia inibição nas entrevistas, que se desenrolavam de modo bastante “natural”.

Convivi com mais de cem pessoas - com uns mais aprofundadamente, com outros, menos - frequentei quermesses, bazares, festas particulares, missa, etc.. Essencialmente, porém, como os momentos públicos eram tão raros e tão pouco frequentados, desenvolvi minha pesquisa mais nas casas das pessoas.

Sabendo de antemão, por meio das leituras sociológicas sobre as “relações raciais” no Brasil (2), da crença no caráter democrático dessas relações, tomei cuidado em não provocar o “assunto racial” direta e imediatamente. Testei inclusive. Quando ele surgia espontaneamente e eu fazia perguntas mais diretas, a primeira reação era dizerem: “ah, esse negocio de cor não influi em nada” ou “tanto faz ser branco, preto...” Perguntas como “você deixaria seu filho casar com uma preta?” nunca foram feitas. Tudo o que apresento sobre “cor” aqui ou surgiu naturalmente, e eu pude observar porque estava lá, ou foi conseguido por meios indiretos”. Neste caso, eu pedia para descreverem pessoas fisicamente, e aí a cor “era descrita; pedia para falarem, sobre as relações sociais deles sobre situações vividas e imaginarias e sobre a vila; e pedia para definirem as categorias que usavam.

Exceto nos poucos casos em que isso foi imprescindível, não fiz, neste trabalho, associação entre “quem fala” e “o que é falado”, pois decidi apenas reconstruir o universo de representações sobre o “negro”. Inclusive é importante observar que mesmo pessoas “pretas” referiam-se, em certos momentos do discurso, aos “negros” como “eles” ou emitiam declarações como estas: “tava aquela macacada na porta” ou “preto é sem educação mesmo”. Para os objetivos deste trabalho, portanto, pude omitir aquela associação.

Justifico esta introdução fazendo minhas as palavras de Berreman: “Não tenciono que seja um modelo, que os demais devam copiar. Conto o que acontece, o que fiz, porque o fiz, e com que efeitos aparentes. Como em todos os trabalhos de campo, as escolhas nem sempre foram minhas e os resultados frequentemente eram inesperados. Espero que esse relato seja útil aos que pretendem realizar pesquisas de campo e que seja um estímulo a que mais etnógrafos tornem acessíveis o seu conhecimento e as suas opiniões sobre a experiência de campo.” (3)

CAPÍTULO I. CASAS IGUAIS PARA PESSOAS IGUAIS.

“El fondo de la solución, tanto la burguesa como la pequeño-burguesa, del ‘problema de la vivienda’ es que el obrero sea propietario de su vivienda.” F. Engels, “El Problema de la Vivienda”.

“A casa é fator de integração e bem-estar da família.” “Slogan” oficial, Brasil, 1975.

Neste trabalho, procuro analisar um modo específico como certos princípios - desigualdade, propriedade privada e individualismo -- que tenderiam a manifestar-se, com maior ou menor intensidade, no conjunto das relações sociais de uma formação capitalista, se fazem presentes em determinadas relações internas de um setor específico das classes populares.

Escolhi para isso um grupo de pessoas que compartilham uma experiência de moradia específica. Moram, em Campinas, em uma vila popular que teve sua construção financiada pela Cooperativa Habitacional de Campinas (COHAB-Campinas) , ligada ao Banco Nacional de Habitação (B.N.H.), o qual se propõe o objetivo de difundir “a propriedade residencial. . . entre as classes menos favorecidas” (1) .

Há um conjunto de atributos que formam a imagem que os habitantes de Campinas constróem sobre a vila popular: perigosa, desordeira, moradia de favelados e de mocambeiros, moradia de preto. Esta imagem, ao mesmo tempo em que valora negativamente a vila popular, homogeneiza seus moradores.

Os critérios da COHAB também têm uma homogeneização como pressuposto. Isso se expressa, por exemplo, no arranjo arquitetônico das vilas, cujas casas são iguais, variando apenas em algumas poucas cores e número de quartos.

Será que a contradição contida no fato de os moradores serem considerados iguais e serem “proprietários” individuais de suas casas numa sociedade profundamente desigual afeta, de alguma forma, a interação e as representações dos moradores da vila popular? Mais especificamente, de que forma o uso da “cor”, como sinal diacrítico, se manifesta aí?

I. 1. A CIDADE

Com sua fundação ligada ao caminho aberto para as minas de Goiás, Campinas inicia sua história na primeira metade do século XVIII, como bairro rural. Foi só depois de cerca de um século que sua estrutura urbana se delineou e a cidade passou a ocupar uma posição privilegiada numa região em que começara a florescer a cultura de café. De meados do século XIX a meados do século XX, Campinas foi essencialmente centro comercial e de serviços (2). Seu crescimento urbano intensificou-se a partir de 1950, acelerando-se mais ainda nos últimos dez anos. De 98.500 habitantes em 1940, a população da cidade aumentou para 123.214 habitantes em 1950, 209.377 em 1960 e 375.864 em 1970 (3).

A aceleração do crescimento populacional da cidade é associada ao grande índice de migrações para Campinas, originárias do interior do Estado de São Paulo e de outros Estados, com predominância de Minas Gerais.

Esse fluxo migratório está vinculado ao estabelecimento de grandes grupos industriais na região de Campinas, o que não poderia deixar de atrair mão-de-obra de áreas economicamente estacionárias ou decadentes ou mesmo de regiões onde, com o estabelecimento de empresas capitalistas, foram sendo destruídas formas de exploração econômica “tradicionais” (4).

Ao processo de urbanização de Campinas aplica-se a observação de Paul Singer de que “as cidades que acabaram por se industrializar foram, geralmente, aquelas que já tinham relativa expressão urbana por terem sido antes importantes centros comerciais” (5). Em Campinas já havia uma urbanização ligada a outras atividades (agricultura de

café em moldes capitalistas, comércio) que favoreceu o estabelecimento de indústrias, as quais, por sua vez, impulsionaram essa urbanização.

Após a segunda guerra mundial, mais particularmente na década de 50, é que começaram a estabelecer-se em Campinas as chamadas indústrias de grande porte. E foi justamente nessa época que passou a aumentar mais rapidamente o número de migrantes que vieram para a cidade (4.777 em 1950, 51.349 em 1960) (6) .

Até 1960, a atração era basicamente promovida pela indústria de transformação, pois só a partir desse ano a construção civil passou a ter importância significativa. O contingente ocupado pela indústria de transformação em 1950 era de 7.699 indivíduos e, em 1960, de 19.260, enquanto o número de trabalhadores na construção civil, de 2.016 em 1960, aumentou gradativamente até chegar a 3.371 em 1968 (7).

Os operários especializados empregados em Campinas vieram, em sua maioria, dos municípios vizinhos e são contratados principalmente pela “BOSCH”, “SINGER”, “GENERAL ELECTRIC” e “SWIFT” (8). Já a mão-de-obra não qualificada é constituída não só por migrantes oriundos de várias regiões do Estado de São Paulo como também do sul de Minas Gerais e norte do Paraná. Diariamente “apresenta-se, de forma espontânea, uma média de 4 a 5 operários não qualificados solicitando emprego” em Campinas (9).

Com o aumento populacional de Campinas, seu mapa urbano ampliou-se. Áreas até então inabitadas são loteadas ou nelas espontaneamente se constróem barracos. As casas antigas do centro são superpovoadas: alugam-se porões, fundos e cômodos internos para várias famílias. São os chamados cortiços, que não só existem no centro, mas também proliferam nos bairros (10) .

A construção de prédios residenciais ou de serviços, a construção de novas vias públicas e o aumento da procura de imóveis criam condições para intensificar-se a especulação imobiliária. E Campinas, assim, apresenta muito claramente o “problema da moradia” (11) . Cômodos insalubres, pequenos espaços para grandes famílias, coabitação de várias unidades domésticas não aparentadas e alto preço dos aluguéis (12) .

I.2. COMO TORNAR-SE UM MORADOR DA VILA POPULAR

A responsável pelo financiamento das construções das vilas populares em Campinas é a Cooperativa Habitacional de Campinas (COHAB-Campinas). Criada em 17/02/65, pela lei municipal 3.213, é uma sociedade de economia mista cujo maior acionista é a prefeitura municipal de Campinas. É ligada ao B.N.H. (13) no plano de construções populares (vilas cujo critério básico de seleção é renda familiar de três a cinco salários-mínimos e conjuntos de apartamentos destinados, em princípio, a famílias com renda de cinco a oito salários-mínimos) . Embora a COHAB Campinas atue também em outros municípios, seus maiores investimentos têm sido em Campinas. Aqui foram financiadas as construções de oito vilas e um conjunto de apartamentos, já entregues aos moradores.

Existe em Campinas uma outra cooperativa habitacional ligada ao B.N.H., a COHAB-Bandeirantes. Entretanto, embora sediada nesta cidade, ela só atua em outros municípios vizinhos, nos quais também atua a COHAB-Campinas. Neste trabalho, sempre que falar em COHAB, estarei me referindo à COHAB-Campinas.

É impossível compreender a política e a prática habitacionais dos conjuntos populares com base apenas nas normas ideais emitidas pela COHAB. É o que se deduz da análise do processo de seleção dos candidatos à compra das casas, como mostrarei mais adiante, e também do aluguel de casas (ou parte delas) , da construção de mais cômodos e várias outras reformas, tudo isso apesar do “não” oficial da COHAB aos que o solicitam.

Tudo isso é feito e, se fura as normas, dinamiza a prática, na medida em que, dessa forma, os moradores reafirmam sua própria experiência social. Por exemplo, se no planejamento arquitetônico e familiar da COHAB a casa é prevista para ser a residência de uma unidade doméstica, não é incomum encontrarem-se duas ou até três unidades domésticas, aparentadas, residindo na mesma casa. Ou a construção de cômodos nos fundos das casas, para os quais os habitantes da vila trazem parentes, principalmente matrilaterais, para morarem próximos de si.

É importante acrescentar que 80% dos inscritos na COHAB são migrantes (14), o que enfatiza mais esse aspecto que acabei de levantar. Pois isso ocorre principalmente

com migrantes que, uma vez instalados, tendem a atrair para junto de si certas categorias de parentes. Essa prática é comum nos bairros de crescimento espontâneo, como o demonstra a pesquisa de Célia Leitão Ramos (15) num bairro popular não planejado em Campinas.

Dessa forma, a prática da moradia passa a ter vinculação muito mais estreita com os padrões sociais dessas pessoas do que com as normas ideais da COHAB. Mesmo dentro dos limites rígidos estabelecidos por esta, os moradores conseguem, até certo ponto, recriar certos laços sociais importantes.

A mesma defasagem entre normas ideais e prática ocorre também num outro nível: o do processo de seleção dos candidatos.

“Por que você não pega um dos apartamentos?” foi a pergunta da assistente social da COHAB quando tentei, ainda sem revelar minha condição de pesquisadora, conseguir uma casa na vila. Em sua pergunta estava implícita a idéia de que eu não era pessoa para morar na vila e, portanto, o pressuposto que há um tipo particular de pessoas para as quais se destinam as vilas populares.

No termo de compromisso que o candidato selecionado para adquirir a casa assina com a COHAB esse pressuposto se explicita: fulano de tal, “inscrito nesta COHAB para aquisição da casa própria, tendo sido selecionado, em razão de sua atual situação econômica, constante de sua ficha de inscrição, foi considerado em condições de adquirir uma casa ... para o qual declara que não é proprietário de imóvel residencial neste município...” (16).

Os critérios de seleção adotados pela COHAB são principalmente nível de renda e ausência de propriedade de imóvel residencial. Embora não explicitados no termo de compromisso, outros critérios também são utilizados, como nível cultural (17) e situação de moradia (em vários processos a que tive acesso nos escritórios da COHAB encontrei atestados de submoradia) .

Mas se esses critérios norteiam idealmente os princípios de seleção dos candidatos, ao nível do processo real de sua escolha um outro elemento tem que ser considerado. Trata-se das relações políticas que o candidato ativa com o objetivo de ser selecionado. Acompanhemos o processo.

Quase sempre por meio de informações pessoais (18), as pessoas - na maioria dos casos, mulheres - tomam conhecimento da existência das vilas populares. O passo inicial é a inscrição na COHAB, o que também é feito, na maioria das vezes, por mulheres, embora em nome dos homens (19). As inscrições em nome de mulheres só ocorrem quando elas são viúvas, “separadas” ou desquitadas, ou quando os maridos não são “capazes de assumir a responsabilidade do pagamento das mensalidades”. Por exemplo, quando o marido “bebe”.

Feita a inscrição, os pretendentes aguardam a chamada, numa espera que já chegou a durar mais de dois anos. Já nesse primeiro momento podem ser importantes as relações políticas a que me referi acima pois, graças a elas, muitas inscrições são feitas fora do prazo. Mas no momento em que uma nova vila está prestes a ser inaugurada é que essas relações podem adquirir uma importância crucial. Como há mais candidatos do que casas disponíveis - na época de minha pesquisa havia 6.000 inscritos e nenhuma vila sendo construída - nem todos serão chamados ao mesmo tempo. E os que não conseguirem casa terão que aguardar a construção de uma outra vila ou os despejos de moradores das vilas já existentes.

Em uma outra vila popular de Campinas, onde também conversei com diversas pessoas, pude observar, embora de forma um tanto assistemática uma considerável heterogeneidade no que se refere a nível de renda, padrão de consumo, etc. Quando perguntei, provocativamente, por que pessoas de “posição mais elevada” moravam lá responderam-me que isso fora conseguido graças a “conhecidos na política” (20).

Se por um lado existem critérios “objetivos” de seleção, por outro, como existe sempre um excedente de inscritos, é frequente a intervenção dos “políticos” (vereadores, deputados, prefeito, burocratas) nesse processo de seleção. Cria-se então um “circuito de troca”, o que se evidencia nas declarações das pessoas que recorreram a essa intervenção. A relação casa-voto aparece explícita não só nessas declarações como também transparece nas vinculações dos “políticos” com as “Sociedades de Amigos de Bairro” das vilas populares (21). Exceto uma, todas as pessoas que entrevistei conseguiram casa por intermédio de elementos que tinham algum tipo de poder junto à COHAB. O caso que se segue é representativo.

“... aí era época de eleição, sabe? Minha mãe... a gente tava naquele problema tudo, né? Que meu pai tinha morrido. Então mamãe procurou um candidato a.. a ... vereador. Não me recordo o nome dele agora. Ele era candidato com o Romeu Santini. E explicou nosso problema pra ele ... tal ... né? Lá em casa tinha bastante voto, né? E ele conseguiu nos arrumar uma casa...mais num conseguiu imediatamente não, sabe? Minha mãe já tinha feito inscrição, esperando casa... tal. Ele foi lá e deu uma apressada...As eleições foi em 15 de novembro ... as casas daqui foi...começou a entregar as chave...foi em janeiro... foi assim ... em fevereiro. Então a gente tava desesperado. Precisa-no de arrumar uma casa porque lá a gente pagava muito caro e a gente ganhava pouco. Quem trabalhava na minha casa só dois irmãos mais velho meu. Que ... que realmente podia fazê alguma coisa pra sustentá a família, né? Então a gente ... ninguém deu contra... todo mundo quiz vim ... Quem mais fez força foi minha mãe, sabe? Porque meus irmãos tudo trabalhava, não tem tempo de ficá...corre aqui, vai ali, vai aqui, né? Então quem fez assim mais essa força foi minha mãe. Quem ia em todas reuniões que tinha na COHAB ... ela tava em cima, tal, né? E mais a ajuda do candidato a vereador, lá. Inclusive ele não ganhou, sabe? Mas a gente votou todo mundo nele.”
(22)

A exceção:

Ah, nós...não...a coisa foi assim. Quando saiu a inscrição, o Tadeu foi fazê. Ele perguntou o que eu achava, né? Porque a gente ouvia falar casa de COHAB, né? Porque quando nós mudamo pra cá a primeira vila que minha saído era a Vila Rica... porque nós morava no Proença e o moço que a gente comprava na venda dele e o irmão dele tinha montado uma venda nova nesta vila. Então eles falavam ‘um conjuntinho de vila...de 500 casa’. Eu não conhecia, dizia: ‘que será que é isso’, né? Era na Vila Rica. Aí falei pro Tadeu: ‘Tadeu, tem esse negócio aí de pagá pouco. Acho que e melhor a gente comprá uma, né?’ O Tadeu nunca ligou. Depois, quando nós morava ali na Maria Quitéria, o Tadeu falou: ‘Ah, Tide, acho que eu vou fazê uma inscrição’. Ele foi e fez, né?

Mas como saía, saía... saiu Boa Vista... saiu tanta casa...a Castelo Branco ... pois nunca saiu ... Eu tinha até esquecido dessa casa. Aí, quando eu falava pra ele...ele precisa comprar alguma coisa pra deixar pras meninas, né? Se acontece alguma coisa, as criança tem alguma coisa... deixa o que, né? Aí ele pegou e disse que tinha sido sorteado, né? (Vocês foram atrás de alguém para conseguir a casa?) Não. Por isso que eu falei, às vezes o pessoal fala: 'Ah, vou trabalhar pra tal político ... eu devo minha casa.' Eu digo: 'Eu não devo pra nada'. Porque o Tadeu saiu, não sei se foi na Avenida da Saudade... ele saiu de madrugada, veio em casa, tomou um lanche e voltou pra fila. Ficou um dia inteirinho dum quinze de novembro na fila pra pegar a casa. Quer dizer, eu não devo minha casa pra ninguém ... pra ele só, né?

No caso da Vila "31 de Março" essa relação casa-voto pode ter melhor percebida, desde que a vila foi entregue em um ano de eleições e, portanto, o conseguir morar lá e o conseguir a instalação de infra-estrutura (água, luz, asfalto, ônibus) foi sendo feito no decorrer de um processo eleitoral. O que era de direito aparecia como dívida. Apresentar-se à COHAB, segundo os critérios que ela própria estipulava para a obtenção da casa numa vila com infra-estrutura mínima, era um direito. Conseguí-lo aparecia como dívida.

Conseguir efetivamente a casa vai estar na dependência de, após a inscrição e prova de se poder ser morador da vila popular, ser estabelecida uma aliança com pessoas que têm poder mas que dependem, para a manutenção deste poder, de sua elegibilidade, ou da de algum correligionário, pelos "cidadãos".

Assim, forma-se o intercâmbio: vai casa, volta a obrigação do voto. E não é uma troca que se esgota no ato. Cria o vínculo. Vínculo entre o que oferece o voto, porque é sempre dependente, desde que distante do poder de decisão, e o que recebe o voto, porque outras eleições virão. É nos quadros dessa relação de dependência que se explica o vínculo e não por uma simples obrigação moral de retribuir uma dívida.

A manutenção do vínculo manifesta-se pela doação que o que necessita dos votos faz tanto à vila em geral (verbas para a "Sociedade de Amigos do Bairro", criação de parque infantil, etc.) como a indivíduos que nela habitam.

O cálculo de qual está “mais forte” está sempre subjacente à procura de um ou outro “político”, mesmo quando ela aparece sob a formas de procura a um amigo ou parente. O fundamental na procura é o cálculo da medida do poder do procurado. As relações primárias aqui - amizade, parentesco - aparecem com um conteúdo de reforço a uma relação que é, fundamentalmente, uma relação de poder.

Em fevereiro de 70 ... é, vai fazê quatro anos, eu vim pra cá, porque nós pegamos esta casa, já vim direto aqui pra vila ... Olha, eu consegui a casa porque meu marido foi colega de serviço, colega de escritório, em Ribeirão Preto, desse senhor que hoje é o nosso prefeito. Dr. Lauro Péricles. Eles trabalharam juntos quando o Dr. Lauro era estudante. E nós tínhamos vontade de pegá uma casa aqui. Até, inclusive, um amigo de meu marido veio de Casa Branca pra cá também e ele conseguiu uma casa. Então ele falou pro meu marido: ‘Quem sabe você consegue’ Então o meu marido veio aqui em Campinas e encontrô com aquele do sítio Garré ... Garreti, uma coisa assim, num sei se você conhece, e ele então falou: ‘Olha, se você quê conseguiu uma casa, vá conversá com o Dr. Lauro, que ele é o presidente da COHAB’. Então o Augusto foi lá conversá com o Dr. Lauro e ele prometeu que ia fazê o possível, porque nós não éramos daqui, nós éramos de fora. Ele falô que ia fazê o possível pra arrumá. Mandô que ele fosse fazê inscrição ... um formulário, porque num foi uma inscrição junto com os outros nada. Até ele queria que nós pegássemos uma casa, até era pra nós lá na Boa Vista, mais o Dr. Manuel falou pro Augusto assim: ‘Olha, o senhor espera um pouco’, porque minha filha estudava lá no Ataliba, ‘o senhor espera um pouco, que vai ser construído uma das melhores vilas e perto de onde sua filha estuda, só você ter um pouco de paciência, esperar’. E nós esperamos e num demorou muito, era pra ser me parece fim de julho e o sorteio foi em setembro. Nessa época assim ele falou com o Lauro e já fez a inscrição. Quando foi em setembro que foi o sorteio nós já fomo sorteado, né? De modo que nós recebemos a chave da casa no fim de dezembro. Então o Dr. Lauro fez todo possível, conseguiu, né? Só pediu pra nós, assim, arranje um atestado de residência, como se nós morasse aqui, com parentes, que tava muito apertado, precisava mudar, então gente conseguiria mais fácil ... e eu consegui. Fui na casa de um tio meu que morava na Vila Santa Lúcia e com

outro primo que morava na Vila Santa Mônica, eles assinaram pra mim, eu levei na delegacia, porque tem que ter atestado de residência, tudo. Levei lá na COHAB, tudo muito fácil. Tivemos sorte, logo nós conseguimos.

Que o procurado seja o colega de trabalho de outros tempos não foi o móvel de sua procura. Esse foi, fundamentalmente, a nova posição do procurado que, embora não candidato, era um elemento chave em campanhas políticas e tinha candidatos preferenciais. E a crença, como foi exposta, de que foi pela amizade, reforça um vínculo reelaborado pelas posições diferentes que os outrora “colegas de trabalho” ocupam numa relação de poder.

A troca, nesse caso, não é direta, mas mediada pela instituição. Por meio de carta ou pessoalmente, o procurado apresenta o pretendente à casa à COHAB. Dessa forma, um duplo vínculo é estabelecido: com a financiadora (a COHAB) e com o “político”.

Muitas vezes o vínculo não se faz inicialmente entre o pretendente à casa e o “político”, mas através de um intermediário, o “cabo eleitoral”. Surge então um novo elemento no circuito. Nesse caso, estabelece-se uma gradação de obrigações: ao intermediário e ao “político”.

Ocorre também que, ao invés de simplesmente votar, com os membros da famílias o pretendente à casa passa a compor o grupo dos que “trabalham” para o “político”. Torna-se um arregimentador de votos. Como o voto é secreto, esta forma de retribuição é mais perceptível.

Quando o Orestes Quércia tava pra...esse negocio de eleição, então minha mãe o ajudou, certo? E através dum outro cara lá, que eu não sei quem e o camarada, também meu pai trabalhou na propaganda, esse negócio todo. Então eles conseguiram uma inscrição pra casa.

Um aspecto que me parece importante nessa troca é que elementos daquela “camada social menos favorecida” estabelecem, além do vínculo financeiro (

parcelas mensais de Cr\$ 80,00 ou Cr\$ 100,00) com a COHAB, um vínculo ideológico, que é a adesão a propriedade da moradia, e um vínculo político com aqueles que intervieram no processo de aquisição dessa moradia.

É claro que a ausência dessa última ligação não exclui a importância das duas primeiras nem as possibilidades alternativas de se estabelecer esse vínculo político com outro conteúdo que não a ligação de dependência pessoal. A exceção que citei quanto à forma de conseguir a casa exemplifica uma dessas alternativas. Como a pessoa explicitou, não deve sua casa “pra ninguém...”. Mantive com ela, durante minha pesquisa de campo, uma relação muito estreita e pude observar como estabeleceu com “políticos” um vínculo de outra natureza. Ocupa um cargo importante na “Sociedade de Amigos de Bairro” e, conscientemente, procura manter uma certa liderança na vila. Com tais características, é uma pessoa interessante para as campanhas eleitorais. Assim, ela usa esses vínculos políticos para conseguir “benefícios” para a vila e não diretamente para si própria, porém obtendo, assim, prestígio no âmbito da vila.

Os candidatos selecionados para serem os moradores de uma vila a ser entregue são chamados a comparecerem, em data e local determinados pela COHAB, ao sorteio das casas. E o número da rua e o número da casa de cada um passam a ser uma questão de sorte.

I. 3. IDA PARA A VILA "31 DE MARÇO"

O recebimento das casas e seu início de vida na Vila "31 de Março" ainda estão vivos na memória de todos os moradores com quem conversei.

Antes houve o sorteio:

Quando foi no dia que chamaram pro sorteio, isso no Ginásio do Taquaral, lá no Ginásio onde foi o concurso, nós fomos. Quando chegou a minha vez, porque a gente tinha que enfiá... porque até hoje o meu marido num acredita que era sorteio, sabe? E a gente enfia a mão ali... aquele caxotão, uma urna, sabe; E a gente enfia a mão ali. Onde saísse, na rua L 4 ou L 15 ou W, era lá e acabô e num trocava. Saiu a minha, Z 3, 25.

Para chegarem ao sorteio, as pessoas passaram por todo um processo anterior, de inscrição, de espera, de busca de pessoas com poder para ativar esse processo. A convocação para o sorteio significava que a pessoa fora escolhida para morar na Vila “31 de Março”.

Dessa forma, as relações de parentesco são quase totalmente ausentes no início. Pude registrar apenas um caso em que mãe e filho conseguiram casas na mesma vila e em ruas vizinhas. A vizinhança foi, conforme eles, puramente fortuita.

O que acontece é que parentes vem morar na vila, alojando-se como podem na mesma casa que, projetada para abrigar uma família, chega, em vários casos, a receber três. Outras vezes, os parentes trazidos para a Vila “31 de Março” alugam cômodos construídos, a revelia da COHAB, nos fundos das casas de outros moradores. Após o sorteio, a mudança:

Ah ... eu mudei aqui no dia 24 de janeiro...24 de janeiro de 1970. Porque...porque eu peguei a chave no segundo dia, que eles num dá tudo num dia só. Então deu no primeiro, no segundo dia eu peguei. Peguei e já num mudei nos primeiros dias não, porque num tinha luz, água. E assim mesmo mudei sem água e sem luz ... nós mudamo em janeiro e luz só veio em junho. Ficamo seis meis sem luz e água também. Tinha encanamento, tinha tudo, mais num aguentava ... porque ligava a água, estorava o encanamento. E ficamo assim mais de meis ... bem mais, carregando a água. Às veis num tinha água nem pra bebê...

Quando nós mudamo para cá num tinha água, num tinha luz, num tinha asfalto, num tinha ônibus e o ônibus foi o que demorô mais. Logo que chegou a água, por ser lá embaixo, logo teve água, a água... logo que chegou a água na vila, já foi água lá embaixo e...mais o ônibus foi triste porque tinha que i a pé até o Taquaral.. Pra tomá o ônibus lá no Taquaral pra i trabalhá, tinha que fazê madrugada. Chegava em casa meia noite e meia,

por aí mais ou menos, porque vinha da aula. Até subi cá em cima num era fácil, sabe? E num tinha asfalto aí tamem. Era tudo barro, era triste, foi meis de janeiro... fevereiro, fevereiro que nos mudamo para cá, muita chuva. Então foi uma barreira danada. Logo no meis de maio mais ou meno passou o ônibus... veio o ônibus aqui em cima, qué dizê, foi melhorando gradativamente.

Então porque foram para a vila?

Ah, nos quizemo vim porque... a...gente, eu morava numa casa pequena e também por ter criança... filho. Eu tinha vontade de consegui a minha casa, né? Como na ocasião não tinha condição de comprá um terreno pra fazê nem que fosse uma casa pequena, então nós optamos por uma casa popular.

Eu sonhava ter uma casa e ... o ... ordenado do Ângelo não dava pra mim ter uma casa porque é muito difícil pra gente construir...Foi onde eu fiz inscrição na COHAB.

Insistindo com maior ou menor ênfase no “paga pouco”, as respostas revelam, invariavelmente, a adesão, a que já me referi, à ideologia da casa própria, ao “tê uma coisa nossa, em orde”. Essa adesão ideológica, ao lado dos altos preços de moradia, que consomem grande parte da renda familiar, (23) , leva à procura de habitação onde não se pague aluguel. Como isto é impossível para aqueles que não dispõem de recursos para comprar terreno e construir a casa (24), resta a alternativa de se inscrever na COHAB e aguardar a casa da vila popular. Aí também se paga por mês, mas se paga menos e a casa fica sendo “deles” ou, pelo menos, “para os filhos”. Como já foi citado anteriormente, “precisa comprá alguma coisa pra deixá pras meninas, né? Se acontece alguma coisa, as criança tem alguma coisa... deixá o que, né?”

Houve respostas nas quais se afirmava que “foi a necessidade que obrigou a vir”. Num desses casos a pessoa já passara por um processo de proletarização, do qual ir para a vila foi um resultado (25). Em tal situando, lamenta-se a nova moradia, no que se refere à qualidade da casa:

Essa casa pra mim é uma porcaria, mas pra muita gente é uma mansão.

E também se lamenta a inevitabilidade do convívio com pessoas negativamente valoradas. Uma pessoa observou que gostava de sua casa (“porque é minha”) mas não gostava da vila, pois era “tudo misturado”, o que não podia ser evitado, pois as pessoas juntavam-se no ônibus, agrupavam-se em torno do verdureiro, etc.

É inegável, por outro lado, que para a maioria, em termos da qualidade da moradia e da redução da despesa familiar com habitação, a vila representou uma vantagem real. E quase todos avaliam-na positivamente, mesmo os que acham que lá é preciso ter cuidado na “seleção das amizades”:

Sou felicíssima, que tenho minha casa... cê vê -, adoro isso aqui, dou a vida por isso aqui, eu gosto demais.

Quem quis ir para a vila?

Há uma correspondência entre essas duas mobilidades e quem queria ir para a Vila “31 de Março”. No caso em que morar lá foi visto como expressão de uma queda na situação sócio-econômica da família, o maior interessado em adquirir a casa foi o homem. Já quando morar na vila apresentava-se como uma melhora dessa situação, quase sempre o maior interesse era da mulher. Também no primeiro caso há uma constante expressão do desejo de sair da vila, o que não ocorre no segundo. O primeiro

caso é extremamente raro, porquanto o comum foi o maior interesse da mulher em ir para vila.

Como já observei, na maioria dos casos foi a mulher que “soube da casa da COHAB” e providenciou a inscrição. E, na vila, ela se relacionará mais com a casa do que o homem: ela cuida da casa e propõe, sonha ou incentiva a sua reforma. A relação “trabalho” para o homem, “casa” para a mulher encontra-se presente tanto na prática como nas representações dos moradores da vila.

Ao lado da motivação ideológica da casa própria, um outro aspecto tem que ser considerado para explicar a procura da casa da COHAB: o da inacessibilidade objetiva, para certos setores da sociedade, a moradias habitáveis segundo as necessidades e expectativas de trabalhadores já em sua maioria com experiência urbana.

Esses dois aspectos, numa cidade como Campinas, de rápido crescimento urbano-industrial e com elevada especulação imobiliária, juntam-se para criar enormes filas de pessoas à espera de habitação popular e contribuem para o chamado “sucesso da política de moradia popular da COHAB”. “Sucesso” este que não excluiu, nem exclui, uma razoável quantidade de prestações atrasadas, abandonos e despejos que acompanham a história das vilas populares em Campinas.

Frente a esses problemas, a COHAB adotou uma maior rigidez na seleção econômica dos candidatos (26) e criou a “Divisão Social”. Esta é constituída de assistentes sociais que visitam as famílias em atraso com a COHAB e, por meio da organização de orçamentos familiares, incentivo ao emprego de mais pessoas da família, conselhos, etc. , tentam garantir parte da renda da família para o pagamento das prestações da casa. Sobre isso é afirmado em matéria escrita por um dirigente da COHAB:

“Um importante elemento da nova política adotada constitui-se na valorização do papel da divisão social de serviços sociais, com vistas a acelerar o processo de integração e ascensão social dos mutuários e a nova comunidade que vão formar. A drástica redução do índice de inadimplência, por exemplo, é apontada como um dos principais sub-produtos do trabalho desenvolvido por esta divisão. Com a intervenção da

divisão do serviço social o número de mutuários com prestações em atraso caiu de 1.805, em agosto de 1971 (sobre um total de 5.208 casas entregues para 1.285 em agosto de 1973, para um total de 10.011 unidades.” (27)

Acompanhar o candidato na COHAB, com documentos comprovando sua renda familiar, enfrentando filas, insistindo que necessita da casa, preenchendo a ficha de inscrição, até o momento em que seu nome é sorteado para morar em tal casa de uma vila arquitetonicamente homogênea, pode levar a uma primeira impressão de homogeneidade dos moradores. Para os critérios da COHAB, eles formam um conjunto homogêneo. Vão se diferenciando na medida em que uns deixam de pagar as prestações e outros não. Mas, isso posteriormente e tendo em vista apenas uma avaliação particular do financiador ao devedor. Para o resto da população de Campinas há uma homogeneidade porque há uma imagem construída: moradores da vila popular.

I.4. A VILA

Como pode ser visto no mapa (Anexo V), a Vila “31 de Março” constitui um conjunto onde todos os elementos são planejados: as ruas, o tipo e a posição das casas, o ginásio, áreas para clube, parque, futebol. O clube (Clube Operário) nunca foi construído, embora conste no projeto. Também constam e não foram construídos: Igreja, Posto de Serviço, Centro Comercial, Jardins.

Em uma das praças (sul) foi construído um parque infantil, instalado o telefone público e fixado o ponto final do ônibus que serve à vila. Onde está escrito “Avenida Sul”, funciona a feira dominical. E onde está escrito “Jardim” (sul), funciona, em um barracão de madeira, o MOBREAL. Na área reservada à praça norte e ao clube, há dois improvisados campos de futebol. O Grupo Escolar só começou a funcionar no tempo em que eu estava lá, o que levou muitas crianças a ficarem sem escola nos quatro primeiros

anos da vila. E as famílias que enviavam seus filhos a outras escolas a gastarem uma parte maior do orçamento em condução.

O funcionamento do grupo, sempre adiado, serviu de móvel para a organização de algumas mulheres, que se reuniram e fizeram uma caminhada por postos da Secretaria de Educação, jornais e rádios. Ao lado desse movimento mais organizado, houve também ameaça de apedrejamento pelos homens, nos encontros de bar nos fins de tarde. Não houve apedrejamento, mas a movimentação feminina apressou o funcionamento do Grupo Escolar.

Onde está escrito “Igreja”, foi construído uma casa, nos mesmos moldes das outras, onde funcionavam o escritório da COHAB e o ambulatório. Com fechamento do escritório da COHAB, ficou apenas o ambulatório. Nesse antigo escritório ficava um funcionário, encarregado de receber os pagamentos das casas, reclamações, etc. . A existência deste posto evitava que os moradores tivessem que se deslocarem até a sede central da COHAB. Mas um incidente ocorrido numa das vilas, quando o posto local foi assaltado, levou ao fechamento dos postos. E ao reforço da imagem da vila popular.

Embora fosse inicialmente proibido, funcionam três barraquinhas comerciais (“guritas”) na vila. Vendem gêneros alimentícios em geral, bebidas e outros sortimentos pequenos. Além delas, há dois armazéns no limite da vila com um outro bairro, que fornecem os mesmos gêneros, só que com sortimento e espaços maiores. A opinião comum é que “tudo na vila é mais caro”, sendo preferível comprar “na cidade”.

Comprar “na cidade” significa basicamente comprar no “Eldorado”, um grande supermercado local. Ali as pessoas vão no dia do pagamento e fazem a “compra pro mês”. Compram “o grosso”, isto é, arroz, feijão, açúcar, óleo e algumas latarias. A “mistura” – carne, peixe, verduras - é comprada na feira da vila, dos vendedores ambulantes que passam de porta em porta, em um dos armazéns da vila ou em algum local da “cidade”, no qual se compra “para a semana”. Existem outros supermercados na “cidade” e, dependendo da “dona de casa”, faz-se o “apreçamento”, isto é, corre-se os supermercados e centros comerciais, como o do SESI, comprando-se o que é mais barato em um e outro. Analisando as compras de duas famílias, das quais uma segue essa norma e outra não (nesta o marido faz as compras sozinho, o que é um caso mais

raro) nota-se uma diferença substancial nos gastos de compra do “grosso”. A primeira gasta menos.

Há famílias que não fazem a compra mensal. Explicam que é “porque só compra quando tem dinheiro”. Corno disse uma freira, “tem gente aqui que come carne uma vez por mês. Quando tem dinheiro, aí vai e compra dois, três quilos de carne e come tudo de uma vez”.

Em geral, as assistentes sociais da COHAB, da Prefeitura e do Palácio da Justiça, que atuam diretamente na vila, e as que atuam indiretamente (em empresas, como a “BOSCH”) insistem que o problema fundamental dessas famílias é “problema de orçamento e endividamento com prestações”. Suas instruções são dirigidas para que as famílias distribuam o dinheiro em primeiro lugar para as “necessidades fundamentais e prioritárias”: pagamento da casa, luz e água, alimentação. Se sobrar, então que se deve “fazer a prestação” e comprar o “supérfluo”.

Portanto, os moradores, independentemente de como reelaboram essa influência, têm sua organização de vida (organização do espaço da casa, do espaço da vila, noções do que é essencial ou superfluo, ou seja, também a organização do orçamento familiar, tipos de lazer, etc.) diretamente sujeita a planejamentos externos a eles, veiculados por agentes do Estado ou da empresa privada. Dessa forma, tais interferências ideológicas são muito mais incisivas na vila planejada.

As relações dos moradores com a vila e com a “cidade” se fazem de diferentes formas.

As mulheres casadas vão, na própria vila, basicamente, ao colégio, resolver problemas escolares dos filhos, à costureira, à cabeleireira e, muito raramente, visitar pessoas. As visitas mais frequentes são realizadas pelas mulheres que ou fazem parte da “Sociedade Amigos de Bairro” e se visitam em função dos problemas da “Sociedade”, ou trabalham mais diretamente com as freiras e têm uma extensa rede de visitas filantrópicas. É bastante evitado ir ao armazém, onde, de preferência, envia-se os filhos. Armazém é muito mais frequentado pelos homens.

Meus irmãos num deixam as irmãs deles saí pra irem em armazém. Eles acham que tem muito homem, sabe? Nós seguimo esse ritmo lá de Minas, porque lá quem vai já fica com má fama. Então nós viemo com aquele ritmo de lá e até hoje meus irmãos num dexa mesmo. Eles preferem eles irem...

Nos armazéns os homens bebem “alguma coisa” e conversam, no fim do dia. Difícilmente se visitam em casa.

De modo geral, o ponto de encontro das mulheres para, em grupo, trocarem fofocas, e a porta da casa de alguma delas, que mora na mesma rua, e o dos homens, o armazém. Alguns homens e mulheres evitam esses lugares e isto se liga, quase sempre, a uma escolha de menor contato com a vila.

As moças ou se visitam ou, o que não é bem visto, vão “sentar no eucalipto” (28). Anda-se pela vila “para paquerar”, mas sempre como se fosse fazer alguma coisa, dirigir-se a algum lugar. Não há “footings”. Há encontros grupais também em frente à casa de alguém. Aí não é necessário ser vizinho, mas “amigo”, “colega”.

Os rapazes têm mais alternativas: o futebol, o armazém ou andar pela vila “sem ir a lugar nenhum”. Também podem frequentar um clube que fica no limite da vila com o Jardim Conceição, o que é absolutamente proibido para todas as moças que desejam manter “um mínimo de honra”. É chamado “arranja barriga”, porque todas as moças que o frequentam “saem grávidas”. Os rapazes podem ir “porque eles não pega nada”. Muitos não vão, o que também pode estar ligado à escolha de menor contato e identificação com a vila.

Assim, o limite fundamental é dado pela visão de que a vila um lugar muito “misturado” e é preciso selecionar as pessoas com quem conviver. Quermesses, por exemplo, são pouquíssimo frequentadas pelos moradores da vila, mesmo as organizadas pela “Comunidade Cristã”, que são consideradas melhores que as promovidas pela “Sociedade Amigos de Bairro”.

Existe a opinião geral de que as mulheres participam mais das atividades internas da vila. Realmente, como correu no caso da reivindicação da escola, são as mulheres as mais participantes. E ao andar pela vila nos dias de semana, a impressão

que se tem é que ela é habitada apenas por mulheres e crianças. Sobre isso o quadro 1 (no segundo capítulo) fornecerá indícios, desde que mostrará a quantidade de mulheres casadas que não trabalham fora e, na maioria, passam todo o seu tempo na vila.

Quando saem da vila, e há muitas que passam mais de um mês sem sair, fazem-no para raras visitas a parentes próximos (irmãos, sobrinhos, pais) , compras, pagamentos, médicos. As que trabalham, para o trabalho. Como alguns maridos fazem as compras e os pagamentos e há um médico que atende no ambulatório da vila, conheci uma mulher que passava meses sem ir à “cidade”. Apenas sala da vila para visitar os irmãos, e isso muito raramente.

Divertimento é televisão. Poucos não a têm. Um deles alegou motivo religioso (é pentecostal) . Uma família chegou a vender um resto de bens (cabeças de gado) que tinha em Minas Gerais para comprar televisão. Realmente não lhe devia fazer muito sentido ter gado em Minas Gerais e não ter televisão em Campinas. Como conversar com a vizinha? O que fazer depois de pronto o serviço da casa? Além do mais, como o marido se distrairia nas horas de folga? Como “segurar” as crianças?

Não há creche na vila (29). Quando as mulheres saem para o trabalho, deixam as crianças com uma vizinha mais idosa ou com uma garota também da própria vila, para ficar com elas em troca de um pequeno salário. Isso quando não têm filhos ou parentes que possam assumir essa tarefa. As que saem para compras, médicos, pagamentos, ou levam as crianças, o que não é muito apreciado, pois as exigências de compras pelas crianças tornam mais cara a ida para a “cidade” ou, não tendo com quem deixá-las, trancam-nas dentro de casa. Mesmo assim, na vila ou nas saídas para a “cidade”, as crianças são os mais constantes companheiros das mulheres.

Os maridos saem da vila para o trabalho.

Os jovens saem para o trabalho, geralmente para o estudo, e para festinhas e divertimentos fora da vila. Nesse último caso, principalmente os jovens do sexo masculino.

Em todas as minhas idas para a vila - eu ia e voltava de ônibus - notei que era muito raro pessoas irem juntas para a “cidade”. Descerem juntas. Exceto quando eram irmãos, pais e filhos ou em poucos casos de amizades próximas.

Portanto, os únicos momentos de encontros públicos em que os moradores podem reunir-se como “moradores da vila” são quermesses, comícios e feiras dominicais. Nos dois primeiros a frequência é mínima (30). Nas últimas, as pessoas vão fazer compras e “palestram” muito pouco, e apenas com os conhecidos que lá encontram. As relações da vila não são relações comunitárias (31).

A ênfase é na individualidade da casa. Isso influenciou meu trabalho de campo e, ao mesmo tempo, é um dado importante sobre a vila, da qual se supõe uma homogeneidade, seja, como já observei, do ponto de vista da COHAB, seja no que se refere às representações feitas pela população da “cidade” a respeito da vila popular.

I. 5. A CASA

Como se pode observar no mapa, na vila há casas de dois, três e quatro quartos (no mapa, a letra “D” significa dormitório) . Todas as casas são entregues com uma cerquinha de madeira bem baixa (pode-se transpô-la sem muito esforço) que marca os limites de cada unidade residencial, uma área para jardim, quintal e alpendre. Os cômodos que compõem o interior da casa são sala, cozinha, banheiro e quartos. Nenhum cômodo é azulejado ou taqueado. O piso, uniforme em todos cômodos, é de cimento grosso, áspero. Na cozinha há uma pia. No banheiro, um vaso sanitário e o local do chuveiro. A pia “do banheiro” é fora dele, num pequeno corredor.

Com pouco tempo de uso as casas mostram sinais de desgaste. Das portas, paredes, instalação elétrica e encanamento. São comuns na COHAB os processos de pedido de conserto desse último. A aprovação da COHAB é necessária porque, como se trata de um sistema, mexer em um encanamento pode afetar os de outras casas. Quando fazia minha pesquisa, fui informada na COHAB de que se pretendia criar um financiamento para reformas das casas, o que não sei se foi efetivado.

A maioria planta no jardim. Alguns também no quintal. No quintal pode-se também, a revelia da COHAB, como já observei, construir cômodos. Quando existe, a horta contribui ou para aliviar as despesas com alimentação ou para melhorar o padrão alimentar. Mas isso não é comum. Tanto que o projeto de uma das freiras da vila, que visava promover esse hábito entre as famílias, teve pouca receptividade.

A sala de “visitas” é que vai receber o jogo de sofá, quando se tem (e há uma grande aspiração em tê-lo) , ou senão uma mesa, geralmente de fórmica, com cadeiras em volta. Também é na sala que ficam a televisão, o rádio ou a eletrola (quando se tem) , e enfeites na parede. Esses enfeites geralmente são imagens de santos, pratos desenhados, quadros de paisagens ou fotografias de familiares. Em algumas casas, também a geladeira fica na sala. Mas as “melhores casas” têm na sala apenas o conjunto de sofá, a mesinha de centro, a televisão e os enfeites.

O uso dos quartos depende do número e sexo dos filhos. Um expediente usado quando se tem apenas dois quartos e três filhos é o beliche, pois os quartos não têm espaço para mais de duas camas. Também são as “melhores casas” as que têm um guarda-roupa em cada quarto. O padrão é- um guarda-roupa para todos, embora se aspire possuir mais de um.

Cozinha e banheiro são os menores cômodos de uma casa pequena. O espaço da cozinha é ocupado pelo fogão, a geladeira (quando não é colocada na sala), o filtro ou a talha, e um armário. Os que preferem colocar uma mesa na cozinha (e a mesa tem que ser pequena) utilizam um armário de parede. Somente em uma casa observei enfeite na cozinha. Era uma imagem de São Benedito, “santo preto”, que é o “padroeiro da cozinha”.

Embora minhas entrevistas, quando feitas nas casas dos moradores, fossem na sala, por ter convivido com eles alguns meses antes e, talvez principalmente, por ser mulher, pude observar todos os cômodos dessas casas. Nenhum cômodo me foi vetado. Pelo contrário, eu era convidada a visitar todos eles.

Quanto à ocupação do espaço, embora não seja essa a preocupação deste estudo (32), sobressai um aspecto que considero importante para reforçar o que já disse sobre as relações na vila e sobre o qual voltarei a falar quando comentar a construção do muro. Trata-se da quase absoluta não utilização do alpendre. As pessoas em casa usam basicamente os cômodos internos e as conversas de vizinhos se fazem na rua e nunca no alpendre. O alpendre é o ponto de intersecção espacial que os de dentro não frequentam, resguardando a sua privacidade, e os de fora também não frequentam, respeitando a individualidade de cada unidade doméstica. Já mostrei como a

individualidade de cada casa, de cada família, se manifesta nas relações sociais internas da vila. E por isso também se manifesta na construção do muro.

O cuidado da casa é assunto das mulheres. Quando eu perguntava à “dona de casa” sobre a divisão do trabalho doméstico, havia um olhar de espanto. “Eu é que faço tudo”, era a resposta. Mas, se há filhas, pode haver a divisão. Os filhos do sexo masculino não fazem nada em casa, a não ser engraxar os próprios sapatos. Lavar a roupa, passar a roupa, preparar a comida, limpar a casa, cuidar do jardim, são atividades femininas. A faxina da casa é feita na sexta-feira, que antecede os dois dias que o marido ficará em casa. Se não fizer horas extras. Não se faz faxina no sábado (“é dia que meu marido fica em casa”). Há mulheres que fazem uma distribuição dos serviços pela semana, reservando cada dia para determinadas tarefas: passar e lavar roupa, fazer faxina.

Mesmo quando a mulher trabalha fora (ou, em casa, para fora) essas tarefas são assuntos dela. A menos que tenha filhas que possam desempenhá-las. Filhas com menos de dez anos já realizam trabalhos domésticos. Alguns maridos fazem comida, mas isso em momentos raros. Como num domingo em que se come uma feijoada.

I. 6. A “Sociedade” e o “Grupo das Irmãs”

Na escolha dos agrupamentos possíveis na vila a não homogeneidade vai se manifestar. Na escolha de ser membro ativo da “Comunidade Cristã” ou da “Sociedade Amigos de Bairro”, ou passivo dos dois. Uma outra escolha é não participar, de forma nenhuma, de nenhuma delas, o que também tem a ver com o ser mais ou menos identificado com a vila.

Ser sócio da “Sociedade Amigos de Bairro” tem como condição ser morador da vila; como obrigação o pagamento de uma mensalidade de Cr\$ 10,00; e como direitos poder beneficiar-se das visitas semanais do médico pago pela “Sociedade”, dos remédios gratuitos que são distribuídos e, quando existe, do serviço dentário. A “Sociedade” tem diretoria (eletiva), estatuto e mantém vínculos estreitos com a Prefeitura Municipal, principalmente com sua Assistência Social. A “Sociedade” é um canal de entrada de

candidatos na vila e geralmente entra por ele quem está ligado ao poder ao nível municipal.

Acompanhei um período de profunda crise financeira e política da “Sociedade Amigos de Bairro”, quando seus diretores digladiavam entre si e quando, significativamente, manifestaram-se “acusações de bruxaria”. Isso e mais as vinculações políticas da “Sociedade” justificariam um estudo específico sobre suas atividades.

Na vila existe uma casa onde moram três freiras que se dedicam ao trabalho de catequese. Fazem o que denominam “trabalho de base”, ou seja, selecionam líderes para a formação de “grupos de trabalho”, os quais, uma vez constituídas, deverão desenvolver-se e expandir-se sozinhos. Vários grupos foram criados (dos casais, dos jovens, dos adolescentes, do bazar, de batismo, funerário) e eles formam a “Comunidade Cristã” da vila. As missas são celebradas ou na casa das freiras ou na de um elemento da “Comunidade”. Já os “grupos de trabalho” reúnem-se numa casa, pertencente à Prefeitura, que funciona como centro comunitário da vila.

A “Sociedade Amigos de Bairro” e a “Comunidade Cristã” fazem algumas promoções coincidentes (quermesses, festas de natal, etc.) , o que desenvolve uma certa competição entre ambas. Uma das freiras expressou como ela vê os trabalhos dos dois grupos na vila:

“Eles querem fazer tudo de cima para baixo. A gente quer que o pessoal da vila mesmo faça, realize. Sem ser cabo eleitoral, como eles são.”

Entretanto, ambas as atuações têm um pressuposto paternalista, no sentido de fazer coisas “para o pessoal da vila”, de “ajudar” os “mais necessitados da vila”. Esta atitude por parte das duas organizações é indicativa da existência de diferenciações sociais internas à vila.

Há uma atividade particular, a do bazar, que considero ilustrativa dessa divisão interna. Eu a descreverei agora, antes de discutir esse aspecto no segundo capítulo.

I.7. O BAZAR

... é pra ajudá os pobre da vila.

O bazar não existe só na Vila “31 de Março”. Costuma ser feito em várias paróquias católicas de Campinas. Consiste em juntar-se vários objetos em desuso (roupas, utensílios, etc.) , coletados por mulheres que fazem filantropia, e vendê-los, a baixo preço, às pessoas “necessitadas” (uma sandália, por exemplo, por Cr\$ 2,50).

Na Vila “31 de Março”, o “grupo do bazar” é formado por cinco mulheres (conforme uma delas, “as senhoras do bazar são selecionadas”) que recebem orientação de uma das freiras. Os objetos são fornecidos por pessoas de fora da vila. O a quem e o que pedir foram uma vez explicitados. Eu estava conversando com uma das organizadoras do bazar quando ela olhou para meus pés e observou que meu par de tênis era novo. Lembrou-se então de um outro que eu tinha e perguntou: “você tinha um tênis branco, não?” Falei que ele se rasgara em cima, mas que “ainda dava pra usar”. E ela: “quando não der mais, é só dar pro bazar”.

Após a coleta dos objetos, estes são lavados e limpos pelas “senhoras do bazar” e separados conforme o melhor ou pior estado. Os de melhor estado irão para o “bazar 1”, para o qual são convidadas as pessoas “de menor necessidade”. Os outros irão para o “bazar 2”, destinado às pessoas “mais necessitadas”. Compra no bazar quem apresenta um cartãozinho de convite distribuído antecipadamente pelas organizadoras.

Atualmente, nem todos os objetos colocados no bazar são ganhos. Segundo uma das organizadoras “no começo era tudo ganho. Da primeira vez eu consegui um monte coisas, calça velha, alumínio. Foi o único bazar que teve alumínio. Agora, com o dinheiro, a gente já compra alguma coisa”. Também são vendidas roupas feitas pelas alunas do curso de corte e costura da vila, com tecidos comprados pelo bazar. O preço dos objetos, conforme a freira que orienta o “grupo do bazar”, é “simbólico”. Mas é preciso o preço “para que dêem valor e não se acostumem a ganhar tudo”.

Para dar uma idéia mais completa de seu funcionamento narrarei a realização de um bazar que tive a oportunidade de assistir do início ao fim.

Fora marcado para as 14 horas de um dia de semana, na sede comunitária da vila. Nesse horário, a porta da casa estava fechada. Lá fora, no abrigo, as “freguesas” (33) , aguardando. Dentro, as organizadoras e a freira (34). Os objetos (roupas para mulheres homens e crianças; sapatos; bolsas; utensílios domésticos, inclusive um liquidificador que não funcionava) estavam expostos organizadamente, como numa loja. A freira saiu e fez um breve discurso sobre a importância do bazar e do bom comportamento das pessoas durante a sua realização. Uma das organizadoras também saiu e explicou como o bazar seria realizado e que também esperava pela boa educação das pessoas. O tom era autoritário. Abriu-se então a porta e todas entraram. As organizadoras ficavam de olho nas “freguesas” que, por sua vez, corriam com os olhos por todos os objetos, fixando-se mentalmente naqueles que pretendiam adquirir. Passados alguns minutos, uma das organizadoras gritou: “podem pegar”. E cada “freguesa” correu para os objetos que mais lhe interessaram. Em seguida levava os objetos que conseguiu pegar a uma das organizadoras, que anotava numa papeleta o nome da compradora, o preço de cada objeto comprado e a soma total. Com esse papel e as compras, a “freguesa” passava pela tesoureira do bazar, que fazia as vezes de caixa. Nesse dia foi servido um refresco (“Q-Suco”).

O bazar é realizado de dois em dois meses e sua receita varia. Uns “dão duzentos e poucos cruzeiros” e um bazar de pouco movimento, cerca de setenta cruzeiros.

As organizadoras, antes da realização do bazar, podem retirar coisas para si, principalmente “coisas boas”, como, por exemplo, uma cama que estava “em bom estado”. Retiram e pagam. Uma das minhas informantes (35), que é compradora do bazar, disse-me que perguntou a uma das organizadoras se as freiras não achavam ruim “quem fosse melhorzinho” (referia-se a si própria) comprar no bazar, já que é algo “assim pra Ajudar”. A organizadora lhe disse que até preferem, porque “e gente assim que compra e paga e aí tem dinheiro pra comprar mais coisas”.

Em sua realização, o bazar expressa uma diferenciação tanto entre quem organiza e quem compra como, neste último caso, entre quem compra em um e em outro bazar.

I.8. CONCLUSÃO

Neste capítulo, indiquei alguns aspectos do processo de urbanização-industrialização e os “problemas de moradia” vinculados à concentração capitalista em Campinas. Também abordei uma das alternativas que se colocam para os trabalhadores que não têm a propriedade da moradia e que estão sujeitos a intensa especulação imobiliária e vivem em moradias consideradas inabitáveis.

Também quis caracterizar uma política habitacional específica, dirigida às “camadas menos favorecidas”. Usar esta categoria e selecionar inscritos entre três e cinco salários-mínimos, não proprietários de imóvel residencial, implica, em princípio, que, segundo esses critérios, os moradores da vila popular constituiriam um todo homogêneo: os pobres.

Além do mais, existe em Campinas uma imagem construída sobre a vila popular: local onde moram “maloqueiros”, “gente de cortiço” e cujas casas são “casas de preto”; uma imagem que implica a mesma homogeneização.

As relações internas são, entretanto, individualizadas. As pessoas fecham-se nos limites de suas casas, saindo delas apenas para o absolutamente indispensável nessa interação de moradia tão próxima.

As práticas cotidianas da vila demonstram a heterogeneidade no onde e no que comprar, no uso da casa, na participação nos grupos comunitários.

CAPÍTULO II. CASAS IGUAIS PARA PESSOAS IGUAIS ?

“Eu já falei uma porção de veiz que essa vila aqui foi enganada, a vila aqui. Tem muita gente pobre, que era pra pobre, que tinha necessidade, num pegô casa e quem num tinha... tinha força, pegô casa aqui. Eu noto porque eu saio aí pa rua, óio o movimento do povo, tem muitos que tem um poco de orgüio um do outro, num dá satisfação pra gente, parece que num precisa da gente, faz de conta que tamo dentro da cidade de Campinas. Do jeito que eles faiz comigo eu também faço com eles. A gente arrecede e paga c’a mesma moeda, nó? Se cê for em Lins, cê vai vê japonês lá, Terra de japoneis, japoneis lá num cumprimenta o outro amigo não, passa na rua... é demais japoneis, então faiz que nem japoneis faz em Lins, né?”

II. L. OS MORADORES DA VILA

A população da Vila “31 de Março” é basicamente advinda de outras cidades do Estado de São Paulo e de Minas Gerais e, em menor escala, do Paraná e Estados nordestinos. É, portanto, parte daquele contingente caracterizado como de migrantes que se deslocaram para um centro urbano-industrial, no caso, Campinas.

Há várias e ricas estórias individuais dessa migração, cuja, causa quase sempre recorrente, no discurso deles, é a doença de membros da família e a consequente necessidade de procurar um lugar com melhores recursos e, mais especificamente, melhores condições médicas.

Eu saí da minha terra com três anos de idade, segundo uma história contada por minha mãe. Quando eu atingi mais ou menos um ano e meio, eu sofri uma doença muito perigosa, uma...uma doença assim considerada um macaco, uma doença que não tinha cura, na qual você tinha que enrolar numa folha de banana. Então eu dormia assim. Meu pai nessa época, meu pai tinha um sítio, tinha camarada, tudo dele, entende? Então

naquela época meu pai precisou vender até o sítio para me recuperar até que me curasse. Ele gastou o dinheiro todo. Eu não sarei. Enfim, no último recurso, nós viemos, fomos no médico especializado. Vim pra São Paulo, num médico daqui. Disse ele que com o vento da viagem eu melhorei-o, com o ambiente eu melhorei-o. E então nós mudamos para o Estado de São Paulo.

Alguns citaram também a procura de melhores condições de trabalho e estudo para os filhos.

Fernandópolis é um lugar pequeno, num tem campo de trabalho. Então a gente quis vir pra Campinas porque aqui eles ia encontrá um campo melhor pra trabalhar e se tiver vontade de estudá, estudá. De estudá, que é uma coisa que eles num tem, né?

Poucos desses moradores vieram para a vila diretamente do local de origem, sendo que a maioria teve, em Campinas, experiência de moradia em “cômodos”, “porões”, “cortiços”, “fundos” ou mesmo “casas”, alguns coabitando com parentes e com eles dividindo as despesas. Todos pagando aluguéis que pesavam muito nos seus orçamentos. Moravam em bairros que, no contexto da divisão urbana de Campinas, podem ser chamados de “populares”: Vila Industrial, São Bernardo, Swift, Vila Marieta, Bonfim, etc.. Ou mesmo do Centro.

A experiência anterior desses moradores é bastante diversificada. Uns vieram de regiões onde vigorava um sistema paternalista de relações de trabalho, outros vieram de áreas onde essas relações já são capitalistas. Uns têm mais experiência de vida urbana, outros, menos.

Como mostrarão os dados agrupados nos quadros 1 e 2 a população economicamente ativa da vila é basicamente operária.

Os dados a que me refiro dizem respeito basicamente situação ocupacional e foram agrupados de modo a me permitirem- chegar posição que os moradores da vila ocupam no processo de produção (1).

O primeiro quadro diz respeito à ocupação de todos os indivíduos, inscritos na COHAB, que habitam a Vila “31 de Março”. No segundo, agrupei, de acordo com os mesmos critérios, os dados relativos aos moradores que entrevistei e com os quais convivi durante minha pesquisa de campo, vistos aqui inseridos em suas unidades domésticas.

QUADRO 1. DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DOS MORADORES DA VILA "31 DE MARÇO"

Trabalho em fazendas		8	-----	1
Operários em:				
	Fábricas e Oficinas	211	22	5
	Obras Públicas	29	-----	-----
	Construção Civil	89	-----	-----
Trabalho em, ou, como				
	Energia Elétrica	4	-----	-----
	Transportes	41	-----	-----
	Vendas	48	12	5
	Escritórios	39	18	3
	Vigias de Prédios	29	-----	-----
	Serviços Hospitalares	3	17	6
	Carteiros	6	-----	-----
	Jardineiros	11	-----	-----
	Guarda Civil	6	-----	-----
	Armas	27	-----	-----
	Entregas	7	-----	-----
	Serviços Braçais	8	-----	-----
	Lavagem e Engomagem de roupas	-----	5	18
	Ferrovários	6	-----	-----

	Cozinheiros	2	3	15
	Serventes	29	4	7
	Empregadas Domésticas	-----	134	74
	Faxina	6	5	12
	Hotelaria	-----	1	3
	Alfaiates e Barbeiros	8	-----	-----
	Costureiras e cabeleireiras	-----	2	17
	tintureiros	2	-----	-----
	Serviços mirins	23	-----	-----
	Ambulantes	16	-----	-----
Outros		9	1	-----
Não Identificados		24	13	8
Subtotais		691	237	174
(1968 - 1970) População da vila: 2.850 pessoas.	Trabalham*	691	237	174
	Não Trabalham	30	48	393
	Inativos com renda	50	1	21

* Incluídos os menores de 14 anos que exercem trabalhos de adultos e não mirins.

QUADRO 2. CARACTERIZAÇÃO OCUPACIONAL DAS UNIDADES DOMÉSTICAS DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

OCUPAÇÃO			
	PAI	MAE	FILHOS

1.	Fiscal Urbano (Prefeitura)	Costureira	Um operário Dois estudantes
2.	Falecido (foi ferroviário)	Pensão do marido	Dois operários, um invalido, uma criança, uma casada que não mora na vila
3	Motorista de caminhão (irmão da mãe)	Não trabalha fora	Seis estudantes
4.	Operário	Atendente de Hospital	Uma funcionária de escritório, dois estudantes
5.	Comerciário	Não trabalha fora	Três crianças
6.	Aposentado por invalidez (Fazia carretos)	Não trabalha fora	Um operário, uma professora do Mobral, Uma casada (não mora na vila)
7.	Falecido	Não trabalha fora.	Três operários, um bancário, um patrulheiro, uma comerciária, uma atendente de hospital, duas crianças, uma asada (não mora na vila)
8.	Cozinheiro em restaurante	Comerciária	Duas, não trabalham
9.	Aposentado por invalidez (Operário)	Não trabalha fora (avó)	Uma, manicure
10.	Cobrador de ônibus	Não trabalha fora.	Três operários, uma operária, cinco crianças.
11.	Comerciante (barraquinha na vila)	Não trabalha fora.	Três operários, uma, não trabalha.
12.	Comerciante (barraquinha na vila)	Aposentada (como comerciária)	Um operário, duas crianças, outros quatro filhos que não moram na vila.

13.	Trabalhador braçal em transportadora	Não trabalha fora.	Um operário, três patrulheiros, uma comerciária, dois que não trabalham.
14.	Operário	Não trabalha fora.	Um estudante
15.	Falecido	Empregada Doméstica	Um operário
16.	Sorveteiro	Não trabalha fora.	Um operário e uma tratorista na Prefeitura
17.	Operário na construção civil	Não trabalha fora.	Uma, funcionária de escritório
18.	Funcionário Público (motorista)	Não trabalha fora.	Duas crianças.
19.	Jardineiro	Não trabalha fora.	Um filho, não trabalha.
20.	Motorista	Costureira	Duas crianças

As categorias ocupacionais por mim utilizadas no Quadro 1 formam três conjuntos. No primeiro (trabalhos em fazendas) e no segundo (operários) englobei todos os elementos ativos diretamente envolvidos na produção agrícola e industrial. No terceiro (sob várias subcategorias) inclui os não-diretamente ligados a ela.

O primeiro conjunto refere-se a nove assalariados rurais que trabalham em fazendas próximas a áreas urbanas, inclusive numa fazenda que faz limite com a Vila “31 de Março”.

No segundo conjunto estão os trabalhadores em construção civil, obras públicas, fábricas e oficinas. Nesses dois últimos casos estão trabalhadores de grandes e pequenas empresas. Desde “BOSCH”, “IBM”, “PIRELLI”, “SINGER”, “TEXAS”, “CLARCK”, passando por fábricas como “CAMPINEIRA”, “VÊNETA”, até pequenas oficinas de móveis, estofamentos etc.. Este é o conjunto que agrupa maior número de pessoas.

No que tange ao terceiro conjunto, embora haja menor número de pessoas em várias das diferentes subcategorias que o constituem, não quis, com um maior agrupamento, empobrecer a caracterização social dos moradores da vila. Em vendas

esteio basicamente os empregados em lojas. Em armas, elementos do baixo escalão da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros.

A maior concentração de trabalho feminino é em empregadas domésticas. Aí está incluído o maior número de mulheres casadas, enquanto vendas, fábricas e oficinas englobam o maior número de mulheres solteiras.

No Quadro 2 procurei ser mais descritiva, o que foi possível em razão do menor número de pessoas.

Quero salientar dois aspectos importantes.

Embora haja uma variação das categorias ocupacionais, a vila é basicamente habitada por famílias operárias. E as fichas e histórias de vida revelaram uma grande mobilidade ocupacional. Passa-se com frequência por várias categorias: desempregado, subempregado, “bem empregado”.

Acho que estou indo bem na “PIRELLI”, mas não tão bem assim, porque eu prefiro, se eu achar um melhor emprego, com melhores condições, eu saio de lá.

Assim como há uma lógica que norteia a ação do empregador quando promove a rotatividade da mão-de-obra, há uma outra que orienta a “rotatividade” do empregado:

Nessa firma que eu trabalhei, que era compressorista, eu trabalhava lá de compressorista mas eu ganhava muito pouco. Então eu resolvi, resolvi sair ganhando menos do que lá. Lá eu ganhava um conto e quinhentos por hora, nessa outra eu entrei ganhando novecentos cruzeiros por hora ... e...mais eu pretendia assim porque eu achava que mais em frente eu ia ter mais lucro com essa outra que eu entrei ganhando novecentos do que se eu continuasse lá ganhando um conto e quinhentos por hora. E assim eu sempre mudo de firma.

A renda é variável, de família para família e, situacionalmente, dentro de uma mesma família. Situacionalmente porque na dependência tanto da mobilidade a que me referi como do número de membros da unidade doméstica que estejam trabalhando e da quantidade de horas extras que façam.

Dava mais ou menos pra recebo uns cem cruzeiros por mês, em base. São duzentos e quarenta horas, três conto por hora dá... três vezes dois, seis, três vezes quatro, doze, setecentos e vinte. Recebia mais ou menos oitocentos, novecentos, milhão. Quando trabalhava os quatro domingo recebia um milhão, um milhão e pouco. E sssim ... que... o trabalho por hora não tem uma base certa porque tem mais que tem cinco semana, tem mais...tem mais que excede das duzentos e quarenta hora e tem mais que num dá duzentos e quarenta. Tem mais que dá duzentos e onze horas ... não ... mais ... fora os descanso. Nós trabalhava da seguinte maneira: trabalhava das sete da manhã às cinco e quinze da tarde, depois foi alterado esse horário. Quando eu entrei, uns três, quatro anos seguidos assim, esse ritmo de serviço. Entrava às sete horas da manhã, saia às cinco e quinze. Depois passamo, houve um meio de tempo que a gente era obrigado fazê três hora extra por dia. Então entrava seis e meia da manhã e saia seis e meia da tarde. Trabalhava nove horas ... que eram nove horas. Oito horas mais uma pra compensá o sábado. Sábado era livre, mas compensava no meio da semana, uma hora por dia. Depois fazia mais três hora de extra ... num...num chegava a três hora, fazia duas hora só. Tinha uma hora de almoço. Então trabalhava até as cinco. Das seis e meia até as quatro e meia, quinze pra cinco era o horário, normal. Das quinze pra cinco, até seis e meia era hora extra. Ganhava e eles computava uma hora de extra, trabalhava quarenta e cinco minutos de extra mas computava uma hora de extra. Então foi um bom tempo assim, foi mais ou menos uns seis meses trabalhano direto assim, sábado e domingo, das seis e meia às seis e meia.

Assim, conforme o número de horas extras, o salário aumenta e afeta a renda familiar. Há famílias de três membros com dois salários-mínimos, como de dez membros,

com a mesma renda. Casos mais raros são famílias com quatro ou seis membros e uma renda de sete salários-mínimos.

Entretanto, cerca de oitenta por cento das famílias da vila têm renda mensal abaixo de dois salários-mínimos (várias, menos de um). Conheci uma família de dois membros que vivia com metade do salário-mínimo da época. Renda advinda de uma pensão.

Em geral, o padrão de consumo está vinculado à renda e às estratégias familiares. Conforme as últimas, algum recurso será poupado ou desviado para esse ou aquele tipo de consumo.

As necessidades para as quais essas rendas são canalizadas são principalmente pagamento da casa, o que para alguns é prioritário e para outros não, alimentação, vestuário e transporte. Como a vila fica em uma área periférica, o transporte é vital e o que se faz é racionalizá-lo: saídas absolutamente necessárias, bicicletas ou, conforme a distância do local de trabalho ou estudo, ir a pé.

II.2. NÓS, OS MORADORES DA VILA

Trabalhando (ou tendo trabalhado) em diferentes empresas; estando mais ou menos sujeitos aos desequilíbrios da oferta de emprego; com experiências anteriores diferentes no que se refere a relações de trabalho e vida urbana; com salários e estratégias individuais diferentes, esses moradores vivem uma situação compartilhada, que é de ordem estrutural. Em sua quase totalidade, não são proprietários dos meios de produção e dependem, para viver, da venda de sua força de trabalho. São trabalhadores assalariados. Pertencem à classe dominada.

Porém, a partir da constatação dessa sua condição estrutural comum, uma pergunta se impõe: como eles próprios se vêem?

Para apreender determinadas relações internas desse grupo, como pano de fundo para uma análise adequada da significação de certos sinais diacríticos étnicos, é essencial entender essas representações.

Há uma constatação recorrente na classificação interna dos moradores da vila. O “aqui é tudo misturado”. É o oposto ao homogêneo. Serem vistos como iguais não

implica o equivalente nas visões deles, mas o contrário. Eles não se vêem como iguais. Classificam-se em melhorado, pobrezinho e pobre, em gente mais humilde e gente mais elevada, nos que vivem bem e nos que vivem mais ou menos, nos que tão bem e nos que não tão muito bem. A cada categoria uma definição, onde os critérios são expostos.

Numa coisa concorda-se: não há ricos na vila. Rico é o que não precisa trabalhar, *aquele que vive com os juros do dinheiro que tem*.

Quando tem condições de vida que num precisa mesmo trabalhá. Porque num precisa. Com os juros do dinheiro que tem, né, tem condições de vivê. O rico, a mulher num trabalha. Como existe casos que eu tenho amizade de fregueses lá na loja que o cara anda o dia inteiro pra gastar o dinheiro. Num tem onde gastá tanto dinheiro, né? Mais aqui na vila num tem. Gente que pode chamar de rico não.

Inclusive, ao se referir a um tipo específico definiu-se os *pobres que tem vontade de se rico*. Expressa-se uma relação de oposição, pobre/rico. O rico estaria fora da vila.

Esses *que tem vontade de se rico* têm um empecilho, *as finanças*. Assim como as finanças impedem os pobres de serem ricos, elas servem de conteúdo para definições de certas categorias na vila. Principalmente porque fornecem a medida para algo chamado *padrão de vida*. Os *melhores, gente mais elevada, os que vivem bem, os que tão bem, os que podem*, são aqueles que estão *financeiramente bem*, isto é, *ganham um ótimo salário e têm poucas pessoas em casa*.

Isso se mostra através principalmente do fato de que reformaram a casa. A reforma da casa é um sinal constante para definir essas categorias arroladas. Tem um tal peso que, em certos momentos, torna-se uma categoria: *os que reformaram a casa*. Aí a classificação interna apresenta-se essencialmente como: os que podem porque reformaram a casa, os que não reformaram a casa mas não passam fome, os que estão *ruim*, isto é, *passam fome, não têm água, não têm luz, num têm meios de subsistência*

Os que estão *no ápice*, que são aqueles *que podem*, também se caracterizam pelo maior distanciamento da vila. São os que não param na vila, *não convivem com a turma da vila*. Convivem com pessoas de fora.

Aqueles que não reformaram a casa mas não passam fome são também os *que vivem mais ou menos*, a classe média da vila. Também chamados *pobres*, em oposição ao *pobrezinho*, de um lado, e ao *melhorado*, de outro. São aqueles que trabalham todos, não passam fome, não devem nada a ninguém. Têm um *padrão de vida pobre, mas decente*.

E os pobrezinhos têm que *pedir para comer*.

Se a reforma da casa é o sinal básico para as definições das categorias que classificarão os moradores, também existem critérios que remetem à aparência pessoal, como a “cor” e o modo de vestir. Sobre o primeiro me deterei depois. Com referência ao segundo, existem os *decentemente vestidos, arrumadinhos, em orde*, em oposição aos *maltrapilho, sujo*. Arrumadinho, em ordem, sujo também se aplicam na avaliação simbólica das casas.

Alguns poucos afirmaram serem todos iguais. Ao expressarem essa igualdade, utilizaram uma linguagem que incorporava os critérios que apresentei no primeiro capítulo. Ou seja, dizer que “se mora na vila, é tudo igual” equivale a homogeneizar nos termos da imagem construída em Campinas a respeito da vila popular e segundo os critérios da própria COHAB, que projetou uma vila para pessoas iguais. Entretanto, é muito significativo que esses moradores se classifiquem como pobres, em relação aos ricos e, embora muito raramente, se classifiquem como “tudo igual”. Isso revela certos componentes igualitários nas representações que fazem deles próprios. Terem aparecido tão poucas vezes levanta o problema de saber em que medida o aguçamento de uma visão e uma prática desigualizadoras entre os moradores é situacional, ou como diriam outros, conjuntural .

Houve também discursos que expressaram uma síntese das duas visões, a da igualdade e a da desigualdade internas a Primeira também com o conteúdo expresso na imagem da vila Popular em Campinas.

Expressam o que *é tudo misturado*:

Aqui tem gente de todo tipo.

Tem pessoas que tão bem de vida, né, Suely? Tem pessoas que tão financeiramente bem, porque já reformou a casa, ganha às vezes um ótimo salário, qué dizê que dá pra fazê coisas que ... eu pelo menos, cê vê, não dei uma pintura na casa, porque, como cê vê, não dá de jeito nenhum, principalmente criança pequena, cê tem um gasto tremendo, porque é leite, é tudo, pão todo dia. Não dá, Suely, não dá procê guardar mil cruzeiros por mês. Agora, pessoas...pessoas que têm um salário melhor, então dá pra ... pra reformá a casa, já dá pra arrumar, por exemplo, o chão da casa, que nem o meu tá do jeito que veio, do jeito que eu peguei a casa, tá. Agora aí tem outros que tá pior que eu ainda. Tem outros, tem famílias aí, que as vezes não tem, como se diz, não tem nem o que comê. Trabalha e aquela miséria pior que a gente. Porque eu graças a Deus, ainda tenho o meu marido e meus filhos que trabalha. Não passo bem não, mais também fome não passo, né? Agora a gente tem que olhá pra trais porque tem pessoas piores do que a gente. Olha, Suely, por exemplo, a Laís aqui, a Laís, se você for falar com ela, ela vai falá que não, mais ela tá melhor de vida, porque ela trabalha, ela tem só um filho, ele é bombeiro, é sargento bombeiro, quer dizer que ele ... eu tenho impressão de que ele ganha um milhão e meio pra fora. Ela tombem deve tá ganhando quanto? ... uns seiscentos contos, quer dizer que são só três pessoas. Ele... pa cê vê, ela já reformou a casinha dela, ela sai passiá, ela sempre fala pra mim que eu num vivo, Suely, eu vegeto. E acho que eu vegeto memo, porque eu não saio, eu não vou pra lugar nenhum. Ela não, ela passeia. Mais ela falou pra mim memo isso aí, sabe? Ela passeia, quase todo sábado e domingo ela não tá aí, ela viaja, ela vai pra tudo quanto é lado. Mais ela pode, Suely, né? Se eu for fazê uma coisa dessa, chega no fim do mês eu passo fome, porque não tem o que comer, né? Agora o Palermo lá em cima, tá com a casa reformada. Ele é da Força Pública, né, deve ganhá bem. E mais pessoas que tá com a casa reformada aí, mais por que? Porque tem um ótimo salário, ou às vezes tem mais filhos que ajuda, né? Os filhos ganham bem.”*

** Um cruzeiro “novo”.*

Ah, isso tem muita diferença. Por exemplo, a dona Célia aqui, mãe da Sandra, a casa dela é uma... é linda a casa dela. Ela reformo, num parece casa planejada de jeito

nenhum, sabe? A Celene da W 3, a casa dela tá ótima, reformô e tudo... Então eles... é os que reformaram a casa, é os que podem, né? Tem os que num reformaram mais também num tão... que eu acho que tou nesse meio... e tem os que tão ruim, mais ruim que tão... num tem água, num tem luz, num tem mais...num tem meio de subsistência...

Em absoluto, tem gente de ... de muitos tipos aqui na vila, de muito jeito, né? Aqui eu num conheço praticamente, mais pelo modo que a gente vê, tudo, a gente vê que tem gente mais ... assim ... humilde, mas tem pessoa mais elevada, de modo que tem, eu acho que aqui na vila tem gente de muito jeito, viu? De muitos tipos. Tem o mais alto, o mais baixo, como a gente vê, tantas famílias por aí que a gente até tem medo de chegá perto. Já tem outros que a gente já tem até mais, né? Não são todos iguais de jeito nenhum, é muito diferente. A gente percebe no modo da pessoa, a gente percebe no modo de vesti, no modo de conversá, no ambiente, tudo. A gente percebe a diferença de um de outro...Tem pessoa que você num pode julgá pela casa porque se você vê uma pessoa, cê vê uma mulher bacana, arrumadinha, em orde, decentemente vestida, tudo mais cê entra lá na casa dela, você tem medo de entrá dentro da casa. Já tem outras que anda tão maltrapilha, às vezes até sujo, mais cê entra dentro da casa, a casa tá em ordem, quê dizê que pela casa você vê. Mais nem todos, porque tem muitos que têm urna casa muito bacana e ela mesmo num parece, num demonstra que a casa dele é em orde, é bacana. Já tem outros que a casa é tão em desordem, tão... Eu acho que é pela pessoa, pela aparência mesmo da pessoa.

Ah, há diferenças sim. Há diferença de religião de cor, de casa, de carro, uns chegam até a deixar de pagá a casa pra comprá carro, pra dizê que comprô carro, que tem carro, que tá bem de vida. Tem assim. Outros continuam com a casa do mesmo jeito, mais que num devem a casa, num devem nada a ninguém. Mas tem pessoas aqui como eu conheço, que chegou a deixá de pagá a casa seis meses ou mais pra... arrumá a casa, pra deixá a casa bonita, pra fazê armário embutido, pra compra carro, pra comprá título de clube, qué dizê, há diferença.(8)

Expressam o *tudo igual*:

O pessoal da vila é tudo igual, da mesma panela.

Vila nenhuma é boa... tem gente que quer ser mais do que os outros. É tudo igual... se mora na vila é tudo igual.

Na vila tem muita gente pobre... quer dizer, todo mundo que mora na vila é pobre. Se fosse rico, comprava um terreno e construía uma casa, não é certo?

Ah, eu num sei. Acho que já que caíram aqui, acho que é tudo igual, meu Deus. Se a gente já mora junto assim, juntinho. Tudo u'a família, u'as família reunida...

Expressam a síntese:

Ah, tem diferenças, né? A gente mesmo andando por aí a gente vê uns tão bem, outros não tão muito bem, né? Procê vê, tem casa, né, que dá pena, né, a gente vê pela casa, num sei (...) porque geralmente de vilas tem coisas assim, né? Boa e ruim, né? Então, por exemplo, longe, né, daqui da vila a gente ouve várias, basta sê da vila eu acho que todos são iguais, viu, acho que são... Tem uns, sempre tem uns, né, mas geralmente a maioria é a mesma coisa...

Aqui na Vila tem muita gentinha, é muito misturado(...) Nós aqui somos tudo pé-de-chinelo, a começar de mim.

A classificação interna dos moradores da vila, expressa nesses discursos, remete a um conteúdo que é básico: a desigualdade. Esse princípio permeia as relações na vila e também as representações que aquelas pessoas fazem de si. Os critérios, o conteúdo, dessa classificação são expressos: o bom trabalho, o bom salário, mais gente da família trabalhando e, portanto, aumentando a renda, as finanças. Isso permite um bom padrão

de vida. Casa reformada (desde que já é “casa própria”) , viagens, passeios, tudo isso é visto como aquisições. Nessa visão, também o bom trabalho se adquire e é aquele *onde se pode subir e ganhar mais*.

Nos discursos se destacam as noções do ter, estar melhor, querer subir. Elas remetem a idéia de propriedade individual, à competição, à aspiração de mobilidade social, que por sua vez fornecem o conteúdo específico do princípio da desigualdade. Com esses outros princípios aderidos a ela, pode-se chegar a perceber que não é uma desigualdade como a do sistema de castas puro, nem como a de um sistema segmentar. É uma desigualdade que tem a ver com uma formação capitalista, onde os critérios adquiridos têm mais peso na classificação, sem excluir, porém, do mesmo universo simbólico, critérios atribuídos. O que ficará mais evidente quando forem abordadas as representações em torno dos sinais diacríticos étnicos.

Duas observações fazem-se necessárias aqui. Poderá haver situações, envolvendo as mesmas pessoas que falam nesse trabalho, em que seja mais aguçada uma visão de igualdade do que a desigualizadora que aqui se constata. Eu poderia pensar, por exemplo, em uma situação reivindicatória no trabalho, envolvendo todos os meus “informantes”. Nesse caso, muito possivelmente a ênfase recairia na igualitarização interna. E pode ser que marcas de desigualdade não fossem buscadas nem mesmo nos sinais étnicos.

Uma discussão está ausente, de propósito. A do nível de consciência de classe do operariado brasileiro. Meus dados talvez sejam significativos para uma análise desse tipo, mas são insuficientes. Meu objetivo é bem mais modesto. Trata-se aqui de caracterizar uma situação onde a combinação de determinados fatores contraditórios aguça a subjetivação da desigualdade.

II. 3. A REFORMA DA CASA

Na Vila “31 de Março”, como em todas as vilas populares construídas pela COHAB, as casas aparecem frente aos moradores como dotadas de uma propriedade “misteriosa” e dúbia: são e não são deles.

Faltam dezessete anos pra acabar de pagar minha casa. Na COHAB nunca dizem nada sobre isso. Parece que venderam uma coisa escondida, que ninguém pode ver. No contrato só fala que a casa vale sete milhões. Mentira.

Há um contrato assinado, cujos termos a maioria desconhece, mas que lhes garante que são adquirentes de casa pelo sistema de financiamento e, no entanto, estão mensalmente pagando uma certa quantia (que muitos, usualmente, chamam de “aluguel”) e percebendo que a dívida aumenta ao invés de diminuir.

Ah, a gente veio pra cá porque pagar aluguel era difícil pra nós. Porque meu pai morreu e deixou a gente numa crise muito difícil. O aluguel daqui era menos e minha mãe quis vir pra cá.

Essa dubiedade da propriedade é expressa pelos moradores, por exemplo, assim:

Paga-se pouco e mais tarde fica ou meu ou de quem paga ou dos filhos. É sempre uma segurança pra família.

Aqui tem casinha que a pessoa tem préstimo de zelá do que é seu, porque eles tão cientes que a casa é deles, mas tem muitos que... que tão com o aluguel tudo em dia, tudo direitinho, mais acha que a casa num é deles. Inclusive meu marido acha que essa casa não é dele e eu bato o pé: não, ela é minha.

Nunca eu pensei em sair da vila até hoje. Acho ótima porque sempre, sempre não, depois que eu me casei, só morei em casa alugada. Casa dos outro. Então, casa dos outro você sabe, né, a gente vai por um prego, tem que perguntar pro dono se é naquele lugar, né? Ao passo que da COHAB, eu não digo que é minha, é da COHAB, eu não acabei de pagar. É minha e da COHAB. Mas no dia que eu quero eu planto rosas, no dia que eu não quero, arranco e planto cebolinhas, arranco pé de abacate e planto de cana e ninguém diz que tá errado.

Nesse contexto, ao nível simbólico, a reforma da casa (principalmente a construção do muro, do qual falarei mais tarde) expressa, além de um elemento de diferenciação social dos moradores, um desejo de eliminar a “dubiedade” da propriedade (9) .

O quadro que se segue divide-se em três conjuntos: o das reformas que já foram feitas; o das novas reformas que se pretende fazer; e o das reformas que se pretende fazer sem ainda ter feito nenhuma. Nos dois primeiros conjuntos, cada letra corresponde sempre a mesma residência.

QUADRO 3. REFORMAS DAS CASAS

REFORMAS EFETUADAS

A. taco; outra porta: fechamento da área; um cômodo ao lado, que serve de oficina para o marido; cimentação da frente; muro; azulejo no banheiro; abrigo para o carro.

B. reforma do banheiro; transformação de um quarto em copa; fechamento do corredor; taco; pintura da copa; muro (aumento da altura),

C. cimentação da frente; piso; taco; sinteco; muro.

D. transformação de um quarto em copa e quartinho; alteração nas comunicações da casa; cerâmica e taco no chão; pintura da casa; barra lustre; área com cerâmica e pilar; cimentação da frente; muro.

- E. mudança da porta da sala, o que alterou a entrada principal da casa; piso.
- F. outra cozinha; outro dormitório; cômodo no fundo; área; grade na frente.
- G. muro lateral alto.
- H. pintura da casa; taco; muro.
- I. piso (vermelhão).
- J. muro.

NOVAS REFORMAS QUE SE PRETENDE FAZER

- C. terminar o muro; outra cozinha.
- E. terminar e melhorar o muro; terminar o piso; taquear os quartos; cerâmica no banheiro e na cozinha; azulejo na cozinha; armário embutido.
- G. lajota e taco.
- H. ampliar a casa.
- J. quarto; ampliar cozinha; taco; ampliar casa.

REFORMAS QUE SE PRETENDE FAZER SEM AINDA TER FEITO NENHUMA

- K.. muro; calçada; taco; ampliar casa.
- L . muro; calçada.
- M . muro.
- N . ampliar a casa; transformar o quarto em copa; muro; arrumar o chão.
- O . muro; piso.

Os recursos para as reformas das casas originaram-se principalmente da venda de bens (como terrenos) (10), poupança, compra de material a prestação (esse material é muitas vezes armazenado no quintal), indenização por perda de emprego. Com esta (e também com a loteria) esperam contar aqueles que aspiram reformar suas casas.

O salário que a minha mãe recebe de cada um um pouquinho num dá. Então, quando eu fui mandada embora da VÊNETA, que eu trabalhei na VÊNETA, fábrica de calçados, eu recebi de indenização, um cruzeiro. Não mil cruzeiros, né? Então, o que eu pude fazê com aqueles mil cruzeiros eu fiz, que foi mudá a porta da sala, que era pra rua D. Então eu mudei a porta pra rua L 4 e ficô, pegou um quarto, que era quatro quarto a casa, e naquele quarto foi feito uma salinha. E agora ficou sala e copa porque era só a sala que tinha...

Todas as pessoas com quem falei ou já tinham reformado suas casas ou desejavam fazê-lo. Como se pode ver no Quadro 3, o fato de se ter realizado certas reformas não exclui o desejo de novas.

Estou ciente dos aspectos intrincados de que essas reformas se revestem. Entretanto, todas as reformas feitas, seja “pra melhorar a aparência”, seja “porque aqui em casa é muita gente”, seja porque a filha ia se casar e “precisava arrumar a casa pra festa”, transformam-se em marcas de desigualdade.

... a casa dela é uma... é linda a casa dela. Ela reformô, e casa num parece casa planejada de jeito nenhum. A Celene, da W 3, a casa dela tá ótima, reformo e tudo... Então eles... é os que reformaram a casa, é os que podem, né?

A construção do muro é a reforma que melhor exprime as duas significações a que me referi: da desigualdade interna e da “eliminação” da dubiedade da propriedade.

É... o homem ali tá fazendo o muro dele. Deve tá gastando mais de dois milhões. Bem que eu queria fazê o meu, mas nunca dá certo. Só que eu não queria tão alto assim.

Isso foi dito numa rodinha de ponto de ônibus. Os donos daquela casa recusam-se ostensivamente a se identificarem como moradores da vila. Conheci alguns deles antes da pesquisa mas, em todo o decorrer desta, nas várias visitas que fiz à casa só encontrava uma das filhas. E sempre ela me recebia como conhecida (11) mas frisava que não poderia me dar nenhuma informação sobre a vila porque ele não conhecia ninguém ali, a não ser “de bom dia, boa tarde pra algumas pessoas. Meu grupo de amigos é tudo do Taquaral (12) (...) minha mãe trabalha o dia inteiro e só chega em casa tarde, nem sabe o que acontece aqui”. Disse-me também que estranhavam muito morar em vila. É o muro mais alto da vila.

No dizer dos moradores, o muro é importante porque dá mais segurança, protege as plantas, melhora a aparência da casa, evita que saiam as crianças.

A turma não respeita muito essa gradinha aí.(13)

...Vai tê que reforçar o muro de qualquer jeito. Porque a casa parece que com o muro pronto dá mais aparência. Porque a nossa casa, coitada, tá muito abandonada. Parece casa abandonada, daquele jeito. Então, se a gente fizé o muro, vai dá mais aparência.

Portanto, além do componente diferenciador que o muro possui no universo simbólico dessa população, é importante assinalar aqui que, seja colocado uma grade de ponta de lança, seja fazendo um muro que poderá ser mais alto ou mais baixo, trata-se de algo construído por eles e que marca os limites da casa e reafirma a propriedade.

11. 4. CONCLUSÃO

No primeiro capítulo, enfatizei a forma homogeneizadora como são considerados a vila popular e seus moradores. No fim do capítulo, já procurei mostrar algumas práticas que sugeriam uma reflexão sobre esta suposta homogeneidade.

Neste segundo capítulo, preocupei-me, inicialmente, em caracterizar os moradores em termos das posições que ocupam no sistema de produção e, nesse critério, encontrei um aspecto comum à sua grande maioria: são (ou foram) vendedores de sua força de trabalho, embora nem sempre ela seja empregada produtivamente (14).

Em segundo lugar, mostrei como essa heterogeneidade se manifesta a partir de como eles próprios se vêem e se classificam. Nessa classificação caracterizei inicialmente os moradores utilizando marcas adquiridas, entre as quais salienta-se a reforma da casa, para definir esta ou aquela categoria de morador da vila. Falei, então, sobre as reformas que são feitas e desejadas, a origem dos recursos para efetuar-las, as significações que elas, em particular a construção do muro, adquirem na vila. A reforma da casa aqui se transforma numa marca simbólica que individualiza na coletividade e que responde negativamente à visão de homogeneidade.

Lembro-me do que dona Celeste, que já fez várias reformas em sua casa, contou de uma visita imprevista de um colega de trabalho do marido, “um colega graduado”. Apesar da surpresa, a casa estava “muito arrumada, limpinha”. O visitante espantou-se: “Nunca pensei que você morasse numa casa como essa. Quando cê me disse que morava em vila popular eu ficava até com dó... E agora...”

Se, portanto, a ênfase no primeiro capítulo foi dada à visão externa de homogeneidade, a do segundo foi à visão e à prática internas de heterogeneidade.

Eu poderia sugerir que essa visão tão aguçada de heterogeneidade tem a ver com dois fatores contraditórios inerentes à vila popular. Trabalhadores proprietários apenas de sua força de trabalho são ideologicamente transformados em proprietários de sua moradia (15). É um fator de individualização contraditório às imagens e ao agrupamento habitacional que caracterizam a vila popular. Há por um lado um fator de individualização e por outro uma imagem “coletivizadora”.

Ao conjunto, responderiam com a individualização. A visão de homogêneos, responderiam: “somos misturados”. Ao “são pobres”, responderiam: “aqui tem de tudo, pobre, melhorado, pobrezinho”. Ao “é casa de maloqueiro”, “casa de preto”, responderiam: “aqui tem de tudo, tem os bons, tem os maus, tem brancos, tem pretos”. Os piores são os que tem a casa suja, “que dá até nojo”, e a maioria das casas sujas da vila são as casas “da gente de cor”.

Não estou afirmando que não se marca desigualdade em outros locais, seja de residência ou não. Estou querendo sugerir que, combinados aqueles fatores contraditórios, numa sociedade que se caracteriza pelos princípios a que já me referi (competição, individualismo, propriedade privada), há um aguçamento das necessidades ideológicas de marca de desigualdade.

Também não afirmo que as categorias com que se classificam, por serem utilizadas internamente, não sejam aplicadas em outros locais com referência a outras pessoas ou mesmo aos moradores da vila. A vila é um caso onde se combinam fatores estruturais e situacionais, os quais pude observar. Fazer aqui fazer aqui propostas de generalização exigiria um conhecimento empírico e teórico mais aprofundado.

Tendo caracterizado, portanto, o aguçamento da necessidade demarcas de desigualdade, pretendo agora prender-me a um tipo particular de marca: sinais diacríticos étnicos em torno dos quais há um conjunto de representações que lhes permite serem usados para, também, desigualizar pessoas.

No terceiro e no quarto capítulos dedico-me a mostrar termos descritivos de certos sinais diacríticos étnicos (cor da pele, cor e tipo de cabelo, forma dos lábios e do nariz) e certas categorias que servem tanto para identificar como para classificar pessoas. Apresento a definição de algumas dessas categorias e situações em que pude observar o uso delas. E, para que isso faça sentido, apresento o “corpus” de representações em torno do “negro”. E como entre os moradores da vila, “os pobres”, aparece mais uma divisão: entre eles “os negros”.

CAPÍTULO III. OS “APELIDOS” DOS “NEGROS”

Só sei dizer que eu tenho muitos apelidos: se chama patrício, eu tou respondendo; se chama tio, eu tou respondendo também do mesmo jeito.

Meu nome é Benedito, mas me chame Benó, que Benedito é nome de santo preto.

No início de minha pesquisa de campo na vila, quando eu procurava pelos endereços de várias pessoas ou falava de uma para outra, notei a recorrência de certos critérios de identificação.

Suely: Estou procurando uma moça que mora nesta rua. Ela se chama Beatriz. O senhor sabe onde é?

Morador: Ela é branca ou patricia?

.....

Suely: Estou procurando uma senhora que se chama Aparecida. Mora nesta rua. A senhora conhece?

Moradora: Que cor ela é?

Suely: Morena.

Moradora: Eu não conheço, mas a senhora vai naquela casa ali, naquele lado. Tem uma moça lá, ela é morena também. Deve conhecer.

-
-

- Suely: Ontem conheci uma senhora, a dona Zélia.

- Moradora: Uma patricia?

Esses diálogos mostraram-me a importância da cor das pessoas para a sua identificando e classificação e comprovaram-me que buscar seu significado era relevante.

A reforma da casa apresenta-se como a marca básica para classificar as pessoas na vila. É uma marca adquirida. Por outro lado, certos sinais diacríticos (cor da pele, forma do nariz e dos lábios, tipo de cabelo), pelo que eles significam, servem também para classificar pessoas na vila. Quero mostrar o “corpus” de representações em torno desses sinais através dos termos descritivos e categorias de cor e através do discurso em torno de certas situações e certos temas.

Primeiro pretendo descrever e comentar um conjunto de termos de cor que são principalmente categóricos, no sentido de que seu uso remete, mais a uma classificação que a uma descrição. Mostro-os, primeiro, sendo definidos pelas pessoas, o que permitirá desvendar alguns significados que tornarão mais esclarecedora a sua

operacionalização, que é situacional. As situações serão descritas na parte III.3. Mesmo que aí, nestas situações, os termos apareçam em algumas variantes (por exemplo, “negrinho” ao invés de “negro”) . Na parte III.2 comentarei os termos descritivos.

III.1. DEFINIÇÃO DE ALGUNS “APELIDOS”

DE COR

A categoria *de cor*, quando definida pelos moradores, expressava quatro significados diferentes. Um, muito restrito, onde “de cor” = “preto”.

Ser de cor, que eu saiba, é só preto, né?

Pessoa de cor seria o preto, que a gente fala, a gente não fala preto, fala de cor.

Um outro significado, mais amplo, diria respeito a todos os “não brancos”.

De cor. Saiu de branco, de cor. Saiu de moreno, de cor.

O terceiro significado já incorpora uma dimensão sociológica à categoria.

O cidadão de cor é aquele que tem uma posição social definida... Assim o preto seria aquele cara que além de preto, pertenceria, a plebe.

O quarto, por fim, é o que estende o campo definido pela categoria a outras “raças”

Ser de cor, bão ... é... é o modo que o povo usa mais na expressão, mais de falar da cor negra. Fala a cor negra, é de cor. Mas não deve, porque o japonês é amarelo, é chamado de amarelo pra ele poder definir as raças, né? Tem o alemão que é ... o russo é o vermelho, o alemão também quase tá na classe do russo, do vermelho, e assim por diante. Existe muitas raças, né, mas sempre é ... é ... dizem o ... o... de cor por causa que existe muito mais negro do que essas outras raças, porque os negros já vêm... já vêm dos antepassados, da escravidão, são os negros que chegaram da África, né, lá por volta de mil e oitocentos, mil e oitocentos - mil e oitocentos e vinte mais ou menos pra mais, né? Não tenho bem certeza dessa parte...Mas foram os negros que foram... que foram chegando pra colonizar melhor o Brasil, que estava muito atrasado, muito deixado, por não ter mão-de-obra. Então comprava-se negro lá ou então traziam enganado... Então... essas, essa raça já é... já é uma das mais antigas... das mais antigas do Brasil. Além dos portugueses, dos índios, são os negros, também. São essas três raças que fizeram essa nação. Então tem essa mistura enorme.

NEGRO

Enquanto “preto” é quem tem a pele preta e “mulato” é sempre o resultado da união de “preto” com “branco”, na definição da categoria “negro”, intervêm, além da exageração dos atributos naturais que definem o “preto”, critérios que remetem a uma origem, a uma descendência (africana), a um conjunto de atributos histórico-sociais.

Ser “negro” é ter a cor bem preta, os olhos pretos com uma parte branca. A cor, de tão preta, chega a ser azulada. O cabelo, todo enrolado. “Negro” é aquele que veio da África, que foi escravo. Ser “negro” é ser desanimado, ter um nível de vida baixo, ter resistência física e mentalidade fracas. É ser bagunceiro. É ter medo do ambiente dos “brancos”. É fazer negrice, isto é, *fazer coisas que num presta*.

“Negro” é a categoria que remete tanto a um conjunto de sinais diacríticos como a um conjunto de construções sociais, algumas delas sendo atributos que definem

uma identidade estigmatizada. Nela se manifestam as significações de ordem histórica, que remetem a uma certa relação de trabalho escravista onde ser escravo era igual a pertencer a um grupo étnico específico.

É preciso salientar, entretanto, que não é porque o “negro” foi escravo, logo... Não é essa a minha premissa. Não é o porque foi escravo ou “mal ajustado” a uma sociedade de classes que explica que ainda continue a ter sentido o conjunto de atributos que marca o ser “negro” e seu papel correspondente, “fazer negrice”. Essa é uma das associações feitas ao nível das representações que dão sentido ao “negro” e lhe permitem servir como marca de desigualdade.

Certas afirmações demonstram a conotação particular da categoria “negro”.

Pra mim, negro pode sê um branco. Negro é quem faz negrice, que faz coisas que num presta. Então pode sê até branco e sê negro, tê negrices. Preto é quem é preto de cor, tem a pele preta.

Como mostrarei depois, é a categoria “negro” a mais utilizável quando se quer expressar o conjunto de atributos contidos nas representações em torno do “preto”. É ainda revelador que a categoria sintetizadora daqueles atributos seja “negrice” e não “pretice”.

O que é “negrice” ? “Negrice” é fazer coisas consideradas erradas, ruins, malfeitas, sujas. Tanto assim foi definido, como observei o uso contextual dessa categoria nesse sentido. Ao se referir a coisas feitas de modo errado, a um serviço que não foi feito como se esperava, dizia-se que a pessoa fizera “negrice”. Categoria que não se aplica necessariamente a pessoas dessa ou daquela “cor”. As definições de “negrice” foram, por exemplo:

...quando a gente faz coisa errada.

É sujeira, né? Coisa mal feita.

Há uma definição de “negrice” que remete à associação “negro”/“baiano”:

Ah, negrice é baianada, fazendo arte, fazendo coisa errada.

Em outros momentos, quando, por exemplo, se descreve a cor ou se observa o comportamento de pessoas, a associação “negro”/“baiano”/ “nortista” também será feita. Sobre isso falarei mais tarde. Agora só quero frisar que essa associação não deve ser compreendida em termos de “negro”= “baiano”= “nortista”, mas que em torno dessas categorias há um conjunto de atributos negativos e quer portanto, se prestam a desigualizar pessoas.

Outra definição de “negro” já explicita uma relação específica com o “branco”:

Negro? Bom, ser negro é pessoa que tem medo, ele já tem medo de entrar num ambiente onde tem brancos, ele não entra como se ele tivesse num ambiente só de negros.

Existe a definição que associa à origem:

...aquele que veio da África.

Outra possibilidade de definição, menos utilizada, é a de não atribuir um conteúdo diferente à categoria “negro”:

É preto também. Preto, negro, de cor, é tudo a mesma coisa, é tudo da cor desse microfone.

Outra categoria de cor que não encontrei registrada nos trabalhos feitos em outras regiões (“patrício” também não) foi “tio” (1) . É uma categoria utilizada entre e para jovens. Digo jovens baseando-me em dois critérios ênicos: idade e estado civil. Nas definições, inclusive, dizia-se: *tio é moço preto e tia e moça preta*. Ou se explicitava que *peessoas de mais idade eu nunca ouvi falar*.

Ser “tio” é ser essencialmente um “negro” identificado com alguns locais de “negro”. Por exemplo, na época havia em Campinas uma panificadora, Pão de Ouro, quase em frente à agência da VARIG, a rua principal da cidade. A Pão de Ouro e a esquina próxima à agência da VARIG” eram consideradas pontos de “negros”, rapazes em sua maioria, com um certo padrão de vestuário e cabelo tipo “black power”. Uma das moradoras, que indiretamente se relaciona com esses “tios”, pois frequenta bailes organizados por eles, assim definiu “tio”:

Tio é preto, é. Sabe porque tio? Porque os cara da cidade que se denominam assim, cê entende? Tio...tio é esse neguinho que fica... esses neguinho doce que fica sentado na VARIG todo dia, sábado ao meio dia também, distribuindo circular de baile, conversando sobre bailes, jogos. Não chamo assim ninguém da vila porque ninguém frequenta aquele ponto.

Há momentos particulares que são associados à categoria “tio”. Fevereiro é desfile dos “tios” e setembro, desfile das “tias”. Carnaval e o desfile de sete de setembro.

PATRÍCIO

Comecei a ouvir “Patrício” como categoria de cor em Campinas. Isso me levou a perguntar a moradores oriundos de outros Estados se conheciam este uso antes de virem para Campinas. Todos responderam que em seus locais de origem “patrício” é usado como contrerrâneo e só aqui passaram a utilizar a palavra como categoria de cor.

As definições de “patrício” terão, basicamente, quatro direções. A primeira leva a explicitar seu uso como “contrerrâneo” ao mesmo tempo em que se procura

incorporar o significado diferente encontrado em Campinas. Perguntei a uma pessoa se ela já ouvira falar em “patrício” com este último significado:

Já mas só ouvi falá aqui em São Paulo, né ? É, nunca tinha visto fala, no norte nem em Goiânia nunca tinha visto falá essa palavra patrício. Porque pra mim patrício é quem é da mesma pátria. Pelo menos eu trabalhei com um... ai como é o nome dele ... turco, eles falavam assim: ‘chegou um patrício. Então pra mim patrício, eu conhecia, sabia que patrício era isso. Quando eu cheguei em São Paulo, quando ouvia falá num patrício, eu pensei que pro que eu era do Brasil, né? Mas aí que eu comecei a vê que era as pessoas de cor.

A segunda definição parte da reflexão de que, como “patrícios” são pessoas oriundas de um mesmo local, os “negros” aplicam a categoria a si próprios.

Ah, patrícios são entre eles, né, Suely? Que eles dizem patrício porque eles vieram da África .Então eles falam um pro outro, patrício. Mas não entre nós, né? É...falo.

É... um preto chama o outro de patrício, fala ‘um patrício ali.

Uma terceira leva à utilização de “patrício” estritamente como uma categoria de cor.

Ah, eu entendo como uma pessoa de cor.

Um pretão grandão.

Os negros, raça miserável.

Agora o patrício é mais o seguinte, eu analiso pelo cara, o comportamento da pessoa, patrício. Talvez pelo cara ter assim... esse negócio de bebê, fumá, extravagância, então eu analiso essa palavra patrício nesse sentido.

A quarta é uma recusa da aplicação da categoria “patrício” aos “negros”:

Patrício? Ah. já ouvi sim. Essa expressão... foi, foram os portugueses que trouxeram. Patrício, eles se entendem lá entre irmãos, entre eles mesmos, os portugueses. Mas como os portugueses teve muita influência sobre os negros, então...muitas vezes nós tratamos os ... neg/.. os irmãos negros aqui de patrícios. Mas essa é uma expressão portuguesa, foram os portugueses que trouxeram, não tem nada de ver com os patrícios. Os negros negro mesmo, os patrícios são os irmãos dos portugueses, né?

No sentido mais específico (“patrício”=“negro”) “patrício” não é utilizado apenas pelas pessoas “de cor”, mas também por outros, ao categorizarem-nas como tal. E muitas vezes com um sentido pejorativo.

Que é conterrâneo, né? Que é conterrâneo, da mesma nação, do mesmo Estado. Num é isso? Outros fala porque é da mesma cor e ela chama de patrício pra dizer que é uma continência que ele dá, mais num é, né? É gozação, né? Eu acho que é.

MORENO

Se “negro” é a categoria que mais contem em si o conjunto de atributos que acompanham a cor, a categoria “moreno” é a que trará em si um conteúdo que é considerado por muitos autores (2) como marcante nas categorizações e relações raciais no Brasil: a ambiguidade. Enquanto “moreno” implica em ambiguidade, “negro” indica um conjunto bem preciso de atributos presentes nas representações.

A dificuldade em definir “moreno” foi constante, como o seria também para definir “branco”. Além da base definitiva, que à a cor, intervém um outro elemento, o tipo

de cabelo. Torna-se, então, uma categoria muito marcada pelos aspectos descritivos e flutua entre o que não é “branco” e o que não é “preto”, entre as diferenciações do “branco”. Além disso, intervém uma série de termos particularizadores, sejam qualificativos (“claro”, “escuro”, “amarelo”), sejam comparativos, o que proporciona à categoria “moreno” uma tal fluidez que lhe permitirá ser aplicada a quase tudo. É isso que lhe permite ser a área sem limites da classificação.

Definida em abstrato, “moreno” é uma subcategoria de uma categoria mais ampla: “branco”. Mas, ao ser aplicada com seus complementos particularizadores, a categoria pode referir-se a pessoas que apresentam sinais diacríticos não “brancos”, embora se classifiquem como “brancas”. Nesse sentido, a existência da categoria “moreno” é muito mais importante que a da categoria “mulato” e a possibilidade de suas múltiplas aplicações é elemento esclarecedor de um aspecto das relações raciais no Brasil, já apontado por vários estudiosos (3): o “branqueamento” do “preto” sem que necessariamente mudem os sinais diacríticos étnicos.

Em vários momentos da definição de “moreno” (e também de “branco”) surgiu a necessidade de citar pessoas, o que demonstra a ausência de um conjunto abstrato de atributos como existem com relação ao “negro”, por exemplo.

A gente inclui da branca e a preta, tem a raça branca, mas entre a raça preta tem o preto tem o mulato e entre a raça branca tem o moreno e tem os branco, que são os mais claro.

Quando eu falo só morena, acho que tou englobando também... no tio, na pessoa de cor. Tou englobando tudo quando eu falo só morena, por exemplo.

Moreno é branco... depende do moreno.

BRANCO

A regra na definição de “branco” é a dificuldade de definir. No caso das categorias que expressam a cor “preta” e suas variantes, existem atributos naturais ou atributos sociais bem delimitados. Dessa forma uma primeira e mais frequente definição que, seja a partir de características naturais ou não, se faz por oposição ao que é “preto” ou ao que é “negro”. Ser “branco” é não ser “negro”.

É uma pessoa que não é, que não tem cor negra, morena.

Branco é uma coisa difícil de definir, mas branco é uma pessoa que parece que ele já é mais aberto, devido a num ter o problema do negro, né? Então ele já entra mais livremente em qualquer lugar assim.

Uma segunda definição associa “branco” a uma nacionalidade concebida como exclusivamente “branca”.

Branco é branco que nem italiano.

Pode-se também, para definir *branco*, recorrer ou a exemplo de pessoas ou a termos descritivos.

Branco como o Carlos da Rosana e a Rosana. Eu acho que são brancos.

Branco, por exemplo, é uma pessoa clara de cor.

E, por fim, a indefinição:

Branco é, sei lá, é uma pessoa... é branco.

O branco eu considero é assim, um cara branco mesmo, não? Assim a gente vê logo que o cara é branco.

III.2. OS SINAIS DIACRÍTICOS ÉTNICOS E SEUS APELIDOS

Os termos utilizados para descrever ou referir-se a sinais diacríticos étnicos de pessoas particulares serão aqui mostrados e comentados. Anotei sua aplicação tanto em momentos de pura observação como nas entrevistas.

Os termos puramente descritivos revelavam a atenção para as mínimas diferenciações de gradação de cor da pele, ao lado de outros sinais.

Agrupei os termos em dois conjuntos, o dos relativos às pessoas consideradas não “brancas” e o dos relativos às consideradas “brancas”. Todos os termos arrolados foram expressos tanto no masculino como no feminino.

Não “brancos”: retinto, preto mesmo, zulu, escuro, preto, escurinho, pretinho, quase preta, bem escuro, negro, mulato, caboclo, mulato meio claro, mulato bem claro, mulatinho, mulatinho bem claro, preto claro, preto retinto, mais preto que, nego aço igual albino, pele preta, cor preta.

“Branco”: pele bem clara, claro, branco, branquinho, bem branco, loiro, quase loiro, clarinho, bem clarinho, loirinho.

Mas em vários momentos a ambiguidade se manifestou, seja através de uma descrição em que a tônica era não ter cor ou através de termos e categorias diferentes aplicados às mesmas pessoas, seja através de variantes da categoria “moreno”.

É possível não ter cor. Aí se é pálido. Também é possível ser “marronzinho”, “marrom-glacé”, que são equivalentes de “caboclo”. É possível uma mesma pessoa ser “preta” e ser “mais ou menos de cor”, ser “escura” e ser “negra”.

"Era bem escuro como eu, até mais escuro. Tem o cabelo também crespinho. Mas num deixaram ele entrá por sê negro."

Nessa mesma reflexão é possível ser “preto” e ...

Por exemplo, o Gilberto é mulato, mas ele é amigo da gente. Então ele entra. Mas se eu vejo que tem dois ou três preto, num entra.

Pode-se ser "de cor" e ...

O Nando é um negrão, moreno também da minha cor.

Em todos esses casos passa-se de uma categoria a outra, tendo-se como fundamental a relação entre quem fala e sobre quem fala e a situação que envolve os dois. A pessoa “preta” que foi caracterizada como “mais ou menos de cor” teve o “mais ou menos” acrescido em função de que estava sendo convidada para uma festa de aniversário na casa da pessoa que a descrevia.

Pode-se ser “moreno-amarelado”, “meio-preto”, “meio-sardo”, “negrinho-quase-claro”, “café-com-leite-clarinho”, “morena-bem-tapada”, “bodona”, “cútis-parda”.

Pode-se também ser “mulato” para alguns e “negro à-toa” para outros. Isto também está na dependência da relação estabelecida, refletindo algum interesse. Por exemplo, uma pessoa sendo descrita por sua namorada:

Mulato escuro, mas num é preto.

Conforme ela, a mãe não quer o namoro, porque a moça é “branca”, e refere-se a ele como “negro à-toa”. Se para a primeira a cor é uma descrição identificadora, para a segunda, é uma classificação que tem em si categoria e atributos que caracterizam negativamente. O mesmo rapaz é descrito por uma amiga (“preta”) da moça como “pretinho”.

Aqui também se revela a ambiguidade da categoria “moreno”. “Moreno” é “branco”.

Branca. Depois cê fala que é moreno. Depois quando cê fô escrevê aí cê vai pô moreno.

Moreno” é “preto.

Moreno, mas não é moreno-preto.

Moreno” não é preto nem é “branco.

Era uma morena assim, não é bem escura. Nem muito escura nem muito clara. Fica no meio, entende?

E há vários “morenos”: “moreno-preto”, “moreno-claro”, “moreno-mais-escuro”, “bem moreno”, “moreninho”, “moreno-mais-pra-preto”, “moreno-bem-escurinho”, “moreno-pardo”, “moreno-assim-carregado”, “moreno-jambo”, “moreno-queimado”.

Os sinais diacríticos que compõem a definição da “cor” da pessoa são cor da pele, tipo e cor do cabelo, tipo de lábios e nariz, cor dos olhos.

Ele é branco. A Rita falô que ele é mulatinho claro, mais a cor dele é branca. Mais ele tem a boca de preto, nariz de preto, chato, largo, sabe? O cabelo dele é castanho mais é bem crespo, sabe? Cabelo ruim, sabe?

Ele é branco, sabe? A única coisa que ele tem de preto é a boca, uma boquinha que eu vou te contá...

Eu... eu sou mulata. Mais pra escura, porque coisa de mulata que escapa um pouco é o cabelo mais liso, né? Eu sou mais escura...

Como ela tingiu o cabelo, em nem sei que cor ela é. Agora, atualmente, ela tá castanha com mecha branca.

É morena? Eu num sei. É castanho? Eu num sei. É grisalha. Ah, é grisalha.

... bem Clarinho, bem claro, dente assim. É ele, é o Charles.

Ah...é um moreno . Ah... menina, num sei explicá. Ela num é preta não... ela é assim mesmo, puxa o mulato, sabe? Que ela tem os lábios grossos, né? Mas ela é morena...

Mulata... o cabelo tá dizendo.

...acho que um pouco mais escura do que eu, ela tem uma cor bem... bem... chegada mesma e cabelo liso, não tem cabelo igual o meu. Essa, ela teve vantagem bastante (...) Esse já é mais claro do que eu (...) A cor também é um pouco mais claro do que eu, o cabelo liso também (...) Essa tem a minha cor também (...) E o cabelo dele também acho que ganha um pouquinho do meu.

Alguns conteúdos particulares mostraram-se relevantes para caracterização do “corpus” de representação em torno da cor. Foi o caso da frequente associação cor – origem nacional.

... é branco, bem, é italiano, num pode sê de cor, né?

... é branca, descendente de italiano. Num tem italiano preto mesmo, né?

Ela é clara, é italiana.

Branco. Turco tem que sê branco memo.

A Marlene era bem morena, Rui era claro, era bem claro, agora Celina era japonesa, Dinaura era bem clara.

A origem (“raça africana”) está associada, nas representações dessas pessoas, à definição de cor. Um outro aspecto importante é o oposto dessa associação, ou seja, a preocupação em diferenciar cor “natural” (“origem racial”) de uma cor “artificial” (adquirida, por exemplo, devido à exposição ao sol.

Descrevendo um amigo:

...ele é moreno. Não é um moreno assim bem moreno, ele é meio queimado, sabe? De sol mesmo.

Descrevendo uma “paquera”:

Ele era claro, ele era bem queimado do sol, porque ficava o dia inteiro no sol. Mas ele é claro.

É evidente que muitas vezes essa preocupação se manifesta não somente para opor o “natural” ao “artificial”, mas para usar o segundo para encobrir o primeiro, considerado estigmatizante.

Já me referi a uma outra associação, “negro”-“baiano”-“nortista”. Algumas declarações demonstram que ela se faz porque todas essas categorias possuem atributos negativos de ordem semelhante.

Ah, nenhum nordestino presta mesmo, né?

Ela pensou que podia me enganar. Pensou que eu era baiana. Pro pessoal daqui, tudo pra lá é baiano.

Eles pensa que nortista é tonto, mal educado.

Tudo isso foi expresso em situações semelhantes àquelas em que se fizeram presentes os atributos da categoria “negro”. Situações de briga, de relações tensas. E os atributos expressos nessas situações é que permitem compreender associações como estas:

Ah, negrice é baianada...fazendo coisa errada.

Será que ela não olha bem a cor dela, que ela é uma morena bonitinha... e ele um preto feio mesmo. Aquele lá é preto mesmo.” (Perguntei qual seria a reação da mãe da moça, se soubesse do namoro) “Não, eu já tive uma idéia e falei com uma fulana. Ela disse: ‘ah, não, eles são nortista, eles não liga, eles não liga pra essas coisa’. Falei: ‘então deixa...’ Diz que baiano e nortista não liga, né?

Também o uso do “mas” possibilita algumas indicações sobre as concepções grudadas aos sinais diacríticos étnicos. Ele revela que, em abstrato, “mulatos”, “escuros” ou “pretos” são sempre feios, antipáticos, sem educação, tristes, etc. E a ele se recorre quando se pretende exorcizar esses atributos negativos (ao mesmo tempo em que sã

afirma seus contrários positivos) de pessoas não “brancas”. Por exemplo, ao se referir a um cunhado:

...e é assim, mulato meio escuro, num é claro não, mas é muito simpático, muito.

Descrevendo um ex-namorado:

Ele era bem preto, bem alto, mas tinha uma educação...

A amiga dos tempos de moça:

... a Lenir... bem preta. Mais era bonita, fia da mãe.

Um amigo do marido:

Seu Eduardo até parece com meu marido, ele não é muito, é magro e... é escuro, mas muito alegre.

O marido:

Fisicamente? Ele num é muito alto. Num é muito alto, é escuro, quase...quase mulato, né? Ele tem a pele bem escura.. . tem um metro/ mais ou menos um metro e sessenta e cinco, num é gordo, é meio forte mais num chega a sê gordo e ... tem assim o ... o quexo cumprido, né? Fisionomia num é muito feia também. É negro, né? Mais num é feia... tão feia. Mais o que? Só isso, né Suely? Cabelo bem, bem encaracolado.

As crianças:

...então qué dizê que as minhas crianças são negro mais num tem queixa e são estimado pela ... tanto pela professora, dona Célia, que é negra, como pela dona Janete,

que é vice-diretora, que é branca, como a dona Célia também é clara, que é professora ginásial. Ele é negro. Agora, em compensação, as criança dela, vira e mexe, tão...

A vizinha:

Ah, a Flávia é de cor, né? A Flávia é...escura mesmo. É como se diz... preto de alma branca...que a Flávia é bem preta. A Flávia é bem preta mais também é uma ótima pessoa, né? Bem escura, cabelo ruim mesmo, mais boa...

O casamento de um outro morador (ele não é “de cor”):

...ele é casado com uma moça de cor, mas é um casal cem por cento.

Essas afirmações explicitam como o cabelo, boca e nariz associam-se à cor da pele para formar o conteúdo definitório do termo de cor a ser utilizado e como, em decorrência, interferem, não raras vezes de forma contraditória numa mesma descrição, na escolha desse ou daquele termo.

Ele é mulatinho bem claro mas a cor dele é branca...mas ele tem a boca de preto, nariz de preto, chato, largo, sabe? O cabelo dele é bem crespo, sabe? Cabelo ruim, sabe?

Nesse caso, a solução foi a síntese, “mulatinho bem claro”, resultado de uma cor “branca” e outros sinais diacríticos de “preto”.

Ah...é um moreno. Ah, menina...num sei explicá. Ela num é preta não...ela é assim mesmo, puxa o mulato, sabe? Que ela tem os lábios grossos, né? Mas ela é morena...

Fica evidente a dificuldade da descrição e para ela contribui a interferência de outros elementos contraditórios com a cor da pele.

Essas dificuldades mostram que há, ao nível das representações uma certa tipologia ideal, onde os elementos se combinam de forma precisa. Assim, lábios “grossos”, nariz “chato e largo”, cabelo “ruim” (bem crespo), cabelo “bem preto” comporiam o tipo “preto”. Mas, na realidade, são muitas as diferentes combinações. Assim há, por um lado, um grande número de termos descritivos e, por outro, uma dificuldade em utilizá-los na descrição de combinações que eles não expressam ou expressam inadequadamente. Pois há muito mais combinações de sinais do que termos para expressá-las.

Entre todos aqueles elementos definidores, o cabelo tem um papel particular.

Como ela tingiu o cabelo, eu nme sei que cor ela é.

É mulato, né? Porque além de moreno, ele têm os cabelos, né?

E também se usa a mesma categoria de cor para expressar a “cor” da pessoa e a cor do cabelo. Por exemplo, “loiro”, “grisalho”, “moreno”, “tostado”.

Finalmente, nessas afirmações ressalta um aspecto que considero fundamental. Sendo o cabelo um componente importante para a caracterização da “cor” das pessoas, ele traz consigo uma grande carga valorativa.

.. não tem cabelo igual o meu. Essa, ele teve vantagem bastante...

Ele é um pouco mais escuro do que eu e tem o cabelo mais ruim também.

Ela é um pouco mais morena, mas os cabelos tudo bom.

Esse aspecto vai se manifestar em duas atitudes, adesão ou negação, frente à “negritude”. Num caso, salientando o cabelo “enrolado”. Noutro, principalmente as

mulheres, usando lenços sobre a cabeça ou esticando os cabelos. Na vila, a segunda atitude é mais usual.

III.3. PARA QUE SERVEM ALGUNS DOS “APELIDOS”

Comentarei aqui um conjunto de termos colhidos da mesma forma que os que mostrei na parte III.2, ou seja, em sua aplicação. São, entretanto, não descritivos e sim categóricos. Quando aplicados a pessoas particulares, muitas vezes as mesmas pessoas descritas como “mulatinho”, “moreno escuro” ou outros, aparecem como “negrinha”, “nega doce”, “nega da forgada”, “nega enjoativa”, “neguinha”, “negrões”, “patricia”, “de cor”, “escrava”, “negra cativa”, “negros”, “tio”, “negona”, “negro à-toa”, “nega de mercado”, “morena”, “branca”, “preto rico”, “preto branco”. Aí é a situação, envolvendo quem aplica e a quem se aplica, que importa.

Essas categorias, nas situações em que as colhi, revelam um, aspecto importante: sua autonomia em relação aos sinais diacríticos étnicos que interferem na descrição. Que estes são percebidos em suas mínimas variações, ficou demonstrado pela apresentação anterior dos termos descritivos. Além do mais, em meu contato com os moradores, principalmente com as pessoas “pretas”, evidenciou-se sua atenção a cada diferença, ao ponto de poderem expressá-la. Logo, essa autonomia não tem a ver com a não percepção dessas diferenças “naturais ” (4) mas sim com os atributos que se quer utilizar e que se acredita colados a elas.

Essas categorias adquirem sentido vistas, primeiro, na situação em que foram utilizadas; segundo, pelo “corpus” de representações que acompanha seu uso; terceiro, pelo princípio que as torna utilizáveis coladas a essas representações. Falarei sobre o primeiro aspecto agora. O terceiro, embora eu me remeta a ele ao longo do trabalho, foi particularmente comentado no segundo capítulo. O segundo será matéria do quarto capítulo.

Comentarei as situações em que essas categorias se manifestaram. Foram aqui usadas tanto as extraídas do discurso das entrevistas (a grande maioria) como de discursos coletados por meio da observação. Agrupei nove situações.

A PRIMEIRA

Quando, no início da vila, as pessoas, ainda sem se conhecerem, manipulavam as primeiras impressões:

Quando ela desceu do ônibus, ela mudou de sapato, sabe? Então eu falei: 'gente, deve sê nega da forgada, né? Nega doce.

Entao a turma falava assim: 'ah, olha aí... porque a neguinha tem cabelo comprido a neguinha pensa que é mais gente'. Eu ficava louca, né? Eu falava: 'isso mesmo, eu tenho cabelo comprido e cês num tem, sua negada'.

A SEGUNDA

Falando-se da mistura da vila, refere-se a indivíduos considerados maus-elementos:

Aqui tem muita gentinha. A segunda casa depois da minha é de uma negra.

Se no bailinho, por exemplo, chegar uma leva de negrão, ninguém vai deixar entrar.

As encrencas que nós temos aqui na vila, os bicos dos bailinhos, das festinha, são os quatro ou cinco negrões que tem aí...

A TERCEIRA

Descrevendo brigas e personagens delas:

Ela era dessas negrona bem preta.

agarraram o negrão e começaram.

A QUARTA

Referindo-se a pessoas com as quais se tem relação tensa:

É uma mulher de cor muito enjoada.

Eu num suporto aquela neguinha.

A QUINTA

Em brigas:

Sua nêga!

A mulher, intervindo numa briga entre seu filho (“branco”) e outra criança (“de cor”): *Ah, vai, seu negrão, seu negrinho.*

Eu acabo com essa branca. (quem usa a expressão é “preta”)

Duas irmãs (“pretas”) discutindo : *Sua escrava, negra cativa! Vai pra senzala, sua negra.*

Há situações, em que não há distância social. É o caso da briga das irmãs. E mesmo assim repete-se o “negro” como xingamento. Isso leva a reforçar o que eu disse sobre a categoria “negro” como sintetizadora também de significados-negativos.

O uso de “branca” fica nitidamente defensivo. Nenhum “branco” xingaria outro de “branco”. Xingar de “branco” implica, e isso se confirma pela história da pessoa que o fez, além da consciência do significado ,negativo atribuído a sua “cor”, uma tentativa de negar os atributos correspondentes a ela. Considero o

xingar de "branco" extremamente significativo, se considerarmos que a pessoa que o utilizou já foi várias vezes lembrada de sua própria "cor" e procura diferenciar-se dos atributos que são associados ao ser "negro": sujeira, preguiça, trabalhos braçais, falta de estudo. Ressalta a limpeza, o capricho na escolha das roupas, o cuidado com o cabelo, o esforço em não deixar as filhas trabalharem, para poderem estudar. E ela própria, por meio de sucessivos cursos profissionalizantes, conseguiu um emprego de atendente hospitalar e deixou de ser empregada doméstica.

A SEXTA

Acusando alguém:

Foi o Crespo, aquele negrinho.

A SÉTIMA

Em discurso anti-racista:

... esses brancos tontos...

Entre "pretos": *Pois é, dona, esses branco fala da gente mas eles é muito pior.*

Eles não pode ver nego que tem que ver como que tá vestido, como é que tá calçado, o que tem na mão, tem que olhá tudo.

A OITAVA

Reforçando os nichos ou os locais de ida dos "brancos" e dos pretos "

:

... os bailes dele eram mais bailes de negrão...

Lá é uma negrada. Fica cheio de tio.

Um clube fundado por "negros" na década de 30: *Lá eu encontro todos os tios. Todos os tios que são tios vão lá.*

A NONA

Reforçando distinções entre "pretos":

Explicando para o rapaz que a mulher que este pensava ser sua mãe, não era: Também não é qualquer nega que aparece que é a mãe da gente.

"Não é qualquer nega" explícita a existência de diferentes "negros".

O que é comum a todas essas situações em que se utilizam categorias de cor? É a existência de momentos em que as pessoas têm que se diferenciar. São momentos em que marcas, no sentido de que dizem quem as pessoas são, tornam-se fundamentais. Numa linguagem "racial", expressa-se, nessas situações, um princípio estrutural, o da desigualdade, que permeia as relações sociais e as representações delas.

III.4. CONCLUSÃO

A maioria dos trabalhos empíricos realizados no Brasil em torno da "questão racial", principalmente os dos norte-americanos Donald Pierson, Charles Wagley, Marvin Harris, Hutchinson e outros manifesta a preocupação com a quantidade de termos aqui existentes para expressar a cor. E com a ambiguidade de sua aplicação (5) .

Várias tentativas foram feitas para lançar luz sobre a compreensão da existência e do uso desses termos. Desde a sugestão dos aspectos

complementares que circunscrevem o uso deste ou daquele termo – critérios de riqueza, educação, etc. - até análises cognitivas que deixam de lado, deliberadamente, qualquer aspecto situacional ou, digamos, sociológicos.

Na introdução à segunda edição de "Branços e Negros na Bahia", Donald Pierson refere-se a uma ampla série de termos "com aparência de terminologia racial" (6). Também comenta a ambiguidade e inconsistência desses termos, o que se manifestaria, por exemplo, no fato de uma mesma pessoa poder ser descrita por vários termos. Mesmo em se tratando, como ele salienta, de uma comunidade "de uma só classe socialmente homogênea, onde estariam ausentes critérios de estratificação. Refere-se aí ao trabalho de Marvin Harris e Conrad Kottak em Arembépe, Bahia (7).

Donald Pierson conclui que tudo isso significa "que, na Bahia e no Brasil, entre a gente da classe 'inferior' e, talvez, até acima dela, nem a raça nem a cor tem grande importância." (8)

Eu gostaria de sugerir, quanto a esses aspectos, algumas considerações.

Termos raciais são usados de duas maneiras. Para descrever, identificar pessoas, e para classificá-las socialmente. No primeiro caso, presta-se atenção às mínimas diferenças "étnicas". Principalmente por parte dos "pretos". Já no segundo caso, embora algum sinal diacrítico, por mínimo e isolado que seja, possa remeter a determinadas categorias, como "negro", elas possuem uma ampla autonomia com relação a esses sinais. Neste segundo caso não se incluiria, por exemplo, "moreninho escuro", um termo estritamente descritivo.

A utilização dessas categorias, digamos, mais abrangentes ("negro", "Patrício") vincula-se a situações definidas, que tem em comum o fato de serem situações onde as pessoas têm que marcar diferenciações entre si.

Portanto, ao contrário do que disse Donald Pierson, a "cor" ou o que aqui estou chamando de "sinais diacríticos étnicos" - tem importância na classificação das pessoas, num sentido de inferiorizá-las ou estigmatizá-las.

Por que? Porque as pessoas apresentam-se "naturalmente" diferentes?

Acho que não.

O fato de que sejam "naturalmente" diferentes pode ser um dado. Afinal, a compreensão das representações sociais em torno de qualquer fato "natural", embora independentes (e apesar) deles, não excluem as diferenças reais. A mão direita e a mão esquerda são realmente diferentes, como já chamou a atenção Hertz (9) .

Há pessoas "eticamente" diferentes no Brasil. E há termos para expressar essas diferenças. Agora, em torno de certas diferenças "étnicas" há um conjunto de representações que implicam numa imagem negativa, estigmatizante.

O que eu acho importante perguntar quais são os conteúdos simbólicos que certos "fatos" (o "técnico" de que fala Leach (10)) adquirem nas relações sociais.

Não estou afirmando que a certas diferenças "naturais" estejam sempre grudados atributos negativos. Também podem ser positivos. Pode até haver os dois combinados. E pode dar-se o caso de em certas situações, e condições estruturais, aguçarem-se uns ou outros. E pode haver a estigmatização sem que haja "diferenças naturais".

Há um conjunto de representações nas quais se salientam associações e atributos negativos aos "negros". E é isso que permite que, ao, se necessitar marcar diferenciações sociais e desigualizar pessoas, use-se "seu negro". Ou, ao se caracterizar certas ações, independentemente aí dos sinais "étnicos" de quem as efetuou, como "serviço de negro" (11)

A uma intensa desigualdade social corresponde a necessidade de marcá-la. Por que aqui a "cor" serve de marca? Por causa desse "corpus" de representações que existe, entre outros repertórios de marcas, em torno do ser "negro" .

Também seria importante perguntar por que certos "fatos" adquirem determinados conteúdos simbólicos. No caso, por que em torno do ser "negro" constituíram-se essas representações. Aí a explicação tem que ser buscada em condições históricas específicas. Em relações de produção bem específicas onde ser escravo era igual a ser "negro".

Que "negro" e seus atributos estigmatizantes sejam extraídos do repertório ideológico para marcarem e, com isto desigualizarem pessoas, só faz sentido quando se compreende o que pensa que "negro" é. É o que pretendo mostrar no quarto capítulo. Isso já começou a ser sugerido quando, por exemplo, algumas categorias foram definidas e quando se utilizou o "mas". Aí se manifestou a colagem de certos atributos ao "negro". O "mas" é, nesse ponto, muito significativo. *É preto, mas é bom*. Portanto, se algum *preto é bom, preto*, em abstrato, *é ruim*.

CAPÍTULO IV. ELES, OS “NEGROS”

“Aluga-se apto. de fundos - J. N. S. Auxiliadora Bom apto. de fundos com quarto, sala, cozinha, banheiro, puro sinteco, independente, para casal (branco) sem filhos. Aluguel Cr\$ 400,00 mensais. Tratar: Organização Imobiliária Campos Salles Ltda. Rua Barão de Jaguará, 1091... (anunciado em "Correio Popular" de 16/9/73, p. 22)”

- *Pra falar a verdade, eu não gosto dessas festinhas das irmãs. Tudo misturado, porque eu sou contra isso de tudo misturado. Na sociedade não é assim mesmo. Não é que a gente quer ser melhor do que os outros. É que cada macaco no seu galho, cada um no seu lugar.*

- *Misturado como, dona Floripes?*

-*Branco e preto. Tudo misturado. Eu sou contra. Porque, vou falar pra você, preto é gente malvada, eles querem te prejudicar. Vamos supor, se minha filha mora na vila, tem amizade com preto e ela vai pra cidade e encontra com amigos. Tá com eles e chega este preto e conversa com ela. Logo vão pensar mal dela. Já mora na vila... sabe que vila não é bem visto... e ainda com preto!! Não é que a gente quer ser mais do que os outros. A gente tem amizade com eles, cumprimenta, mas ir em festa, baile, juntos não dá certo. Nos clubes da sociedade tem preconceito mesmo, não adianta acabar com preconceito porque na sociedade tem mesmo.*

Além de nas definições das categorias, as representações em torno dos sinais diacríticos étnicos são apreendidas também no discurso das pessoas com referência a vários contextos sobre os quais se fala: macumba, carnaval, ocupações, briga, samba, beleza, casamento mistos, "questão racial".

Falando sobre esses assuntos, as pessoas expressam atributos inerentes ao "negro": sujo, beberrão, brigão, complexado, fedorento, feio, baderneiro, desordeiro. São atributos notadamente pessoais e que se prestam a marcar desigualdades.

Procurarei deixar os discursos na sua integridade, para não prejudicar a exposição dessas representações.

O fato de que as pessoas tenham cor diferente explica-se pela recorrência à família e à mistura histórica das raças. Caracteriza-se aqui nitidamente como sendo um sinal atribuído, dado pela família e pela origem racial. Não se adquire cor nessas representações. Nasce-se com ela, devido a uma ordem natural.

As pessoas têm cor diferente porque... é família, né, Suely? Tem famílias, se meu pai e minha mãe são de cor e eu for branca, já tem alguma coisa, né? Tem que havê alguma linguagem diferente. Então, se eu só branca e o meu marido é branco e eu tive um filho mulato, olha eu... a desigualdade. Então... eu acho que vem, né? Vem é... a família.

Ah, é branco porque o pai e a mãe era branco, porque a origem deles de povos brancos. Eu acho que preto porque o pai e a mãe era preto. Agora é mulato porque às vezes o pai é branco e a mãe é preta, a mãe é preta, o pai é branco. Acho que seria... a primeira coisa que vem na cabeça é isso.

Por causa da mistura de cor, né, Suely? Porque Porque tinha o índio, o branco e depois veio o preto. Começaram a cruzar e bagunçou tudo as cores.

Todos os macumbeiros descritos eram pretos. Minha pergunta era:"descreva como imagina, fisicamente, uma pessoa que mexe com macumba". A

resposta imediata era: "preto". Foi talvez a única resposta em que não se manifestou o mínimo titubeio. As respostas eram sempre nesse padrão:

Quem mexe com isso são sempre gente de cor, gente escura, nó? E por sinal sempre me causa má impressão...

Macumba, a maioria é preto. Eu acho que já vem da raça. Cê lembra que os escravos fazia esse negócio de macumbaiada, né? Acho que já vem, já tem no sangue da pessoa, né?

Dessa forma, tanto "natural" como é "ruim". Já tem no sangue e causa má impressão. *É coisa de ignorante.*

Há dois tipos de carnaval. O carnaval de rua e o carnaval de clube. Carnaval de clube pode ser de dois tipos, o selecionado e o misturado. Ao carnaval de rua e ao carnaval misturado são associadas desordem, bagunça, briga. No carnaval de clube que é selecionado, entre iguais, há ordem. Nesse, a máscara tem que ser tirada, para se mostrar quem é. No outro, "qualquer um" entra. A maioria é "preto", "negro", "aquelas negrinhas de caras de fogo". No primeiro são pessoas "brancas" e "moreno-claro".

Mesmo discursos que insistem que "está mudando", refletem essas associações e, principalmente, classificam os carnavais. E relativizam a análise de Da Matta sobre o carnaval (1) . Há carnavais. Misturado e entre iguais. Não há Carnaval.

... nas escolas de samba, elas são muito mais bonitas, são mais bonita, né, as fantasias, assim, porque o prefeito às vezes dá uma mão é as pessoas capricha mais nas fantasia, porque acha... eles se põem assim, por exemplo, se eles têm vontade de usar...que todas as pessoas sonham em melhorar na vida, geralmente

só pessoas de sociedade, que frequenta sociedade fina, e que usa aqueles vestidos, tomara-que-caia, chapéu, às vezes chapéu muito fino que não usa em reunião, vai usar numa festa de casamento, uma festa importante, né, sapato prateado, vestido às vezes justo, às vezes, conforme a moda, rodado, né? Então essas pessoas, com certeza, têm vontade de ser aquelas lá, de ser mais ou menos igual e não têm condições. Quando chega o carnaval, elas fazem tudo pra sambar na rua. Como dizendo: 'então já que eu não posso ir lá, eu vou sambar, eu vou mostrar na rua que eu também tenho um jeito de fazer'. Eu penso que seja assim, porque se enfeitam tanto que às vezes perde... porque não dá nem pra poder brincar à vontade porque tá muito pesada a fantasia, tá muito apertado o vestido, tá sem jeito de poder sambar à vontade. Mas eles acha que tá certo, quer dizer que tão se sentindo à vontade. Acho que tudo que eles têm vontade de fazer, o que não consegue, então pode tudo no carnaval. É por isso que o carnaval, com certeza, é uma desintoxicação da pessoa pra que ela possa continuar vivendo. Penso ... mas há muito tempo que eu ando pensando nessa parte. Numa ocasião que eu tive bar, então saía ... muitas pessoas que eu conheci achava que eu não devia nem de sair, porque as pessoas que saem no carnaval é pessoas assim, muito rampeira, pessoa que não gosta de trabalhar, pessoa que tem mau vício, ladrão, muitas vezes maconheiro, moças mundanas, aí aquelas bem razinhas, aquelas sujas, porque tem umas que têm um certo limite que ... as dona, acho que, das casas delas não permitem que elas saiam pra fazer tal tipo de coisa. Mas essas não, essas que não têm ninguém, não têm eira nem beira, que não são de lá daquelas casas, que não têm, bem dizer, nem onde morar ... essas daí saem no carnaval. Então, se a pessoa dá lá, o diretor ou quem seje, que elas têm uma verba, então eles fazem fantasia praquelas pessoas, para as pessoas... já que as pessoas sabem sambar, sabem se rebolar... eles não tão nem aí, não vão saber o passado da pessoa, nem o presente, nem o futuro. Eles querem que a pessoa saia lá, pra que a escola saia melhor e aquelas pessoas naqueles dias morrem de prazer, se morre naquele dia, morre de prazer porque acha que a coisa mais deliciosa do mundo é fazer aquilo, como já tive oportunidade mesmo de conversar. Eles são bons naquilo e, muitas vezes, não põem nenhum gole de bebida na boca, samba sem nada, tira, joga fora toda tristeza,

da que existiu na vida durante aquele ano, joga fora, fica naquela alegria, naquele êxtase de prazer, né? Então, eu acho engraçado o carnaval. E as pessoas são quase todas escuras, Suely, bem escuras.. muito ... Agora está se entrosando mais um pouco as pessoas claras, porque acho que compreenderam que as pessoas escuras é, bem dizer, elas fazem tudo aquilo pra se desintoxicar. Então, as pessoas mais clara tão entrosando no meio delas, mas dá mais gente negra mesmo, a negra é que gosta mais. E no carnaval agora do interior, rainha, rei, e mesmo os que saem em, que saem no caminhão, nos carros alegóricos, são quase tudo clara, eles tão fazendo, tão misturando, quase todos no mesmo nível, estão se aparecendo para, bem dizer, brincar o carnaval. Porque eu outro dia, eu vi uma miss, uma que pegou em segundo lugar, parece que miss Catanduva, ela disse, sem vergonha de dizer, que ela tinha sido rainha do carnaval de Catanduva do ano de, parece que é de setenta e dois. Então, eu achei esquisito porque aqui geralmente quem é rainha do carnaval é sempre aquelas que a gente não pode ter muita amizade e lá... ela fala que ela foi rainha do carnaval e que ela era estudante, tudo ... Então, achei uma coisa diferente ... Aqui o pessoal tem vergonha quase de dizer porque sempre é coisa... Rainha de carnaval quase nem existe, né, aqui em Campinas, quase não tem porque em carnaval são gente que não tem muita responsabilidade. Agora, ela não. Falava que era estudante, era formada em não sei o que e foi rainha do carnaval ... Então, quer dizer, que o carnaval já está mais...não é? Não é o intuito do carnaval, que bem dizer, é aquela alegria espontânea de todo mundo, e que era mais os negros e que fazia na rua ... Agora o pessoal está entendendo de que não é só os negros e não só as pessoas de baixa categoria que fazem aquilo, por ser frustrado em outra coisa, creio que as pessoas de outra categoria faz também. Porque aqui no Tênis Clube também, quer sociedade melhor que a do Tênis Clube? E no entanto, eles não fazem um carnaval lá? As pessoas ... os homens são obrigados a comparecer ou fantasiado ou então de smocking, né, e as mulheres brinca, como brinca qualquer pessoa, samba, dança, pula, levanta o braço, põe pouca roupa, né, tudo isso. Então, quer dizer que agora o pessoal tá agora assim, bem dizer, entendendo a idéia do carnaval. O carnaval é pra todo mundo, deve ter o

mesmo sentido, não de separação de raça, cor, eu creio que mais tarde vai misturar todo mundo, viu?"

"Negra" e cozinheira são associadas. Em dois sentidos. Num, em termos de atributos: "gostar e saber cozinhar". Noutro, como ocupação.

... a minha avó era da Bahia e meu avô era carioca. E eles era negro. Acho que por isso que eu tenho essa, eu gosto muito de cozinhar. Saí ã minha avó porque ela era baiana e era mesmo do forno e fogão.

Ah, uma cozinheira é negra. É, a cor mulata é cozinheira mesmo. Eu só penso *quando fala em cozinheira é só a cor mulata mesmo. Tem gente que é preferência, né? Porque elas cozinham bem. elas trabalham muito bem.*

Empregada doméstica, a maioria é "preta". E isso principalmente porque "os pretos não têm vontade de estudar". A oposição entre trabalho braçal e trabalho intelectual é feita para ser associada à "raça". No mesmo contexto em que lixeiro aparece como "preto", prostituta é associada à "preta". Essas duas associações estão ligadas a um discurso onde dois elementos são constantes: limpeza e sujeira. Se observamos aí que lixeiro e prostituta associam-se a sujeira, um relativo à higiene, outra a convenções (2), pode ser observada a coerência dos discursos. Quanto mais esses discursos contêm elementos como "sujo" e "limpo" mais estreita é a vinculação entre ocupações sujas e "negros". Quando prostituta pode ser de qualquer cor, as não "brancas" são as prostitutas "de beira de mercado", "aquelas bem rampera".

Tem de tudo, morena, loira, preta, mas as mais rampera são as pretas, são as mais relaxadas.

"Rampera" tem o sentido de gente "baixa", suja, que não trabalha, que deve ser evitada. Pessoa "baixa" pode ser "branca", mas a maioria é "preta". É mal

vestida, suja, tem o cabelo desalinhado e quando "a esposa bebe, o cara bebe, a criancinha de dois anos pega a chupeta, bota na pinga e dá na boca da criança."

Quem samba bem são os "negros". Já vem no sangue. "Branços" podem fazer samba, mas não tão bem como fazem os "pretos". Calça comprida e larga é calça de "preto". Uma briga imaginária pôde envolver só "brancos", mas a maioria ou é entre um "branco" e um "preto" ou entre dois "pretos". Aí também a plateia é "preta": "tudo mais ou menos da mesma laia, sabe?"

Um presidente da Sociedade Amigos de Bairro é "branco":

Branco, sempre moreno, moreno claro, nunca mulato. Já viu presidente mulato?_Eu, quando eu vejo, já traz a impressão que é uma baderna.

"Preto" não é bonito:

É muito difícil ver uma preta bem trajada, bem pintada, que ela sabe se arrumar direito, mas a pintura dela fica carregada demais, a roupa é exagerada. Pra começar, elas são feias. Tem muitas bonitas de corpo, mas tem outras que têm um corpo que ... muito feio. A diferença ... geralmente as mulatas "pretas" são tudo da cadeira larga e as morenas são diferentes. Tem também, mas não são como ... na cor preta... Eu acho que é a raça. Vê o nariz? Eles são de nariz charo assim...

A "causa natural" é constantemente retomada para explicar os atributos e os nichos.

Existe muito mais "negro" vagabundo do que "branco" vagabundos. Porque a "raça negra" não acredita nela mesma e, por qualquer coisa, ela cansa e descamba". Tem muitos "negros" e "negras" vagabundos, maloqueiros. Ao descrevê-los, recorre-se a atributos complementares, como sujeira, bebedeira e "má situação". "Negros" maloqueiros são aqueles que não trabalham, são sustentados

pela mulher ou pelas esmolas das crianças. *Negra maloqueira É "nega bem rampera, bem ordinária memo, bem relaxada .*

A "situação dos negros" recebe, se bem que de forma mais ambígua, uma explicação de ordem natural".

Sempre tenho dó, tenho dó dos negros, porque são desanimados, eu creio que seja desanimado...Pra definir a parte do negro, creio que seja isso, porque há muito negro passando, muita miséria, com tudo à disposição, eles não querem, num aproveita e um gosta de aproveitar. O negro tem essa vantagem: dificilmente o negro se aproveita de outra pessoa que deposita confiança nele. Dificilmente ele se aproveita mas ... ele se prefere muito mais, às vezes dar o salto, a qualquer coisa assim, do que tirar de uma pessoa que ... ou então ... procurar chegar numa pessoa que dá, uma pessoa que tem.- pouco e queira repartir. Ele tem, quase todos os negros têm, esse que com eles. Então eu creio que eles seja mais assim, não sei, gosta de aproveitar as coisas, que mais uma coisa dele mesmo, como dizendo: 'se eu tenho uma cadeira, essa eu comprei, essa cadeira eu comprei,, eu não ganhei, eu comprei'. Então a gente vê negro na miséria mesmo, podendo aproveitar de outra forma pra melhorar seu nível, sua vida ... E eles não procuram. Não procuram, não, eles ficam na deles, só. Muitas vezes não aceita conselho, acha que quer influir na vida. E, por sinal, eu não sei porque o negro é um sangue quente, por qualquer coisa tá brigando, por qualquer coisa tá xingando. E muitas vezes sem entender a boa intenção da pessoa. Eu não sei, eu não sei, porque é urna raça... não sei se foram as raízes nossa que vieram tão revoltados e ficamos assim... embora lutando, com... com a moral muito baixa. Eu sei que até hoje o negro carrega uma certa... Isso já fazer quase cem anos que ... que ... foi libertado e nós ainda não estamos totalmente libertado, porque ainda não integramos na sociedade, que devia integrar a pessoa pra melhorar o seu nível. Dificilmente a gente vê um negro esforçado, sem se deixar levar pelos ... pelos outros. Eles não têm ... parece que não leva vontade própria. E quando cê quer dar um conselho mais de bom, acha que vai fazer bem prá eles, eles não aceitam, eles acham que cê vai influir na vida deles, precisa deixar fazer o que quer. E a influência das más companhias

sempre entra mais. Eu tenho esse problema em casa, tenho mesmo esse problema em casa. Deles ... da mentalidade de num...num ajudar, da mentalidade ser um tanto fraca. Tanto do ... do ... meu marido, como do meu filho. É difícil contornar, viu? Por que se eles cismam de fazer uma coisa, não tem quem tire da cabeça. As vezes fala pra mim que não faz, que não vai fazer, tudo. Mas é só cê virar as costas,, eles fazem e não dá certo porque...Tenho a impressão de que num fez o que devia, sabe? Fez a coisa muito sem ... não fez a coisa a olho. Aí então é quando sempre traz problema, sempre traz problema. E ... e é por isso que eu ... não...eu não tive ainda ... não progredi na vida. Não sei como que vou fazer e qualquer hora... Só esses dois menores já leva mais influência minha e eles possam progredir mais. Porque o mais velho teve a influência quase total da mãe ... da... avó, que é a mãe do meu marido, e saiu o pai com muita coisa. Então ele faz as coisas errada mesmo, traz dor de cabeça pra gente ... por causa de não aceitar o que a gente pede, o que a gente ... põe pra ele, dá tudo pra ele, dá tudo, tudo, o que for necessário. 'Olha, cê faça isso que só isso depende de sua mão, da tua vontade, cê faça isso'. Dá tudo o que for necessário. Ele joga fora, tudo fora e não faz. Acha que não deve fazer e não faz. É teimoso ... e é nervoso, e por qualquer coisa ... Ele não é muito briguento ... Ele não é briguento, não, mas aqui em casa, por qualquer coisa que a gente diz, ele se irrita, já levanta a voz, já quer falar mais alto. Muitas vezes sou obrigada a... a falar palavrão, a fazer coisas que não, que eu creio que nunca precisaria falar, eu sou obrigada a falar. Pra ele entender e aceitar o que eu quero dizer. Porque senão, às vezes, muitas vezes, com poucas palavras ele acaba me ofendendo. E não sabe que tá me ofendendo. Então sou obrigada a repetir pra ele, e explicar o que quer dizer aquilo para que ele não volte a repetir aquilo, porque aquilo ofensa, aquilo é coisa grave, não deve fazer. Não sei porque. Não sei se o raciocínio...não pode ser. Eu creio que o negro tem capacidade bastante, bastante mesmo pra fazer coisa melhor. Eles não fizeram ainda, poucos são os que se destacam, viu? Pouquíssimos. E a maior parte se destacam na parte física, de resistência, que... são os atletas, né? A maior parte são os atletas que mais ... usa-se a parte física, pouco se usa a cabeça, nó? Mas na parte, na parte da mente, da inteligência, o negro não fez nada ainda, viu? Nada de bom, nada de positivo.

Não usou a capacidade que tenho certeza que o negro tem, que existe. Ele não usou ainda, não sei porque. Eu não sei se é a influencia dos nossos antepassados. Não sei porque que ele não usou ainda."(A senhora acha que o mulato também...)

"O mulato... já é mais desgarrado, já é mais desgarrado, porque geralmente sempre entra em duas raças, né? Acho que é mais desgarrado dos negros. Ó, mesmo os meus irmãos. O meu irmão, o que tem oficina, que tá bem de vida aquele lá. Esse daí, ele .teve muitos amigos negro, mas não faz muito tempo que um dos amigos, ele soube que um dos amigos dele, que na ocasião era um grande oficial, um grande profissional no serviço dele ... então ele soube que ele morreu na miséria, porque nem o I.N.P.S ele pagava. Ficou chateado...Era um rapaz, um rapaz muito alto, forte, sabe? Negro, de quase dois metros de altura, muito simpático. Foi pra São Paulo, foi tentar a vida lá. No fim, morreu na miséria mesmo. Não tinha nada, não deixou nada pra família. E já meu irmão tem uma vida melhor, já, pelo menos, já saiu, creio, mais à raça da minha mãe ... Já economizou alguma coisa, né?

Os atributos ligados ao "negro" e a crença de que eles são naturais são expostos aqui. Os "negros" são desanimados, ficam na deles e, por isso, ficam na miséria. Tem um sangue quente. Fala-se em raça, na antiga escravidão, na força física (3), no pouco uso da inteligência. Tanto são características "naturais", da raça, que o mulato, porque é uma síntese, tendo, portanto, um lado branco, já é mais desgarrado.

O casamento é preferencialmente endogâmico de "cor". Isto não se manifesta assim apenas quando há uma explicitação da estratégia de branqueamento".

Lá a turma é tudo bem clara, cê entende? Então os primo mais escuros somos eu e a Cecília. Então os primo mais escuro somos eu e a Cecília. Contanto que a Corali é um pouquinho mais clara que a gente, então as mais escurinhas somos eu e a Cecília. Então a turma sempre fala, sempre fala, fala e falava: 'olha, meus sobrinhos, minhas filhas, meu sobrinho, nunca se case com cara muito escuro.

Casa com cara bem claro, que é pra ir clareando a raça'. Contanto que foi quando pra minha mãe casá, eles não queria o casamento da minha mãe, que o meu pai era bem escurinho, então eles queria que casasse com uma pessoa mais clara pra i clareando a raça até que chegasse mesmo todo mundo branco, cê entende?

Os parceiros ideais descritos por todas as pessoas "brancas" eram "brancos". E todos os não "brancos" remeteram-se a não "brancos". Uma "preta" disse inicialmente ter como parceiro ideal um "branco" mas ressaltou, logo em seguida, que, para ser aceito socialmente, teria que ser "escurinho". Já para um "moreninho escuro", a parceira ideal seria:

Morena clara e que estudasse. O casamento com pessoa de outra cor eu reprovava, eu reprovava talvez uma mulata ou uma negra que fosse. Se bem que nós não sabemos onde a gente pode cair. Mas eu reprovava. Eu reprovava também a mulher que não tivesse cabelo bom. Pelos filhos, né? Porque eu não sou lá tão claro. Então se eu chegasse a casar com uma pessoa que fosse mais escura, então seria... a criança iria sair coisa do outro mundo. Em todos os meus convívios, eu tenho poucas amizades negras, entende? Em toda reunião que frequento... tudo, tudo o que eu frequento, existe poucas amizades negras ou mesmo mulatos, mesmo. E eu acho que pra ter uma pessoa dentro da minha casa, uma pessoa que fosse minha esposa... um negócio muito sublime pra pensar, acho que essa pessoa deveria ser mais ou menos do jeito que eu predeterminasse, certo? E existe também/ claro, a gente não tem abertamente preconceito, mas existe um certo preconceito.

Para os "brancos" casar com "preto" é uma infelicidade. E suja a família. Porque "preto, quando não caga na entrada, caga na saída". A explicação é "natural".

Isso já vem no sangue, é de família, viu? Mamãe, papai, num gostava mesmo que nós namorasse gente escuro. Agora vou deixá meu filho casá? Só se for por urna infelicidade.

Como disse uma pessoa entrevistada, “preta”:

Não é muito mais bonito branco com branco, preto com preto?

E outra:

A Cristina não gosta de preto, Suely. É, ela racista. Ela não namora rapaz preto e fica brava porque eu namoro. ?Mas o que fazer? Eu sou preta mesmo. Ela namora assim mais claro do que ela, mas tudo preto do mesmo jeito. (Cristina, sua irmã)

Todas essas representações que descrevi vão se manifestar também com referência a pessoas e situações da vila. E casos "da sociedade" são lembrados para ilustrar o "preconceito" contra os "pretos". Casos acontecidos em Campinas, corno:

Tinha um senhor, um funcionário da Caixa Econômica. Ele sempre foi sócio do Clube Concórdia. O Clube Concórdia é um clube bem razoável, sabe? Um certo luxo, uma certa ... num é qualquer um que pode sê sócio do Clube Concórdia. E ele sempre foi sócio do Clube Concórdia...Uma noite teve uma festa, um jantar, uma coisa diferente lá pros diretores, pros sócios mais chegados. E esse senhor apareceu no, Clube Concórdia. De acordo como mandava o convite ... de ismuqui capacidade ... que ele é estudado e muito inteligente, bacana ele é... Cê sabe que ele num foi aceito? Ele num conseguiu entrá, num conseguiu. Num deixaram ele entrá, por causa dele ser negro.

E outros casos da "sociedade" se seguiram, envolvendo pessoas "de cor", residentes em Nova Campinas, que foram barradas no Clube Concórdia. Considera-se que, em certos clubes de Campinas, "negros" só entrariam "se fosse pra tocar no baile".

E também se discorre sobre a interação diária na vila. Dona Isabel conta que uma mulher vive reparando que seus filhos andam com roupas boas, novas. E que essa mulher, "vira e mexe", está dizendo pra eles:

Vá, seus negro. Cês querem ser mais do que são

E dona Isabel comenta:

... mais eu nato interpreto isso a" como uma ofensa não... Eu acho que eles são mais ignorantes do que nós. Porque eles num tem outras palavras pra querê ofende. Então eles acha que nós nos ofendemo por causa de ser negro. Mas isso num é verdade porque ... eles não têm capacidade, eles não podem compra os que eles usam. É quase tudo ganhado. Eu acho que eles são mais ignorante e invejoso ... eles pensa que eles me ofende mais num ... num chega a ofendê. Porque eu sempre falo e graças a Deus as minhas crianças tão estudando, são sempre querido na escola, não tem nenhuma queixa dos dois ... então qué dizê que as minhas crianças são negro mais num tem queixa e são estimado. Ele é negro. Agora, em compensação, as criança dela, vira e mexe, tão, tem briga. O mais velho não deu pra estudá porque ela não tem condição.

A vila é, internamente, vista como um local "misturado". Como tal, há pessoas de "todo tipo". E uma forma de rebater a visão de homogeneidade e de caracterizar a desigualdade é justamente essa ênfase no afirmar a existência da mistura e da "gente baixa". Quem é gente baixa?

Tem umas pessoas baixas aqui e a maioria é de cor.

Esses "de cor", que exemplificam gente baixa:

... gritam... brigam, falam cada palavrão e a casa é uma sujeira.

Assim, àquele critério de classificação interna, que é a ali aparência da casa, junta-se elemento "cor".

Tem muitos brancos com a casa suja aqui. Mas é engraçado que quase todas as pessoas de cor têm casa suja. Chega até a ser escura. Tem uma ali na L 25 que dá até nojo. Quando eu passo lá tenho até vontade de ir lá e limpar.

A relação limpo-sujo aplica-se tanto a casa como a pessoa. Tem uma extensão física e moral. Assim como "negro" tem uma ação equivalente, "negrice", "sujo" tem uma ação equivalente, "sujeira". Não é, portanto, gratuito que haja uma constante associação entre:

a vila é misturada. tem muita gente baixa: sujo de cor

É possível compreender entaló a importância da seleção das amizades:

Eu gosto mais de amizade com branco. Eu tenho amizade com preto mas precisa precisa amizade com preto, viu? Eu gosto mais de amizade com branco. Tenho sim, com preto, mas, não de tá passeando, fazendo palestra na rua. Não, não faço. É bom dia, boa tarde, a senhora vai bem? É assim que eu faço, sabe? Se precisa de mim, fala o que precisa, faço e tudo. Mas acho que amizade com preto a

gente precisa é...sê mais selecionado, não deve tê muito de amizade com preto... Os preto são muito falso.

Uma festa em sua própria casa, andar pela cidade:

...com pessoa do meu nível, né? Branca do meu nível. Procuro sempre melhorar, não piorar de nível melhor.

As relações de amizade devem ser entre pessoas do mesmo nível. Com gente "que está no mesmo barco", tem "o mesmo padrão de vida". Há pessoas às quais você diz "bom dia, boa tarde", "oba, oba". E há amigos. Numa linguagem "racial", expressa-se que amizade é "entre iguais":

Meus amigos são todos da minha raça, mas ou menos, sabe? Dificilmente assim tem um de cor. Parece que tenho um imã, né? Geralmente as pessoas morenas, assim eu me adapto melhor, entende? Eu não sei porquê. Eu já tive até muitos amigos de cor também, mas eu...o meu diálogo é totalmente diferente, sabe? Totalmente diferente. Meus amigos são pessoas mais ou menos do meu tipo assim.

Há colegas de trabalho:

Eu tinha aquelas que trabalhava lá na escola, mas não de ter convivência, de sair na rua, que eu nunca gostei. Esse orgulho eu tenho comigo, eu num gosto de andá com preto.

Nesse caso, os filhos devem seguir a mesma norma.

Pra passeá, não. Conversa, mas não amizade de sair, de escola, de passeá.

Para uma boa amizade, o ambiente é importante:

Onde eu tive amizade mais ou menos bem de vida foi Piracicaba, porque lá, não sei se é porque a gente conseguiu ostentar uma certa posição, então apenas com um certo tipo de pessoa e normalmente eram brancos também. Aqui nós já tivemos amizades já mais, mais popular. É devido a comunidade (4). Você pode notar que a comunidade não é homogêneo e dá também certos mulatos, pretos, brancos, etc.

Há um ditado sempre repetido:

eu vejo com quem andas e te direi quem és.

Assim se explica a insistência em caracterizar quem são os amigos e quem são os conhecidos. E em caracterizar-se, e aos amigos, como "limpos", "bons elementos" "brancos". Nunca "negro" porque "negro, é quem faz negrice". E quem faz negrice é uma pessoa baixa, a quem se deve evitar.

Como há uma ênfase na seleção das pessoas, desde que a vila é "tudo misturado", há um mau-elemento particular o "bico", isto é, aquele que entra em festas, ou tenta entrar, sem ser convidado.

Os bicos na vila são uns quatro negrões mal-encarados que tem aqui. Tinha dois que inclusive a gente desconfiava deles... de coisas que sumiam do quintal de casa, entende? Eles eram mal-encarados mesmo.

Sendo "bicos", "mal-encarados", "pretos", são "negrões". Dos quais se desconfia de atitudes condizentes com a imagem. São "negrões", independentemente de que seus sinais diacríticos étnicos sejam descritos como "preto", "moreno-claro", "moreno-escuro", etc. E essas pessoas devem ser evitadas porque sempre fazem bagunça, procuram encrenca. Ser vistos com essas pessoas pode levar à identificação tanto com um conjunto de atributos negativos, quanto com a imagem do morador da vila popular.

Existem "patrícios bons", os "de cor bacanas". Mas são muito poucos na vila.

Eu não tenho amizade com pessoas de cor inteligente como essa dentro da vila. Mas dá para notar o complexo porque geralmente as encrencas que nos temos aqui na vila, os bicos dos bailinhos, das festinhas, são os quatro ou cinco negrões que tem aí. Aqui na vila, os de cor bacana que nós temos são o Célio e o Gilson. Quer dizer, na vila é o Célio, porque o Gilson é de outro bairro.

Célio não tem complexo (5). Não ter complexo é não se sentir "negro". É, por exemplo, descrever-se como "moreno" ser descrito como "mulato" ou "moreno", e:

A gente nota muito bem que o Célio não entrosa muito bem com os outros negrões da vila.(6)

O próprio Célio explicita qual é esse "complexo" (que ele não tem):

Eu já percebi pessoas escura que muitas vezes quando vou a um bailinho por aí eu vejo muitos negros que às vezes chega assim, porque é um baile na casa de um branco, uma família branca e lá dentro às vezes só tem branco. Então o cara fala: 'puxa, não vou entrar aí porque só tem. queijo. É mancada a gente entrar aí. Então eu chego, chego, entro pra dentro, brinco de acordo, brinco com todo mundo, dando, todo mundo se diverte comigo. Se tem algum que não diverte também é porque existe esse complexo também aí dentro. Mas eu não faço conta e levo pra mim como se fosse tudo normal e sei que tem na... pessoas branca também aqui que tem esse complexo também.

Na vila existe "um racismo por baixo do pano":

... então, por exemplo, o Célio é mulato, mas ele é amigo da gente. Então ele entra. Mas se eu vejo que tem dois ou três preto, num entra.

Porque se acredita que onde se juntam três, quatro "cidadãos de cor", "forma uma baderna" (7).

No ônibus que liga a vila à "cidade", 'não se deve sentar com qualquer pessoa:

A gente vai no ônibus, tem diversos bancos. Todos eles ocupados, num banco tem um negrão. A donzelinha chega e... entra, paga a sua passagem e fica de pé, ao lado de qualquer pessoas. Normalmente não senta perto do cara.

Ao "negrão" junta-se um atributo "natural":

"O negrão geralmente tem um jeito diferente de dançar. Tranquilamente. Então ele dança é completamente diferente de mim. Eu não consigo dançar igual eles. E eles não consegue dançar igual eu. E, nos bailinhos, por exemplo, se eu vou dançar com a menina, eu sei se ela tá acostumada a dançar com o negrão, entrosada só com o negrão, ou se ela tá acostumada a dançar com branquinho ou só com branco, branquinho que ela fala, né? E então dá pra notar que existe bastante mistura, principalmente nas vilas populares. Nos outros bairros é mais difícil. . Mas na vila popular, se eu vou num baile lá na Costa e Silva, que tem mil e seiscentas casas, é notado. Chego lá, vou dançar com as menina, elas já começa a puxar o samba, porque a menina se adapta ao samba do negrão. Então, apesar dela não dançar como a patrícia, ela pega o ritmo do patrício. Então a gente vai dançar com ela, a gente nota a diferença. Se, por exemplo, eu vou no Concórdia, no Ténis ou num... num outro clube ai r da cidade, eu dificilmente eu encontro meninas dançando assim. Quer dizer que as menina dos outros bairro não têm muito entrosamento com os patrício, com os rapazes de cor. Mas as menina da vila popular têm bastante. Elas puxam um sambinha semelhante aos deles.

Novamente salienta-se a mistura da vila popular. E a referência ao "negrão". E, principalmente, aspectos "culturais" naturalmente aderidos a ele (8). Há um samba do "negrão". Um ritmo do "patrício". Quem dança com eles se marca,

pega o jeito. E isso é uma característica, nas representações deles, da vila popular. Que é um lugar misturado. E só em lugares misturados há "brancos" e "negros". Nessa vila misturada, há casamentos mistos.

Por incrível que pareça, ontem passou aqui, de tarde, e eu fiquei... mas essa mulher é casada com esse preto! Ela tem uma aparência bonita, sabe? É casada com um mulato, não e preto mesmo, é mulato, magro, sem aparência nenhuma. E ela é uma mulher com uma aparência bacana, vistosa mesmo. Quando eu vejo um casal assim eu acho que é muito relaxada, ela sendo branca casar com um preto, que tem tanto branco. Por que ela não foi arranjar um branco?

Um par em que um é "branco" e outro é "preto" causa comentários como este:

A coisa mais indecente do mundo é ver um preto com uma branca ou senão uma branca com um preto. Esses dias vi aqui dentro da vila uma mocinha. Eu vi ela com preto que nem carvão, de braço com ela. Passou aqui em frente da minha casa. Que vontade de contar pra mãe dela... Será que ela não olha bem a cor dela, que é uma morena bonitinha... e ele um preto feio mesmo. Aquele lá é preto mesmo.

E aí a associação com a impureza. E a expressão:

Pra namorar meu filho, já não serve.

Parece-me que são as mulheres as mais preocupadas com as marcas de aparência pessoal, sejam estas de qualquer natureza. O que foi observado é que são elas que mais insistem em sujeira ou limpeza, elementos extremamente constantes em seus discursos. E foram as mães as que mais se manifestaram contra casamentos mistos, no sentido que manchariam a "família". Eu só não me arrisco aqui a uma reflexão mais conclusiva porque minhas impressões poderiam ser

relativizadas pelo maior contato que tive com as mulheres da vila do que com os homens, os pais por exemplo. Fica, porem, a hipótese.

A idéia de que casamento com "negro" suja a família, expressada por várias mães "brancas", remeteu-me a um princípio exposto por Mary Douglas: onde, humanamente falando, o ultraje é, comumente, impune, as crenças de poluição tendem a ser chamadas para suplementar a falta de outras sanções" (9) .

Nas camadas proletárias, embora o convívio com "pretos" seja muito maior, há um conjunto de representações negativas atribuídas a eles. Ao mesmo tempo, não há nenhuma "sanção legal" que estabeleça limites a esse convívio. A sanção legal que existe no Brasil diz justamente o contrário. Não é de estranhar, entretanto, seguindo esse raciocínio, a insistência, por exemplo, na educação dos filhos: casar com "preto", não. Suja a família. Só se for "por uma infelicidade" (10) .

Acompanhei dois casos de namoro na vila. Um de uma moça "preta" com um loiro, o "Russão", e outro de uma "branca" com um "preto". Em ambos os casos houve proibições familiares, por parte das mães das duas moças e da mãe e da irmã do moço "branco". Ambas as moças me descreveram o parceiro ideal como pessoas de sua "cor". E ambas, muito amigas, namoravam com pessoas de "cor" diferente pela primeira vez. Nenhum dos namoros "deu certo" e houve relatos semelhantes, em conteúdo, das duas. A moça "Preta":

Aqui na vila tem um rapaz que é tarado em mim, gosta demais mesmo. Eu num gostava dele, mas resolvi namora. Ele é bem loirinho. Eu namorei o loiro só pra pros tios que não é só eles que podem namora branca. Olha, eu aproveitei desse cara, fazia cada coisa. Ele ia me buscá na escola no sábado e eu falava, né: 'Tou com uma vontade de tomá coca-cola'. Aí ele ia e comprava. 'Tou com uma vontade de tomar sorvete.' E ele comprava. Eu desfilava com ele pela Glicério, passava com ele toda sorridente. Porque cê sabe, né, na Glicério é uma negrada que até dá tristeza. A irmã dele não gosta de mim de jeito nenhum. Ela . não gosta de preto. Um dia eu tava com ele no ônibus e entrou a irmã. A gente tava na maior farra. Tava também a Sheila e uma amiga minha. A hora que a irmã dele viu a gente, ela olhou bem pro irmão, colocou a mão na cintura e falou: 'você não tem

vergonha mesmo, heim?' Mas depois eu vi que não dava mesmo o namoro. Eu não gostava dele. Aí terminei e comecei a namorar um tio. Esse eu gostava, mas ele largou de namorar comigo por causa de uma outra aí. Negro só faz cagada mesmo. No desfile de sete de setembro a gente foi, uma turma, vê o desfile. Tava assim de tio. Esse ex-namorado meu tava lá com a outra. Eu fiz questão de ir ver por quem que ele tinha me deixado. Quando eu vi, fiquei boba. É isso aí? Por isso aí que ele me trocou? Uma negrinha esquisita, com calça branca suja. Sabe, Suely, o pessoal quer mesmo namorar com a gente porque a menina assim de cor a maioria e empregada doméstica. Agora a gente anda arrumadinha, estuda. Então eles pensa que a gente é rica. O pessoal aqui na vila acha que meu pai devia coloca a gente no serviço. Eles acha que a gente é rica porque não trabalha.

A moça "branca":

Saindo com o Osvaldo eu ganho ponto pra mais de metro, porque os caras passam, os caras olham pra ele ... porque tem cara hoje em dia, tem cara que não, espero que seja a maioria ... mas tem outros que acham que a gente, que tem certas meninas que namoram um cara preto porque então namora o preto, daí trai o preto, sabe? Só pra falá, só pra falá que é casada, só pra falá que tem um namorado. ais prefere os branco, sabe?

Em brigas ou mesmo discussões menores, "sua negra, "vai pra senzala" apareciam entre as ofensas. "Negro" pode ser um xingamento. E considerado altamente ofensivo.

As pessoas falam 'aquela negra', por exemplo, em vez de, por exemplo,: 'Sabe fulano?', aí a outra fala: 'Não. Quem?' 'Aquela negrinha'. O sangue me sobe. Ai, Suely, eu fico louca. Olha, Suely, quando me fala 'aquela negra', 'aquela negrinha', o sangue me sobe. Então fala 'cidadão de cor', fale 'escurinho', mas não me xingue de negro nem de negrinha, que eu fico doente, ou 'aquela pessoa de cor'. Se refere assim. Não me chame de negro, nem de negra que eu fico tinino. Parece

que negro é assim pedinte, sabe? Eu não sei te explicar, parece que negro... olha, escurinho é mais distinto, cê entende? Negro, aquela negrinha, negrinha. Sabe que tenho a impressão de negrinha? Essas negrinha bem preta, aquele cabelo duro, aquela roupa caindo tudo aos pedaços assim.

Como já observei, a categoria "negro" sintetiza todos os atributos associados ao "preto". Serve para xingar, serve também para um discurso anti-racista de "Pretos" (porque aí sobressai um de seus conteúdos, a "raça africana"). Quando se xinga de "negro", qualquer adjetivo complementar é pleonástico. Quando se xinga de "preto", é necessário um adjetivo. Por exemplo, "preto sujo".

Parece-me importante que em momentos de briga "negro" apareça como xingamento. De que se xinga? "Diabo", "merda", "filho-da-puta", "sem-vergonha", "preguiçoso". Ou seja, de tudo aquilo que 'e "ruim", "sujo", em oposição ao que é "bom", "limpo". Xingar é fazer atribuições socialmente negativas com o intuito de inferiorizar alguém num momento em que as ou mais pessoas se defrontam. Brigar implica em confronto entre pessoas.

Presenciei uma briga no ônibus da vila. Entre uma mulher e um homem. Eu a descreveria como "mulata clara". Ele esbarrou nela, ela reclamou e ele, imediatamente: "Sua negra". Ofendeu sem dizer mais nada.

Várias brigas me foram narradas. Para todas as pessoas que apresentavam sinal diacrítico étnico considerado "não branco", a ofensa básica era "negro". Tenho um caso ilustrativo. Duas vizinhas, ambas chamadas "patrícias", que brigavam sempre, fisicamente inclusive. Uma delas é "patrícia que bebe, suja". Já tentaram tirá-la da vila por meios de petições à COHAB. A outra, uma "patrícia" "limpa", "trabalhadora". Quando o marido desta última passa, recebe o seguinte comentário da outra: "lá vai o posudo". Embora o marido tenha a mesma aparência física que sua mulher, como foi esta quem brigou, quando ela passa, o comentário recebe um acréscimo: "lá vai a negra posuda".

Depois de toda essa reflexão é que pude entender melhor a situação em que me vi envolvida no início do meu trabalho de campo. Estava sendo apresentada a pessoas e dona Zenaide, uma das primeiras moradoras que eu conhecera, levou-me a uma das casas que, segundo ela, me impressionariam, por serem de gente boa", que dariam uma "boa imagem da vila". Lá, havia mais pessoas: uma vendedora, uma amiga da dona da casa, também moradora da vila, e uma vizinha, esta "preta" e, naquele momento, bêbada. Soube depois que era um- dos "maus-elementos da vila", aos quais já se tentara expulsar. Minha presença criou uma situação em que elas precisavam se definir, e bem definir. Por isso, a presença de dona Cândida incomodava. Sentido que era ignorada pelas outras, dona Cândida procurou chamar a minha atenção. Enquanto eu anotava endereços, ela insistia que eu fosse à casa dela. Dona Zenaide, nitidamente embaraçada, disse para ela: "Dá seu endereço, depois ela vai." Ela, de repente, levantou-se e gritou em resposta a dona Zenaide: "Você não sabe onde eu moro? Eu não sou uma patrícia fedida. Sou mãe de oito filhos. Eu não sou uma patrícia fedida." Ela precisou dizer quem era. Começou excluindo o que todos achavam que ela era.

Frente a esses atributos, convivendo com eles, como os "não brancos" articulam suas representações?

Referindo-se a uma história do Brasil que valoriza o "negro"; aceitando os atributos negativos do "negro"; negando-se como "pretos", eles rearticulam as representações de diferentes maneiras, formando conjuntos alternativos. Não que uma pessoa se posicione sempre dessa ou daquela forma, excludentemente. Existindo certas alternativas, a mesma pessoa poderá recorrer a essa ou aquela em resposta a diferentes situações. Fundamentalmente, são essas as alternativas:

A recusa da "raça", enfatizando a mistura.

Nós somos uma mistura de raças, de cor, de tudo. Esse mundo é colorido, é lindo por causa disso, não é? Você olha no meio das plantas, você vê o verde, você vê o marrom, você vê o branco, você vê o vermelho, você vê o amarelo, você vê de

toda cor, o azul no meio também ... Tava vendo outro dia uma planta tão bonita que a mulher tinha do lado, umas hortências, é azul também, né? Você vê tudo aquilo, no meio daquilo lá surge a figura humana. A figura humana nem tem descrição, porque todas elas são bonitas, em todas elas tem umas que são mais favorecidos, outras que não são favorecidos, mas sempre a pessoa é bonita no meio das flores que são tão lindas.

A valorização do "preto".

Se não fosse os preto ninguém tava aqui. Porque o solo, esse negócio de café, tudo graças a nós, quer dizer, tem que botar a mão pro céu, de nós, de nós, porque os branquinho falam, mas ninguém, né, quis pegar na enxada lá, carpir café, ninguém quis fazer nada.

A combinação de elementos da primeira e da segunda alternativas:

os negros já vêm... já vêm dos antepassados, da escravidão, são os negros que chegaram da África, né? Lá por volta de mil e oitocentos, mil e oitocentos e vinte, mais ou menos, pra mais, não tenho bem certeza dessa parte ... Mas foram os negros que foram chegando pra colonizar melhor o Brasil, que estava muito atrasado, muito deixado por não ter mão-de-obra. Então comprava-se negro lá ou trazia-se enganado...Então essa raça já é, já é uma das mais antigas do Brasil, além dos portugueses, dos índios, são os negros. Essas três raças que fizeram essa nação, então tem essa mistura enorme.

A separação entre "brancos" e "pretos".

No Brasil podia ser assim: de um lado os brancos, doutro lado os pretos, separados por um muro. Aí os brancos que fosse muito bom, inteligente, aí a gente deixava eles pro lado de cá, dava uma colher de chá...

A negação da pertinência a "raça".

Eu sou filha de italiano e filha de negro, então eu fiquei no meio. Eu não tenho raça, como é que eu vou definir ser negro?

A busca do ideal democrático para defender a igualdade.

No tempo da escravidão era tudo muito certo. Os brancos cuspiam na cara dos pretos, batia, acorrentava. Mas, desde que a princesa Isabel assinou, eu não admito, Suely. Acho que estamos num país democrático, tudo mundo tem os mesmos direitos, né? Que eu sei, num mudou, só se mudou a partir de hoje, o novo presidente, né?

A aceitação dos atributos.

O negro é muito olhado e dificilmente uma pessoa negra consegue um cargo logo num bom serviço, num serviço importante. Mesmo que elas tem capacidade, elas sempre é submetido a vários testes porque elas, muitos não mereceram a confiança, então por isso são submetidos a vários testes, muitas vezes mais rigoroso do que outras pessoas ... eles se deixam, levar, pra qualquer banda que o vento bata eles deixam levar.

A negação do significado da "cor".

Olha, eu não sei, eu não sei dizer assim certamente, mas pra mim, por exemplo, acho que... o caso da cor não influi nada na pessoa, acredito, pra mim, que não influi nada na pessoa. Eu sou preto, eu tenho cor preta e gosto bastante de mim, eu acho que ninguém pode gostar mais de mim igual eu. E tenho a minha família também, são tudo da minha cor, eu gosto também deles pra chuchu. Eu gosto das pessoas também de cor branca, então acho que pra mim não influi nada

dizer a cor. Que eu tenho a cor branca ou preta, o outro também que seja branco e eu seja preto, isso não vai influir nada. Acho que a pessoa é a mesma, fisicamente tanto faz eu. ser preto como ser branco, o meu modo físico, o meu corpo físico o mesmo. E o outro, se é branco ou se é branco e quaira ter o meu modo físico, ele não vai ter também, então ele vai ter o modo dele ... Eu acredito que tem pessoas que às vezes seja a cor preta e ... ele se acha assim, não sei, que a cor preta talvez seja assim um negócio, como se diz, a turma acha que é um pouco pra traiz. Mas eu acho que isso é só complexo também da pessoa porque ... pode ser...a pessoa, existe brancos que também existe esse complexo. Aqui em Campinas mesmo tem salão que, as vezes, se vão um preto, eles não querem que entra. Então tudo isso eu acho que bobeira porque de todo jeito acho que nós somos a mesma pessoa...Se eu dou um tapa num branco, ele vai dar um grito e eu dou um tapa num preto, também ele vai dar o mesmo grito.

Certos sinais diacríticos étnicos diferenciados são descritos com detalhes pelas pessoas e expressos em termos como "moreno-claro" e "mulatinho". Em certas situações, algumas categorias como "patrício" "negro" adquirem um sentido globalizador e se autonomizam em relação a sua base descritiva. Pessoas descritas por vários termos podem ser igualmente classificadas como "os patrícios", "os tios".

Descrevi essas situações e o que elas têm em comum. Se na descrição as diferentes percepções individuais aparecem e se a ambiguidade se manifesta naquelas situações, o uso de categorias classificatórias tem a ver com as representações em torno do "negro" mais do que as diferenças entre cor e tipo de cabelo e cor da pele.

Há um conjunto de representações em torno do ser "negro". Ao falar sobre termos e categorias de "cor", ao mostrar como as pessoas se referiam a certos temas que envolviam "pretos", quis ir reconstruindo esse universo de atribuições feitas ao "negro". Nele associa-se "negro" a escravo, "negro" a africano, "negro" a samba, "negro" a macumba, "negro" a sujo, bebedor, "negra" a cozinheira. Em oposição a limpo, trabalhador, "branco", etc..

A colagem de atributos negativos ao "negro" é que permite que, em situações determinadas, "negro" seja ofensa. Serve para inferiorizar. E por causa desses atributos, e porque há situações que aguçam a necessidade de inferiorizar pessoas, de marcar desigualdades entre pessoas, é que aqueles sinais diacríticos particulares (cor e tipo de cabelo, cor da pele) possuem um caráter de marca. marcas só podem ser usadas se fazem sentido, em forma e em conteúdo.

As representações que constróem o "negro" quase sempre apelam para uma pretensa base natural e, nesse sentido, são ideológicas, na medida em que esse apelo a uma ordem natural de legitimação encobre o motivo subjacente e determinante das necessidades de marcas inferiorizadoras nas relações sociais. Motivo que tem a ver com os princípios estruturais que regulam a organizando da vida social. O caráter ideológico dessas representações oculta, para aqueles que as expressam, o fato de que, parafraseando Sartre, se não existisse o "negro" no Brasil, ele seria inventado.

CONCLUSÃO

Dediquei-me, no terceiro e no quarto capítulos, a reconstruir, com os "tijolos" recolhidos na Vila "31 de Março", uma "etnicidade" ideológica. Em outras palavras, levantei um conjunto de representações em torno do que constituiria o "negro", assumido nas relações sociais concretas.

Que esse conjunto seja reconstruível, significa que existe um corpo objetivo de representações na sociedade onde se construiu o "negro". Trata-se de uma construção social que, fazendo-se abstração do fato de ser construção cognativa, como também emotiva ou conativa (1), foi elaborada porque tinha e continua existindo porque tem sentido estrutural. E é utilizável em diferentes graus, com diferentes objetivos e significações situacionalmente determinados.

Ao se construir o "negro" sobre o escravo, para legitimar uma determinada relação de trabalho, fez-se a construção, se me permitem o truismo, no interior de uma sociedade desigual. Que a desigualdade sobreviveu ao escravo, basta para sustentar a construção, independentemente de existirem pessoas "pretas" na "classe baixa". Não é "onde está" o "negro" que legitima o "negro"; é que "ainda é necessário" o "negro".

Porém, se o conteúdo que dá sentido a essa construção remete à sociedade capitalista, sociedade dividida em classes, por outro lado, "et pour cause", sua existência ocorre numa esfera própria e relativamente autônoma da estrutura social, esfera que não se confunde com a da "classe social". Para utilizar uma terminologia clássica, situa-se na superestrutura, enquanto a última coloca-se na infraestrutura.

Abstração feita dos trabalhos que tratam do "negro no Brasil" e não, no dizer de Costa Pinto (2), do "brasileiro negro", o estudo do "negro" em relações sociais com "brancos", não mais relações de trabalho escravistas, teve início, no Brasil, com o trabalho de Donald Pierson, na Bahia. E daí o mérito desse trabalho (3).

É possível resumir as conclusões de Donald Pierson dizendo que ele encampa duas declarações (uma das quais é um provérbio popular) coletadas em sua pesquisa de campo: "um negro rico é um branco, e um branco

pobre é um negro" e "nós, brasileiros, estamos nos tornando um só povo. Algum dia, não muito remoto, haverá em nosso país uma só raça (4).

Ao longo de toda a discussão de Donald Pierson faz-se presente a referência à situação particular das "relações raciais" nos E.U.A. no sentido de que se salienta aqui o que difere de lá. Preocupa-se is em salientar especificidades relativas do que em compreender estruturalmente os elementos internos da situação estudada.

A constatarão fundamental de Donald Pierson é que o Brasil é uma sociedade cuja organização tem por base "classe" e não "raça"; e que, antes que preconceito de "raça", há, no Brasil, preconceito de "classe". Daí ele concordar com o provérbio citado ("um negro rico é um branco..") Em segundo lugar, Donald Pierson constata que, por meio da miscigenação, as diferentes raças se ligam com "laços de sentimento compartilhado", o que remete ao sentido da segunda declaração (5).

Ao considerar a sociedade brasileira como "de classe" e não e raça", Donald Pierson também está conceituando por referência à sociedade "de castas". E sua visão é, fundamentalmente, a de uma sociedade e classes" liberal. Nesta, por meio da mobilidade social, as pessoas dariam de "classe", a qual se delimita pela combinação de diferentes critérios, como "riqueza" e "cor". Dado que o primeiro é mais importante na atribuição de "status", o preto rico embranquece.

"Cor" é algum, critério objetivo de estratificação. E mais que remeter o indivíduo a uma "raça", remete-o a uma "classe". É, portanto, símbolo de "classe", não de "raça". Nessa perspectiva, as representações expressas, por exemplo, em provérbios que negativizam a imagem do "negro" são classificadas como "sobrevivências culturais" (6).

Alguns dos pressupostos básicos do trabalho de Donald Pierson far-se-ão presentes nas pesquisas realizadas em comunidades rurais o Brasil (em regiões da Bahia, Amazonas, Centro-Oeste e Minas Gerais) por uma equipe de estudiosos norte-americanos dirigida por Charles Wagley (7). Entretanto, aí não aparecem afirmações como esta que se faz presente no trabalho de Donald Pierson:

"todo cidadão é considerado, antes de mais como brasileiro e o brasileiro se orgulha de todos os outros brasileiros, independentemente de sua origem racial." (8)

Os quatro trabalhos apresentam algumas diferenças no que se e ao privilegiamento de certos aspectos empíricos. Marvin Harris, por exemplo, dá muito mais ênfase aos aspectos que lhe possibilitem caracterizar "estruturalmente" a comunidade estudada. Porém todos utilizam o conceito de "classe" como resultante de uma combinação de critérios que, diferentes pesos, compõem o "status" do indivíduo renda ou riqueza, ocupação, educação, família, cor. Esta última constitui um dos critérios de menor peso relativo, o que faz com que sua importância se dilua na combinação. "Cor", aí, tanto é critério de estratificação como símbolo de "status" "classe" inferior. Esse caráter atribuído à "cor" que possibilita extremos interpretativos como o de afirmar que a mãe que diz para a filha, que se comporta ruidosamente na praça, que ela está "se comportando como uma negrinha", quer dizer exatamente que ela está se comportando é "como uma pessoa de classe baixa" (9).

Em "Branços e Negros em São Paulo" (10), Roger Bastide e Florestan Fernandes apresentam o "problema racial" numa perspectiva Mais sociológica, pode-se dizer mais ética do queêmica. Aqui não apenas se trata de uma realidade diferente como são outros os pressupostos. Florestan Fernandes explicita essa diferença ao afirmar, por exemplo, que "a estratificação em São Paulo nunca representou o produto de diferenças de raça ou cor", mas da "posição que componentes de cada uma das raças em contato ocupavam no sistema de relações materiais, constituindo portanto um produto dos processos sociais que operam, no plano económico da vida social." (11)

Muda-se a equação. Se, nos trabalhos citados anteriormente "cor era critério de classe - e ao mesmo tempo igual a classe em sua expressão simbólica - aqui a estratificação se define por um sistema de relações materiais. "Cor" é um símbolo de posição social, mas não se confunde com ela: há uma estratificação social à qual corresponde uma estratificação de "raça" e "cor" (12). É o emaranhado de critérios de "status" em que se envolvem os autores dos trabalhos citados que

marca o limite fundamental entre estes e o estudo de Florestan Fernandes. Aqui a "cor" é nitidamente um símbolo. Ali é símbolo e critério objetivo de estratificação.

Florestan Fernandes argumenta na seguinte direção. Nas relações de trabalho escravistas (sociedade "de casta") a cor, porque sinal visível, foi escolhida como marca de uma posição social definida: o escravo. O advento da "sociedade de classe", do "regime de trabalho livre", não possibilitou que o antigo escravo, coletivamente, ocupasse as melhores posições sociais. Criou-se, portanto, uma situação semelhante à o regime escravista anterior: o antigo escravo (negro) ficou nas posições mais baixas (negro). E embora tenham se redefinido as relações de classe, o mesmo não se deu com as relações de raça, porque o negro, ao ficar nas posições mais baixas, sustentará as representações em torno dele. Agora "cor" não é mais um símbolo de escravo, mas marca do "cidadão não integrado". E, dessa forma, a "cor" continua tendo sentido como símbolo, o do negro nos piores lugares da sociedade. Se, em Donald Pierson, os "ditos" sobre o negro eram sobrevivências culturais, para os autores desse último trabalho eles são sustentados porque o negro ocupa uma posição social inferior. Assim, se foi feita uma separação entre estratificação "social" e estratificação "de raça e cor", que dá uma autonomia à segunda, ausente dos outros trabalhos, há, por outro lado, a vinculação absoluta entre representações sociais e posição social. Assim o "negro construído não se descola do "negro objetivo". A "cor" do negro é um sinal visível que.. simboliza o negro nos estratos inferiores e remete a expectativas de comportamento e presunções de direitos e deveres recíprocos em relações sociais" (13).

Os trabalhos sociológicos sobre o "problema racial", principalmente os de Florestan Fernandes e Octávio Ianni (14), ofereceram contribuições marcantes para a compreensão do processo de passagem do escravo ("negro") para novas relações de trabalho, agora trabalho livre. Seja, como caracteriza Florestan Fernandes, passagem de escravo a cidadão, seja, como especificou Costa Pinto, de escravo a proletário (15). É importante, principalmente, a contribuição de Florestan Fernandes em caracterizar como mito a "democracia racial brasileira", "mito" assumido também por sociólogos, como o demonstram, por exemplo, os trabalhos

de Gilberto Freyre, onde se atribui a existência da "democracia racial" a um "ethos brasileiro".

Entretanto, algumas considerações ainda se fazem necessárias. Entre elas, a da necessidade de, antes que a "pessoas de cor" ou à "cor" das pessoas, dar às representações que se fazem delas um estatuto objetivo. E, dessa forma, situar as representações sociais em uma esfera própria, a esfera do ideológico, e nela buscar o "negro" construído, independentemente do lugar em que o "negro" está. Quais são então os elementos de construção do "negro"?

Alega-se uma raça, uma cultura, um conjunto de nichos ocupados por predisposição natural, uma memória da antiga condição, um conjunto de características "pessoais". Assim, ter, por exemplo, uma certa aparência física, ser sambista e macumbeiro, cozinheiro e trabalhador braçal, sujo, bebedor, malcheiroso, constituiria o "negro", a partir de elementos que, de fato, em absoluto são "privilégios" de sua construção. Os mesmos elementos, acrescidos de outros ou não, se combinados de forma diferente, podem entrar, por exemplo, na construção do "baiano", do "nordestino".

Quando alguém diz "negro, quando não caga na entrada, caga na saída", não é porque "ouviu" seus pais contarem, nem porque ser "negro" é ser da "classe inferior". É porque se remete ao "negro construído", onde "negro" é sujo. Portanto, mais que tentar entender "negro"/"branco" como identidade étnica em contato, em interação, por exemplo, preferi buscar o "negro" entre os "pobres". Na existência concreta dos segundos, a existência ideológica dos primeiros. Existência esta que permite, também entre "iguais", marcar o "desigual".

NOTAS

NO PREFÁCIO

1. Deixei de discutir diretamente vários trabalhos em torno da "questão racial" porque pretendi centrar-me nas propostas que dizem respeito à questão "raça-classe". Entretanto, certos trabalhos são importantes para uma discussão mais geral da "questão racial". Por exemplo, Azevedo (1955) e Noqueira (1955).

Há uma extensa bibliografia sobre o "negro brasileiro", organizada por Couceiro (1971). Em trabalho posterior à publicação dessa bibliografia, Brandão (1976) analisa a presença do "negro" em Goiás, como trabalhador (peão) e como categoria étnica em relação a outra categoria étnica: o "branco". Nesse trabalho, Brandão aplica ao estudo do "negro" o conceito de identidade étnica, principalmente nos termos das formulações de Barth e Cardoso de Oliveira.

Em termos de análise comparativa das relações "raciais" no Brasil e nos Estados Unidos, deve ser salientado o trabalho de Degler (1971).

NA INTRODUÇÃO

1. O que, aliás, é característico de qualquer interação social. Um estudo específico e bastante sugestivo sobre o controle de impressões na pesquisa de campo foi apresentado por Berreman (1975).

2. Embora a crença na "democracia racial" tenha sido registrada na maioria dos trabalhos sobre a "questão racial" no Brasil, foram Florestan Fernandes e Octávio Ianni os que mais nitidamente salientaram o seu caráter de crença.

3. Berreman (1975: 124).

NO CAPÍTULO I

1. Conforme foi explicitado no relatório do B.N.H, referente ao exercício de 1969 (Bolaffi:1972)
2. Pupo(1971).
"Cicerone" nº 17 (1974), p. 5-9.
3. Prefeitura do Município de Campinas(1970, vol II~A).
4. Diversos autores abordaram esse aspecto dos processos de urbanização e industrialização no Brasil. Ver, entre outros: Singer(1973), Pereira(1973), Ianni(1975), Durhan(1973). Sobre questões gerais do processo de urbanização, ver Castells(1972).
5. Ver Singer (1973:32).
6. Uma pesquisa realizada pela Prefeitura do Município de Campinas revelou um índice de correlação de 96% entre crescimento migratório e crescimento industrial no município (Prefeitura do Município de Campinas, 1970, vol. II-A).
7. Idem, ibidem.
8. Idem, ibidem.
9. Idem, ibidem.

"Cuanto más aprisa se acumula el capital en una ciudad industrial o comercial, más rápida es la afluencia a ella de material humano explotable y más miserables las viviendas improvisadas de los obreros." (Marx, 1946, I, p. 561).

10. "Os dados analisados anteriormente permitem concluir que em Campinas, apesar do grande número de construções através da COHAB, das cooperativas e por iniciativa particular, ainda o problema habitacional está longe de ser resolvido. Considerando ainda em algumas áreas a média alta de pessoas por domicílio, pode-se supor a existência de coabitação, entre famílias, indicando também demanda de habitação (pesquisa domiciliar), sem contar os núcleos de favelas que têm aumentado continuamente no município, e o problema do custo dos aluguéis" (Prefeitura do Município de Campinas, 1970, vol. II-B) .
11. *FIBRAP é uma fábrica que tem ali perto do viaduto, em negócio de ferro, sabe? Então ele trabalhava lá. Como eles tinha uma fábrica lá em cima, entre meio da SWIFT e MATARAZZO, ficou um barracão grande lá, sabe? Eles davam tijolo e a gente fazia um cômodo lá, entrava dentro e ficava lá. O Luís fez até um cômodo muito bonzinho lá, pois água, tudo, dentro de casa. Aí nós fomo morar lá, morei dois anos. Eu fiquei doente dos nervo lá, e ele foi mandado embora dessa fábrica. Aí nós viemo morá numa pensão na rua Luzitana. Até uma pensão desses home, sabe? Ah, não sei como se diz, Suely ... Moramo um ano lá também, mas num lugar que cê ... num é lugar pra gente criar filho, sabe? Dali eu fui pra Escola Preparatória de Cadetes, né? Eu fui morar lá porque num tinha lugar pra ir. Eu fui morar lá. Então eu morava numa casa, num Quartinho dormia e na outra casa eu cozinava. Já pensou? Uns quatro meis ou cinco eu fiquei lá. Depois tinha uma família de cor também tinha uma casa lá na Vila Nova e eles tavam em dificuldade pra pagar aluguel. A casa tinha dois quartos, sala, cozinha. Que nem essa daqui. Então nós fomo e ficamos num quarto ajudando, pagando o a metade do aluguel pra eles melhorá um pouco a situação. Ficamo ali acho que um ano. Aí então tinha um... aconteceu um, caso aí na Guanabara que a mulher tinha matado o marido. E a casa ficou fechada, ficou embolorando tudo, sabe? E aí o advogado veio, eles precisavam. de uma pessoa, de uma família, pra tomar conta de tudo lá, abrir a casa. Então o advogado veio. Esperamo um dia que ele chegou e nós fomo lá falá com ele. Porque nós num tinha lugar mais pra morá, tinha que saí de lá dos preto,*

que já num tava combinando bem. Quando tava precisando, acolheu a gente pra morá lá, ajudá a pagá o aluguel. Agora num tava precisano mais, aí meteu o pé, né? O advogado viu, achou que nós podia morá lá. Fomo morá lá, ficamo lá também uma porção de tempo, rnorano lá pra tomá conta da casa. Na Guanabara, uma casa boa mesmo. Eu senti de saí de lá, pagava dois conto, Ah, meus Deus do céu! Mas o Luís queria saí porque queria. Porque tinha um filho, de vez em quando ele fumava, queria quebrá tudo. E ele tinha medo, né? Por causa das criança. Bom, aí saimo, viemo morá aqui no Furazóio. Aí fomo morá com home desses também, Suely, desses que ... que assim, sabe? Não era pensão. Ai era casa. Ele tinha três cômodo e tinha mais dois assim. Ele morava nos três cônodo e tinha o pai, a irmã, tudo que tinha vindo de Minas, né? Depois ele passou a morá nos dois cômodos e o pai e mãe ficou lá. Quer dizer que a gente morava tudo naqueles três cómodo. Eu dormia na sala, Suely, ah...mas já sofri na minha vida também, viu? Então nós ficamo também um bom tempinho ali. Bom, daí nós saimo, fomo pruma pensão da Cesar Bierrenbach. O ambiente num era bão. Porque pensão, cê já viu. Tinha essas mulheres, né, que fazem a vida, rapazes, tudo. Depois eu saí dali, morei numa outra pensão na José de Alencar. Aí nós ficamo um par de meis lã. Eu num gostava de lá, Suely. Como é duro morá num lugar contrariado, né? Eu num queria sair da Cesar Bierrenbach, porque eu vou te falá, cê pode morá, com perdão da palavra, no meio dessas mulhé, mas elas façam a vida delas, cê faça a sua vida. Ficamo uns seis mês lá e voltamo pra baixo outra vez, pra Bierrenbach. Aí depois tinha uma moça que morava nessa pensão da Luzitana, ela se juntou com um home, sabe? Ele alugou uma casa no Cambuí. Uma casinha boa, só que eu fui morá num porão. Num era bom, não, era úmido, tudo, mas sei que fiquei quase um ano aí também. Aí quando saiu essas casa aqui, que eu vim pra cá." Narrado por uma moradora da Vila "31 de Março".

Foge aos objetivos deste trabalho discutir as implicações sociais e políticas da atuação do B.N.H.. Sobre isso, ver: Bolaffi (1972); Valladares (1975).

12. Informação obtida em "COHAB-Campinas: a exceção possível", matéria publicada pela diretoria da COHAB-Campinas em "Construção", setembro de 1974, p. 30-36.
13. Célia Leitão Ramos (1976).
14. Grifos meus. Ver termo de compromisso no Anexo III.
15. Esse nível de instrução nunca foi explicitado mas, a título de exemplo, eu poderia dizer que a sugestão para que eu pleiteasse a compra de um apartamento foi feita logo após eu escrever em minha ficha de inscrição que tinha instrução universitária.
16. *Eu morava aí no Taquaral. Foi quando começou a Vila Rica, e aquela vilinha. Eu ainda morava na Marechal Deodoro quando começou a Vila Rica... e eu cuidei, Suely, teve um tempo que eu sofri muito com meu marido, sabe? Então aí foi quando come... aí quando ... eu fui e prometi a mim mesma, que eu num sou de fazer promessa, como eu acabei de dizê a você, que eu sou católica mas eu num gosto dessa história de imagem, de santo fulano de tal, santo num sei o que, santo num sei o que ou confessá, ou vivê na igreja... num sô. Então eu fui e prometi a mim mesma que, como eu tinha passado aquela fase, sem atormentá ninguém, sem me separá dos meus filhos, e assim sem muita coisa, eu me dedicá a quem fosse pior do que eu, mas cada veis que eu falo desse tempo, eu choro, num faz mal? Então eu peguei e vi, ali do lado da Igreja do Carmo, onde hoje é o Copa 70, sabe? Aquele prédio. Ali era um cortiço, moravam treze famílias de preto, ali. Eu comecei, quando era de tarde ou de manhã, eu andava ali naquelas casas de pensão, no pensionato e tudo, tudo que fosse resto, mas que não fosse de prato, resto, resto, cê sabe que fica mesmo, né? Sopa e tudo, eu pegava tudo praqueles pretinho. Tinha pretinho, Suely, que dava pena. E eu comecei a fazê isso, me dedicá aos outros, eu prometi a mim mesma, e escolhi aquele cortiço. Então eu pegava, pedia roupas praqueles moças do pensionato e dava pra eles, comida, dava pra eles e tudo. Quando foi em sessenta e quatro, na Revolução de sessenta e*

quatro, as minha menina tava ali na Escola Catequética Paulo VI, ali atrás da Igreja do Carmo, quando explodiu a Revolução. Então o padrezinho era novo naquele tempo, soltou as criança, soltou todo mundo pra ir embora, os estudantes fizeram passeata e aquela coisa toda, o Palácio da Justiça fechou, pusero cordéis na frente, virou uma bagunça a cidade. E eu... quando eu soube, a D. Matilde falou: D. Aparecida do céu, estou... diz que o Brasil vai entrá em estado... como é? Estado do que? Estado de sítio. E que a Revo ... vai começá uma revolução e que a cidade tá de perna pro ar. Eu quase enlouqueci de pensá nas minha menina. Saí correndo pra ir buscá. Quando eu virei ali a esquininha da Sacramento, e vi a escola fechada, fiquei maluca. Mas esses pretinho, todo mundo tinha pavor deles, mas pelo que eu já tava fazendo a eles, eles pegaram as minha menina, e ninguém entrava pa pegá, as menina morrendo de chorá lá dentro, mas eles num deixaram ninguém tirar por nada, Então eu fui buscá as menina e fui embora. Ali eles me contaram que...tavam fazendo uma vila eles nem sabiam que existia COHAB, nem B.N.H., nem nada. E que os homem daqui de Campinas tavam fazendo uma vila e que iam dá uma casinha pra eles, que eles iam tê casa cum banheiro. Começaram a me conta muita coisa. E depois, eu falando com a D. Matilde, ela disse: ah, a senhora não sabe? O B.N.H., que vai construí vila, vai chamar vila popular, um montão de coisa. Eu disse: tá bom. Foi o tempo que eu fui embora pra João Pessoa. Quando eu voltei, que vinha pro Taquaral, começou as primeiras, era 15 de... 15 de novembro de 67, as primeiras inscrições para a casa popular. Mas sabe como era, Suely? Aonde tinha um ginásio num bairro, ia fazê a inscrição. Mas até uma certa, um certo tanto de gente, né, um certo número... E ali tinha que levá certidão de casamento, carteira profissional, título de eleitor, registro dos filhos, onde morava, o número, tudo. Cê sabe que a maioria das pessoas vai num lugá assim mas num levam tudo, né? Então, três horas da manhã eu fui, três horas da manhã, com o Rui e a Estela. Chovendo. Ah, e quando eu falei pro meu marido que eu ia fazê inscrição nas casa popular, ele quase me sangrou. Ele disse que eu era doida, que aquilo era casa pra quem morava em cortiço, casa pra preto, que eu sou pensava em me rebaixar mais ainda, que ... um montão de coisa...que ele num ia nem os filho dele ia. Mais ele tava em casa e ia saí de madrugada, eu fui e roubei os

documento dele. Roubei tudo pra ir fazê a inscrição, eu queria de qualquer jeito uma casinha daquelas.

17. Na maioria das vezes, a justificativa é que os homens trabalham e não têm tempo de ficar o dia inteiro na COHAB para fazerem a inscrição. Esta não é feita em nome delas porque deve ser, preferencialmente, em nome das pessoas que se responsabilizarão pelo pagamento. Quando isso não ocorre, o termo de compromisso é assinado tanto pelo inscrito como por quem se dispõe a pagar as prestações. No caso de pessoas idosas, quase sempre os filhos também assinam.

Nesta mesma vila, quando, também sem. revelar minha condição de pesquisadora, procurei o presidente da "Sociedade Amigos de Bairro" local para pedir-lhe informações sobre a possibilidade de conseguir uma casa popular, ele, espontaneamente, deu-me um bilhete, dirigido a um vereador de Campinas, pedindo-lhe que intercedesse em meu favor. Esse bilhete ainda faz parte de meu arquivo de pesquisa.

18. Pude constatar na vila que é bastante comum vereadores ou quaisquer candidatos a cargos públicos criarem fortes vínculos com a "Sociedade Amigos de Bairro", por diversos meios, inclusive doações em dinheiro.

19. Outro caso: *Ah, nós já tinha feito a inscrição, sabe, Suely? Mas a inscrição... eu vou te contá... ali tem uns relaxo nessa COHAB... que faz a inscrição e às vez eles até perde a inscrição da gente, né? Então nós tinha feito a inscrição e um rapaz moreninho que trabalha lá falou pro Luís assim: 'Ah, não precisa ir frequentá fila não, que a sua inscrição eu guardo aqui.' Aí pegou e disse que tava na gavetinha dele. E o Luís ficou na fiuza dele, sabe? Então, eu sempre falando pro Luís...num sei porque, parece que eu tenho intuição das coisa, sabe, Suely? Sempre foi assim, não agora porque eu sou espírita, não. Mas toda vida eu fui assim. Às vez eu penso uma coisa e aquilo acontece ... não é sempre não, mas às vezes. Então, eu*

peguei e falei pra ele ... Quando foi também para mudar da Bierenbach lá pra cima, também falei pra ele: 'Não vai dar certo.' Porque a mulher prometeu de pagar menos aluguel, né? Mas foi só um mês. No outro, ela já aumentou. E eu falava: 'Num vamo ... num vai dá certo. Pensa bem.' 'Ah, porque com esse dinheiro que nós vamo economizar vamo fazê tar coisa.' 'Num vai dá certo.. Mas foi batata, viu? E a COHAB também ... Eu sempre falava: 'Vai dá um jeito.' Porque cê cansa também de morá num quartinho aqui, um quartinho ali, né, Suely? Que! Eu acabei com tudo, viu, minha filha? Guarda-roupa desmontou, foi uma droga. Acabei com tudo. E eu sempre falando pra ele. E ele ia lá, falava com o rapaz e o rapaz :Não, pode deixar, pode deixar. Quando sair, cê vai pegar. Ce vai pegar porque sua inscrição ta aqui, ó, tá aqui sua inscrição." Quando chegou na hora de sair a casa, cadê a inscrição? Mas foi na época do Rui, sabe, quando o Rui saiu...ele ia sair ... num sei se você alcançou...cê tava aqui. Faz quatro ano que nósis tamo aqui. Então o Rui Novais ia sa... ía terminá o tempo dele na prefeitura, sabe? Foi quando mudou a prefeitura velha pra nova. Então o Luís foi vê a inscrição, já num tinha mais. Num tinha inscrição, num tinha nada. Então ele pegou: 'E agora, que nósis faz, que nósis faz?'" Eu disse: 'óia, meu filho..." Eu já com aquele menino pequeno, com o Samuel, nasceu na pensão. Lá, né? Um quartinho, Suely, mas menos do que essa cozinha. Muito menos. E dormia, cê vê, um casal de crianças, já tavam moços, né? Cê vê, ela tava com quatorze anos quando ele nasceu. Mocinha, né? E o menino com dezesseis. Aí, Suely, e agora que que nósis faz? Num sei que, num sei quanto. E nisso ele tinha um colega, sabe? Eu nem conheço esse homem, sabe? Mas desconfio que é de cor também, sabe? Eu desconfio ... Não sei não ... nunca vi esse rapaz ainda. E esse rapaz lida com esses vereador. Quando checa época de eleição, ele trabaia pra um, trabaia pra outro, sabe? Mas foi a nossa sorte! Mas como é que ele chama, meu Deus. Eu não me lembro o nome do rapaz. E o Luís, conversando com ele, falou pra ele: É me falaram que eu tinha a inscrição, que eu ia negá a casa. E agora eu tou sem casa. Vai sair essas casas..." la sair a da Boa Vista. Estas aqui nem tava pronta ainda. Então ele foi e falou assim: 'mas como que foi acontecê isso, Luís?' Falou pra ele, né? Então o Luis falou: 'Ah, eu num sei, aquele rapaz falou que tava c'a inscrição, que eu ia pegá a casa.' E aí então ele

falou: 'Vem cá, vem cá ... você ... vamo falá com o Rui.' Então ele pegou o Luís e levou. E ele então...ele lida com o Rui. Ele era... ele pintava a casa do Rui. Então ele tinha aquela liberdade em falar com o Rui, né? Ele pegou e levou o Luís lá na prefeitura velha, falou com o Rui. Então o Rui falou: 'olha, tar dia ocê volta aqui. Você fica aí, quando cê vê euentrá ocê num liga pra ninguém, não, cê entra junto', o Rui falou pra ele. Até eu senti o Rui Novais num ganhá essa última vez, viu? Aí ele pegou e falou assim: 'você num liga, não, cê entra junto'. Aí o Luís pegou e fez, né? Quando chegou lá... aí ele já tava com papelzinho na mão...que, né, o assunto que era. Quando chegou lá, o Luís foi falá com ele e ele falou assim: 'Tá bom, tá bom, nós já vamo sair já daqui, você vai lá pra prefeitura nova e fica lá me esperando'. Aí ele foi. Foi lá. Ficou lá na prefeitura nova. Eles tavam mudando as coisa pra lá. Quando o Rui apareceu lá, falou: 'Vem cá, vem cá'. Subiram lá. Quando chegou lá, ele falou assim, mas eles já tava tudo conversado. Ele pegou e chamou uma mulher que tem lá. Eu não sei se é a tal da D. Loló. Sei que é uma metidona lá, que arruma esses negócio social, assistência social, tudo. Pegou e falou assim pra ela: 'Óia, faça uma inscrição pra esse rapaz aqui. Já.' Pegaram, entraram numa sala fechada, trancaram a porta a chave. Por isso que eu falo, Suely, quando eles querem fazê as coisa, eles fazem, viu? A gente não pode se abrir, falá fulano fez, porque senão todo mundo cai em cima, é claro, nó? Mas até ele encomendou pro Luís: 'Ó, cê não fala pra ninguém, senão vem todo mundo em cima de mim.' Mas fez na hora, Suely. E falou: 'Olha, nós vamo vê, conforme tá as casa da Boa Vista, cê pega lá mesmo.' Falou pro Luís. Mas quando foram vê, já não tinha mais nenhuma, já tinha pegado tudo, mas nós pegamo aqui. Foi feita embaixo do pano a inscrição."

20. Segundo uma pesquisa realizada pela Prefeitura de Campinas, 60% dos inscritos na COHAB destinavam um terço dos seus salários para pagamento de aluguel (Prefeitura do Município de Campinas, 1970, vol.II-B). Também um morador fez um cálculo: "Se nós vamo, por exemplo, alugá uma casa igual essa, nós ia pagar uns trezentos, quatrocentos, por aí, né? E como a gente tá pagando ela nessa base que nós paga, então, desses quatrocentos que nós fosse pagar de aluguel, já vai sobrá

ali uns duzentos ou trezentos às vez, né? Então isso a gente já aproveita para uma outra coisa. "

21. Para os que dispõem, desses recursos, uma alternativa bastante escolhida é a compra de terrenos à prestação e a construção por eles próprios, nos fins de semana e feriados, de suas casas. Construção feita, na maioria das vezes, com a ajuda de parentes ou de amigos.

22. O marido passou de proprietário de bar a arruinado, pequeno funcionário da Prefeitura. Sua mulher até hoje lamenta morar na vila e sempre se refere ao que poderiam, ter conseguido na vida se o marido "tivesse tido juízo".

23. A COHAB passou a selecionar apenas os candidatos que comprovassem renda familiar entre três e cinco salários-mínimos.

24. "Construção", setembro de 1974, matéria citada.

25. Como pode ser visto no mapa, existe, a leste da vila, um eucaliptal.

26. Apesar das promessas oficiais terem sido, inclusive, anunciadas em jornal local, a creche da Vila "31 de Março" ainda não foi construída.

27. Em lugar de comícios, são mais utilizadas, nas campanhas eleitorais, as visitas dos candidatos às famílias da vila.

28. "...a caracterização da relação comunitária se baseia na existência de um consenso da recíproca determinação das vontades e da inclinação em um mesmo sentido, das pessoas que dela participam. Está assim excluída dela, toda idéia de oposição e de luta, e em certa medida, de estratificação e de domínio. A forma básica de diferenciação social em situações comunitárias é a autoridade, fenômeno que supõe

o exercício do poder mediante sua aceitação voluntária por parte dos submetidos" (Franco Moreira, 1963).

29. Em seu estudo sobre pequenos proprietários rurais em Pernambuco, A. R. Garcia Júnior faz observações interessantes sobre o aspecto simbólico do uso da casa, relacionando-o, inclusive, com a divisão sexual do trabalho (Garcia Junior: 1975). Embora haja diferenças fundamentais entre as realidades estudadas por ele e por mim, certas semelhanças são evidentes, particularmente no que se refere ao uso da sala.
30. Em todos os bazares que presenciei só havia mulheres. Aliás, somente a elas são dirigidos os convites.
31. Eu ficava ora lá fora, ora lá dentro.
32. O marido é operário e ela não trabalha para fora. Têm um filho e, enquanto eu estava fazendo a pesquisa, observei que iam, aos poucos, reformando a casa. Em várias de nossas conversas, ela observou que muita gente na vila pensava que eles "estavam bem" porque tinham um só filho e ela não trabalhava.

NO CAPÍTULO II

1. "As relações de produção constituem "um sistema de lugares atribuídos aos agentes da produção em relação aos principais meios de produção; esse sistema determina o lugar dos produtores imediatos e, eventualmente, o dos não produtores: tais lugares são, na realidade, os lugares onde se exercem certas funções (processos de apropriação da natureza, coordenação desses processos, repartição dos resultados, etc.).

"A ação das relações de produção manifesta-se particularmente através dos seus efeitos sobre os portadores das diferentes funções: ela pode constituir esses portadores em classes; ação das relações de produção sobre os processos de trabalho dá-lhes a forma de um processo de produção.

"O processo de produção não assegura apenas a produção-reprodução de produtos, mas também a do sistema de lugares atribuídos aos agentes da produção" (Bettelheim, 1972:86-7). Grifos no original.

2. Agrupei aqui os setores têxteis, equipamentos, metalurgia, química, alimentação e bebidas, calçados, madeira, cortume, ferros, borrachas e vidros.
3. Ambos cozinheiros em hospitais.
4. Todos em edifícios comerciais.
5. Aí estão incluídos aposentados, licenciados e os que receber, pensão de viuvez.
6. Viúvas que recebem pensão.
7. O número de mulheres casadas que trabalham para fora é, na realidade, superior ao que consta nesse quadro. Ocorre que, como, na maioria das vezes, esse trabalho se faz dentro da própria casa (lavagem de roupas, costura, etc.), ele não foi registrado nos arquivos da COHAB. Por outro lado, se é "natural" que o marido deva trabalhar sempre, o trabalho da esposa tende a ser considerado como provisório e visando suplementar a renda familiar com vistas a objetivos específicos (tratamento de doentes na família, aquisição de determinados bens de consumo,, etc.). Uma mulher, por exemplo, afirmou-me que começou a trabalhar "pra fora" para comprar geladeira, sofá-cama, e buscar a televisão no conserto, o que não seria possível apenas com o salário do marido. Outro morador disse: "Minha mãe já trabalhou, já. Na época que a gente estava na SWIFT, na época que

a gente estava em crise, em que eu não trabalhava. Nessa época minha mãe dava uma mão. Ela trabalhou mais ou menos uns três anos consecutivos."

8. Outros exemplos: ... *tem de tudo aqui nessa vila. Tem de tudo, de tudo. Tem do bom, tem do mal, tem do melhorado, tem do pobrezinho, tem os que são pobre, que tem ... que tem vontade de sê rico. Então esses são diferentes, né? Agora tem os pobre que ... que ... que, como se diz assim, que são felizes de sê pobre mesmo, num procuram progresso, num querem nada, acha que chegou naquele ponto, num procura progredi mais. Tem outros que tem uma vontade enorme de progredi. Não consegue porque falta muitas vezes a finança. Aqui, bem dizer, o dinheiro é o principal porque em tudo que ... que é bão na vida material toda, precisa-se do dinheiro. Mais aqui. Em quase tudo, em tudo depende do dinheiro. Tanto é verdade que primeiro eles dão preferência pra vim morar aqui às pessoas que tivessem ordenado ... um ordenado assim poço e que tivesse dois filhos pra mais. Hoje, não. Hoje eles, se aparecê um candidato que tenha,.. tenha ordenado, eles desejam que as ... as pessoas, que o chefe da família, tenha três salário-mínimo. Agora, se chegar um outro que tem quatro ou cinco, esse entra na preferência porque deu muito, muita dor de cabeça pros diretores da COHAB, as pessoas que saíram de barraco, que nada pagavam. Chegou aqui, pagava pouco. Mas ... mas entrô a água, luz, condução, porque muitos barracos são perto da cidade, e tudo isso entrou no orçamento do ordenado dessas pessoas, né? E os coitados têm vontade de melhora, mais num conseguio, por causa que o ordenado talvez num melhora, né?*

...tem muita gente que...eles são completamente diferente, eles não têm essa... aqui, como essa vila, nós só temos ela quatro anos, tem família aqui que não mudou um tijolo de um lado pro outro, sabendo que a casa vai ser dele. Quer dizer, é dele, é dele porque se ele pagar direitinho é dele. Mas ele não tem coragem de mudar um tijolo.

9. Uma pessoa assim me descreveu a reforma que estava sendo feita em. sua casa: *Bem, nós construímos atrás dois quartos e construímos um banheiro ... Talvez atrás faça assim, um sobrado e na frente, faz a continuação da casa, faz a garage e a cozinha, e a cozinha bem grande... e fica mais ou meno com quatro ou cinco quartos, duas salas e garage. A cozinha... deve ficá um ou dois banheiros. Na frente, grade ponta-de-lança.*

Essa mesma reforma foi-me narrada por outra pessoa, conhecida da família: *Quando um dia eu cheguei lá, ele tava arrumando a casa e falei: 'Nossa, seu Lucas, mas o senhor ficou rico tão depressa.' Ele disse: 'Fiquei mesmo, fiquei mesmo. E sabe o que e que eu vou fazê agora? Tirei uma planta de uma casa vou construir e vou tirar as paredes da COHAB, que a COHAB construiu, e vou por no meio da rua pros carros ... pra vê carros passa em cima. E vocês, que são pobre.*

10. Esses terrenos localizam-se fora do município de Campinas.

11. Já nos conhecíamos antes da situação de pesquisa, fora da vila.

12. Bairro onde ela residia anteriormente.

Referindo-se às cercas colocadas pela COHAB quando da entrega das casas aos moradores.

13. “Dentro del capitalismo, so1o es productivo el obrero que produce plusvalia para el capitalista o que trabaja por hacer rentable el capital. Si se nos permite poner un ejemplo ajeno a ia órbita de la producción material, diremos que un maestro de escuela es obrero productivo si, ademãs de moldear las cabezas de los niños, moldea su propio trabajo para enriquecer ai patrono. El hecho de que éste invierta su capital en una fábrica de enseñanza en vez de invertirlo en una fábrica de salchichas, no altera en lo más mínimo los términos del problema. Por

tanto, el concepto del trabajo productivo no entraña simplemente una relación entre la actividad y el efecto útil de ésta, entre el obrero y el producto de su trabajo, sino que lleva además implícita una relación específicamente social e históricamente dada de producción, que convierte al obrero en instrumento directo de valorización del capital. Por eso el ser obrero productivo no es precisamente una dicha, sino una desgracia" (Marx, 1946, I, p. 426). Grifos no original.

14. O "problema da moradia", ligado à concentração capitalista, e as implicações econômicas, sociais e políticas da transformação dos trabalhadores em proprietários de suas casas, foram analisados por Engels em uma célebre polêmica com os "socialistas burgueses" e "pequeno-burgueses". Para ele, a construção de moradias para os trabalhadores, longe de ser devida apenas a uma preocupação filantrópica, pode perfeitamente ajustar-se à lógica da acumulação capitalista. Além de considerar inviável, em uma sociedade capitalista, qualquer "solução" para o "problema da moradia" que atendesse aos interesses dos trabalhadores, Engels rejeitava, em princípio, os termos desse problema, assim como julgava objetivamente reacionária toda tentativa de transformar aqueles trabalhadores em proprietários individuais de suas casas. (Engels, 1971).

NO CAPÍTULO III

1. Desconheço se esses termos são utilizados com esses significados em outras regiões. "Tio" é também, aplicado a certos "babalorisha" ou sacerdotes chefes de grupos de cultos afro-brasileiros (Ribeiro, 1952).
2. Ver, por exemplo, a esse respeito, o que diz Donald Pierson (1971: 34), citando observações de outros estudiosos.

3. Certos estudiosos explicam esse "branqueamento" dos "negros" tanto pela mobilidade social como pela proximidade social e afetiva em relação aos "brancos". Ver, entre outros, Pierson (1971), Wagley, ed., (1972).
4. Embora interpretando-o de modo diferente, Pierson(1971) chama a atenção para esse aspecto.
5. "Ambiguity, both of a definitional and referential sort appear to be built into the meanings of these terms and is in a sense a more important feature of the system that the attention which is supposed to be paid to actual physical appearance" (Harris e Kottak: 1963: 205).
6. Pierson (1971:35).
7. O estudo sobre Arembepe, "Race Relations in Arembepe", de Kottak, embora pareça ser importante para a discussão feita neste trabalho, não foi encontrado nas bibliotecas a que tive acesso. Sua referência é feita por Harris e Kottak (1963).
Pierson (1971: 36).
8. Hertz (R), " A Proeminência da Mão Direita", mim.
9. Leach (1954:10-17).
10. A existência de determinados atributos como, por exemplo, sujeira, que é aqui associada ao "negro", também está presente na "Norwegian native theory" a respeito dos lapões. Isto é mostrado por Eidheim, em seu estudo numa área de "mixed Norwegian", a respeito de dois "ethnic labels", noruegueses e lapões. Levanto esse caso aqui apenas para esclarecer, se isso ainda é necessário, que determinados atributos ligados ao "negro" no Brasil não se explicam pelos seus sinais diacríticos étnicos". Como salientou Eidheim, "on

outsider, paying a casual and short visit in the area, will most likely notice no signs of ethnic diversity, no to speak of an ethnic border" (Eidheim, 1970, p. 41).

NO CAPÍTULO IV

1. Na consciência e na prática dessas pessoas expressa-se não apenas a imagem de um carnaval "communitas" mas também, e principalmente, a de um carnaval "estrutura.". Da Matta, por sua vez, ao interpretar o carnaval como um rito de passagem, considerado como parecendo ser "a instituição paradigmática desta visão ao Brasil como uma grande 'communitas', onde raças, credos, classes e ideologias comungam pacificamente ao som do samba e da miscigenação racial, aqui vista como um traço quase-hereditário do caráter nacional português (Da Matta, 1973, p. 121-168).

2. Douglas(1976:19).

Também foi expressado:

O negro é complexado de ser fisicamente forte. Em compensação, mentalmente é um fracasso. Complexo de forte mais o complexo de inferioridade fazem deles uma pessoa diferente e dificilmente entra num acordo. Falar sobre cor perto de pessoas de cor é difícil. Eles não gostam. Já tem aquele complexo.

3. Refere-se a "Comunidade Cristã" da vila, também chamada "Grupo das Irmãs" .

4. *Os pretos têm um complexo, né, não quer se misturar aos outros, por causa da cor. Inclusive eles mesmos que falam pra gente, 'é gente nossa', se é gente da cor deles. 'Um bailinho nosso', esse bailinho é de samba, que só vai preto frequentar. Então eles fala que é baile deles, quer dizer, eles não pode*

se misturar. Eles acham que eles não pode se misturar. Não sei se é complexo, sei lá.

Eu acho que é questão de desenvolvimento, a pessoa, sei lá, eu acho que normalmente a pessoas de cor ela se marginaliza por qualquer tipo de coisa e a primeira coisa que vai pensá em fazê não é garantir a sobrevivência futura, ele vai pensar em se aparecer o mais depressa possível, talvez ele ainda traga pensamentos remotos de quando o Brasil era ainda, era ainda tempo de escravidão e esse negócio todo. Então nota-se que pelo menos cinquenta por cento dos negros ou senão mulatos mesmo, eles trazem em si aquele peso, aquele complexo ainda.

5. Uma briga imaginária:

Ah, eu penso assim. Que a gente fosse uma turma bem separada do povo... se fosse uma comunidade bem separada do povo da vila. A gente fechado num clube ou num...se fosse aqui mesmo, aquela turma de homem querendo entrar. A apedrejando a casa, gritando, falando palavrão." (Pedi para descrever fisicamente as pessoas que estavam apedrejando) "Preto, de cabeça fina." (Perguntei quem estava dentro do clube) "Toda a turma da comunidade. O Célio, cor escura, tentando defender a gente.

6. *As pessoas têm medo, né, de uma pessoa de cor, porque diz que quando... quando não caga na saída, caga na entrada. Então eles ficam sempre esperando que vão acontecer qualquer coisa, né, que eles vão brigar, que vão encrencar, qualquer coisa.*

7. *Mas num dava prá entrosá muito porque os baile dele era mais baile de negrão e em baile de negrão a gente geralmente não é bem aceito. Porque, num sei, talvez por causa, uma que a gente num é bem aceito e outra porque às vezes a gente também num se sente muito agradável. Porque nós fomos num baile, por exemplo, onde só tinha negrão, tinha eu e outro branco, então parece que os negrão se amontoam demais, os negros se amontoam demais e eles suam*

muito, então fica aquele cheiro forte, né? Essa é uma das razões pelas quais eu num influenciava muito e outra porque geralmente se agente chega, a gente, eu sou muito expansivo, entende, chego, já brinco com todo mundo, dô risada e isso e aquilo e às vezes. quando chego em festinha de menina, assim, gosto muito de ir cumprimentando, dando um tapinha no rosto, sendo agradável, entende? Quer dizer que eu tenho um pouco de cisma da cor, num é que eu tenha preconceito, porque inclusive esse amigo meu, muito amigo meu, muito amigo meu e eu acho que num tem problema, apenas existe aquele recalque deles. Quando a gente chega, a gente é mais bem recebido pelas moreninhas e tal, eles não se sentem bem à vontade e vêm contra a gente.

8. Douglas (1976: 163).
9. Verena Martinez-Alier analisa a problemática do casamento inter-racial (particularmente, entre "brancos" e "negros") em Cuba, no século XIX, e as questões políticas envolvidas na legislação que regulava tal tipo de casamento. Um dos aspectos salientados é que, quando a miscigenação dificultou a estratificação social por critério de cor, lançou-se mão de um outro critério a "pureza do sangue". Martinez-Alier (1974).

NA CONCLUSÃO

1. Cohen(1974:xi).
2. Costa Pinto (1953:26) .
3. A edição original desse trabalho data de 1942 ("Negroes in Brazil: A Study of Race Contaxt at Bahia", University of Chicago).
4. Pierson(1971:35'e 186).

5. Idem, p. 193.
6. Idem, p. 154.
7. Harry Hutchinson, no Recôncavo Baiano, Marvin Harris, no Brasil Central, Ben Zimmerman, no sertão da Bahia, Charles Wagley, na Amazônia. Os trabalhos estão agrupados, com diferentes títulos, em "Race and Class in Rural Brazil", 1952.
8. Pierson (1971:259).
9. Zimmerman (1952: 101)
10. Bastide e Fernandes (1971).
11. Idem, p. 83-4.
12. Idem, p. 84.
13. Idem, p. 141.
14. Além de "Branços e Negros em São Paulo" (Bastide e Fernandes) e "Cor e Mobilidade Social em Florianópolis" (Cardoso e Ianni): Fernandes(1965 e 1972), Ianni(1962 e 1966).
15. Costa Pinto(1953).

BIBLIOGRAFIA CITADA

BASTIDE (R.) e FERNANDES (F.)

1971 - "Branco e Negro em São Paulo", Brasiliense, vol. 305, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

BERREMAN (G.) 1975 - "Por De trás de Muitas Máscaras" in Guimarães (A. Z.) org., "Desvendando Máscaras Sociais", Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

BETTELHEIM (C.) 1972 - "Cálculo Econômico e Formas de Propriedade", Lisboa, Publicações Dom Quixote.

BOLAFFI (L. G.) 1972 - "Aspectos Sócio-Econômicos do Planejamento Nacional de Habitação", tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, mimeo.

BRANDÃO (C. R.) 1976 - "Peões, Pretos e Congos: Relações de Trabalho e Identidade Étnica em Goiás", Goiânia, Departamento de Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás.

- CARDOSO (F. H.) e IANNI (O.) 1960 - "Cor e Mobilidade Social em Florianópolis", Brasileira, vol. 307, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- CASTELLS (M.) 1972 - "Problemas de Investigación en Sociología Urbana", Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores.
- COHEN (A.) 1974 - "Introduction: The Lesson of Ethnicity" in Cohen (A.), ed., "Urban Ethnicity", ASA - 12, Tavistock.
- COSTA PINTO (L. A.) 1953 - "O Negro no Rio de Janeiro", Brasileira, vol. 276, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- COUCEIRO (S. M.) 1971 - "Bibliografia sobre o Negro Brasileiro", São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- DA MATTA (R.) 1973 - "O Carnaval como um Rito de Passagem", in Da Matta (R.), "Ensaio de Antropologia Estrutural", Petrópolis, Vozes.
- DEGLER (C. N.) 1971 - "Neither Black nor White", New York, Macmillan.
- DOUGLAS (M.) 1976 - "Pureza e Perigo", São Paulo, Perspectiva.
- DURHAM (E. R.) 1973 - "A Caminho da Cidade", São Paulo, Perspectiva.
- EIDHEIM (H.) 1970 - "When Ethnic Identity is a Social Stigma", in Barth (F.) ed., "Ethnic Groups and Boundaries", Londres, George Allen & Unwin.
- ENGELS (F.) 1971 - "El Problema de la Vivienda", in Engels (F.), "La Guerra de Campesinos en Alemania y El Problema de la Vivienda", Buenos Aires, Editorial Claridad, p. 111-77.
- FERNANDES (F.) 1965 - "A Integração do Negro na Sociedade de Classes", São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2 vol. 1972 - "O Negro no Mundo dos Brancos", São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- FRANCO MOREIRA (M. S.) 1973 - "Estudo Sociológico de Comunidades", Revista de Antropologia 11 (1 e 2), junho e dezembro.
- GARCIA JÚNIOR (A. R.) 1975 - "Terra de Trabalho", dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GLUCKMAN (M.) 1975 - "O Material Etnográfico na Antropologia Social Inglesa", in Guimarães (A. Z.) org., "Desvendando Máscaras Sociais", Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

HARRIS (M.) e KOTTAK (C.)1963 - "The Structural Significance of Brazilian Racial Categories", São Paulo, Sociologia, XXV (3) p. 203-8.

HERTZ (R.) 1928 - "A Proeminência da Mão Direita", mim.

HUTCHINSON (H. W.)1952 - "Race Relations in a Rural Community of the Bahian Recôncavo", in Wagley (C.) ed., "Race and Class in Rural Brazil", UNESCO, p. 16~46.

IANNI (O.)

1962 - "As "Metamorfoses do Escravo", São Paulo, Difusão Europeia do Livro.

1966 - "Raças e Classes Sociais no Brasil", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

1975 - "O Colapso do Populismo no Brasil", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

KOTTAK (C.)S/D - "Race Relations in Arembepe", Columbia - Cornell - Harvard Illinois, Summer Field Studies Program, Department of Anthropology, Columbia University, mim.

LEACH (E.) 1954 - "Political Systems of Highland Burma", Boston, Beacon Press.

MARTINEZ-ALIER (V.) 1974 - "Marriage, Class and Colour in Nineteenth Century Cuba", Cambridge University Press.

MARX (K.) 1946 "El Capital", México, Fondo de Cultura Econômica, vol. 1.

NOGUEIRA (O.)1955 - "Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem", Symposium Etno-Sociológico sobre Comunidades Humanas do Brasil. Separata dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, p. 409-17.

PEREIRA (L.) 1973 - "Urbanização e Subdesenvolvimento", in Pereira (L.) org., "Urbanização e Subdesenvolvimento", Rio de Janeiro, Zahar, p.59-78.

PIERSON (D.)1971 - "Branços e Pretos na Bahia", Brasiliana, vol. 241, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

PUPO (B. B.)1971 - "Origem e Fundação de Campinas", in "Diário do Povo", Campinas, 03/02/71.

RAMOS (C. L.)1976 - "A Gente do Londres", dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, 2 vol.

RIBEIRO (R.)1952 - "Cultos Afro-Brasileiros do Recife - Um Estudo de Ajustamento

Social", Recife, Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Cap. IV, número especial.

SINGER (P.)1973 - "Economia Política da Urbanização", São Paulo, CEBRAP, Brasiliense.

VALLADARES (L. P.)1975 - "Favela, Política e Conjunto Residencial", (versão preliminar), São Paulo, CERU.

WAGLEY (C.) 1952 - "Race and Class in Rural Brazil", UNESCO.

ZIMMERMAN (B.)1952 - "Race Relations in the Arid "Sertão", in Wagley (C.), ed., "Race and Class in Rural Brazil", UNESCO, p. 82-115.

"CICERONE", Campinas, I. B.G.E., 1974, p. 5-9.

"CONSTRUÇÃO", São Paulo, 02/09/74.

"CORREIO POPULAR", 16/09/73.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

1970 - "Plano Preliminar do Desenvolvimento Integrado de Campinas", Estudos Setoriais, Campinas.

ANEXOS

ANEXO I: Formulário de Inscrição na Cohab

COHAB COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE CAMPINAS

Nº Tesom;1rj1 FICHA DE INSCRIÇÃO E Inscrição n.º

LEVANTAMENTO SOCIO-ECONOMICO Total de Pontos

Vila

Rua:

Nº:

Tipo de c a s a:

----- / ----- / -----

1 – IDENTIFICAÇÃO

Nome -----

Endereço -----

Bairro-----

Data de Nascimento

Sexo·

Estado Civil

Instrução

Tempo de residência no Município

Local de origem

Estado

11 - SITUAÇÃO PROFISSIONAL

Local de Trabalho

Endereço

Fone

Profissão

JNPS

Sindicato _

Salário Cr\$

Tempo de Serviço

Tp . Serv. Anterior

Meio de Transporte

(residência - trabalho)

Tempo de Percurso

III- SITUAÇÃO FAMILIAR

Nome da esposa

Data de Nascimento

Estado Civil

instrução

Local de Trabalho

Cart. Profissional n.º _ _ _ _ _ Série

Profissão

Salário Cr\$

INPS

Tempo Serv.

Núm.	N O M E S	Gr. Parentesco	Sex o	Data de Nascimento	Est.Civil	Instrução	Profissão	Temp. Serviço
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								

Total de Moradores

Irão

IV - DESPESAS MENSAIS

Alimentação Cr\$

Vestuário Cr\$

Outros Cr\$

Aluguel Cr\$

Transporte Cr\$

Total Cr\$

ANEXO 2

COHAB

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE CAMPINAS

Município

Projeto

LEVANTAMENTO SÓCIO ECONÓMICO

F I C H A D E I N S C R I Ç Ã O

1. Dados Pessoais

Inscrição N.º

N.º de

Tesourada

Nome

Endereço

Bairro

Naturalidade

Data de Nascimento

Sexo

Estado Civil

Instrução

2 - Situação Profissional

Local

Emprego

Endereço Profissional

Tempo de Serviço

Profissão Registrado I.N.P.S. Aposentado Conta Própria S a l á r i o
CR\$

Carteira Número Série Meio de Transporte Tempo de
Percurso
Profissional

2. Situação Familiar

Nome da Esposa Estado Civil Dat. De Nascimento Registrada
Local de Trabalho Profissão Salário

Núm.	N O M E S	Gr. Parentesco	Sex o	<table border="1"> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> </table> Data de Nascimento											Est.Civil	Instrução	Profissão	Temp. Serviço
1																		
2																		
3																		
4																		
5																		
6																		
7																		
8																		
9																		
10																		

4.Situação Econômica da Família

DESPESA MENSAL Renda Familiar (Responsável t- Cônjuge)
Alimentação Valor Bruto Mensal Desconto Prev. Social Valor
Líquido

Aluguel	CR\$	CR\$	
CR\$			
Transporte	R e n d a p e r c a p i t a	= Valor Líquido	CR\$
Diversas		Nº Pessoas	
TOTAL			

ANEXO III: Termo de compromisso com a Cohab

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE CAMPINAS - COHAB-CP "\

TERMO DE COMPROMISSO

_____, inscrito nesta COHAB, para aquisição de casa própria, tendo sido selecionado, em razão de sua atual situação socioeconômica, constante de sua ficha de inscrição, foi considerado em condições de adquirir uma casa nos Núcleos MIGUEL VICENTE CURY II etapa ou PERSEU LEITE DE BARROS, dependendo de

classificação final a ser feita pela COHAB, no tempo oportuno; que, concordando com os termos acima, se propõe a adquirir uma casa num dos citados núcleos, para o que declara: que não é proprietário de imóvel residencial neste Município; que tem conhecimento que o pagamento do financiamento que lhe será ' , concedido obedecera as normas estabelecidas pelo BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO; que assume desde já o compromisso de pagar pontualmente as prestações mensais e demais encargos decorrentes desta aquisição; que se obriga a conservar o imóvel que lhe será destinado, fazendo por sua conta e risco os reparos que se fizerem necessários, mantendo-o sempre em bom estado; que não poderá emprestar, alugar, ceder ou transferir o imóvel sem prévia e expressa autorização da COHAB-CAMPINAS; que se propõe a manter a ordem e boa convivência comunitária naquele núcleo habitacional; que as informações prestadas para o preenchimento de sua ficha de inscrição são verdadeiras.

Campinas,

PROMITENTE COMPRADOR

DSS/drs,

ANEXO IV. ROTEIROS PARA AS ENTREVISTAS

ROTEIRO NÚMERO 1: HISTÓRIA DE VIDA

Onde nasceu - quando. - Nome e ocupação dos ancestrais, a começar do mais antigo que conseguir lembrar.

Cor deles.

Infância - onde passou, se estudou, se trabalhou, com que pessoas se relacionava, situação da família.

Irmãos quantos, o que fazem.

Quando começou a trabalhar; em que.

Quem era escolhido para ter amizade, para namorar.

Locais em que morou, porque da mudança.

O casamento - o namoro, porque da escolha, reação das famílias.

O que significou o casamento.

Nome e características sociais e físicas dos principais amigos e namorados que teve e/ou tem.

Preocupação centrada em: Habilidade Social

Relações Sociais

ROTEIRO NÚMERO 2: A VILA

Quando foi para a vila. Porque quiz ir e como conseguiu.

Onde morava antes; como era o local; como eram as amizades

Se acha melhor ou não. Por quê.

Como foram estabelecidos os conhecimentos e amizades na vila. Por ordem, com quem ficou mais forte o relacionamento e por quê.

O que acha da vila. Se pretende sair ou não.

Como são as pessoas da vila: definição e classificação. Como se define na vila.

Vai a que locais da vila; para fazer o: que; com quem.

Pontos positivos da vila. Por quê.

Pontos negativos da vila. Porque

O que é ter prestígio; quem tem na vila; porque.

Se vai aos terreiros e benzedeiras da vila.

Opinião sobre o ambulatório da vila.

Opinião sobre as quermesses realizadas na vila .

Opinião sobre o bazar realizado na vila.

Preocupação centrada em: conjunto de representações a respeito da vila, dos moradores da vila e de si mesmo na vila.

ROTEIRO N^o 3: SITUAÇÃO FAMILIAR

Quantos filhos. De quem a decisão de ter filhos. Porque.

Quanto na família, estudam. O que.

Quantos na família trabalham fora: o que fazem, quanto ganham .

Gastos familiares.

Divisão do trabalho na família.

. Se a mulher trabalha; onde, desde quando, porque, se quer continuar e e porque, quanto ganha.

Se joga na Loteria Esportiva e porquê.

Se foi feita a reforma da casa, quando, como, porque, o que foi feito.

Se não foi, se pretende fazê-la, quando, porque. Quais as prioridades de reforma, porque .

Se tem divertimentos, quais, por quê.

Aspirações - quais, porque, como pensa em atingir .

Caracterização social e física dos padrinhos e compadres.

Preocupação centrada em: Nível real e aspirações de caráter socioeconômico

ROTEIRO N^o 4: RELACÕES SOCIAIS

Em cima do levantamento escrito por eles ou por mim descrevendo os encontros diários durante uma semana, perguntar:
quem é fulano de tal.

o que ele representa para você.

onde mora, o que faz, como vive, com quem.

. como é fisicamente (cor), qualidades - não qualidades.

Depois:

Você vai dar uma festa - quem convidará, por quê; quem não convidará, porque.

Você preparou um jantar - idem, idem.

Como se comporta em relação às amizades dos filhos; se controla, quais os critérios

Se, tendo crianças, deixa-as irem ao parquinho da vila

Quermesse ou bailinho na vila - se vai, com quem, por quê; se não vai, porque

No Ônibus: se escolhe ao lado de quem vai sentar-se, quem escolhe, quem evita. Se nota outras pessoas que escolhem, quem escolhem, quem evitam.

Relações no trabalho: com quem, como são, se encontra só no trabalho.

Perguntar sobre todos os "namorados", "paqueras" e "transas"; depois ir pedindo a descrição deles; onde moram, o que fazem, idade, cor •

Descrever fisicamente o parceiro – imaginar um parceiro

Preocupação centrada em: Caracterização social (e de cor) do conjunto de relações dos informantes. Formar o quadro possível, e desejável, dos parceiros amorosos.

ROTEIRO N^o 5: COR

Quais as profissões de maior prestígio: a partir das citadas, pedir para descrever como imagina fisicamente (cor) um profissional de cada uma

Quais as profissões de menor - idem, idem*

Descrever fisicamente {cor} como imagina:

uma pessoa que mexe com macumba, um padre, um prefeito, um membro da diretoria da Sociedade dos Amigos do Bairro, uma prostituta, uma "gente fina", uma "gente baixa"

Descrever uma briga real

Uma imaginária: quem está brigando, como são as pessoas, onde estão, o que dizem, o que acontece.

Descrever uma festa de aniversário:
real

imaginária

quem está, como são as pessoas, o que fazem, o que dizem, o que acontece.

Descrever um carnaval
real

imaginário, idem.

Descrever-se fisicamente (cor)

Porque as pessoas têm cor diferente.

.o que significa ter esta ou aquela cor.

O que é mulato.

o que é branco

o que é ser de cor.

o que é ser negro.

o que é ser moreno

O que significa negrice, se já ouviu falar.

O que é ser bem moreno

Preocupação centrada em:

Levantamento do conjunto de representações com relação a cor das pessoas.

DIARIO DE ENCONTROS DURANTE UMA SEMANA

DIA DA SEMANA

FALEI **COM**

ASSUNTO

